

Oferta
-0. NOV. 1998

ANO III N.º 147
9
MARÇO
1944
PREÇO AVULSO
ESC. 1\$50

MARIA DA GRAÇA

A vencedora da 1.ª etapa do nosso sensacional concurso

QUAL A VEDETA MAIS POPULAR DA NOSSA RADIO?

(VOTE PELA SUA FAVORITA | LEIA AS CONDIÇÕES DO CONCURSO NA PÁG. 23)



**VIDA
MUNDIAL**

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

RUA ESQUECIDA

111

O filho mais novo do Santinhos taberneiro chama-se Eduardo Luis, mas toda a gente lá da casa o conhece pelo «Põe-te em pé». Foi o Cidreira que o alcunhou assim, numa noite. O pai acabara de sovar o Eduardo Luis com toda a força bruta das suas mãos grossas. Tapona aqui, tapona ali, o catralo ia ao chão, chorando e gritando, mas levantava-se logo para apanhar mais.

Agora, já ninguém o trata por Eduardo Luis. É apenas o «Põe-te em pé». Mesmo na escola da menina Fernanda, onde ele vai sempre que o pai está bem disposto e a mãe não precisa de mandados — a miudagem só o trata pela alcunha.

É aquilo é uma risada perdida, perdida, quando a professora diz para um dos garotos para se pôr de pé e vir à lição. O «Põe-te em pé» levanta-se imediatamente...

Talvez por isso mesmo o rapazito não gosta muito do Cidreira. Olha-o, de lado, com uma cara de poucos amigos e, se pudesse, fazia-lhe uma partida todos os dias.

É certo que uma vez desforrou-se à sua maneira. Foi buscar um banco velho, manco, onde a mãe costumava escamar as sardinhas e colocou o banco no sítio onde o Cidreira se costumava sentar.

Foi uma festa na taberna do Santinhos. O «Batatinha» gritava que nunca tinha rido tanto na sua vida. E não se chegou a saber quem fora o autor da brincadeira. No seu canto, ao lado da pipa grande, o Eduardo Luis não tugia nem mugia...

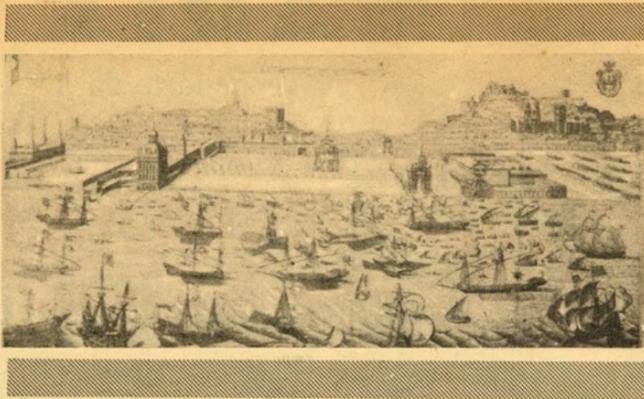
...Como está doente e não vai à escola da menina Fernanda, o «Põe-te em pé» passa agora o tempo à porta da rua, descobrindo coisas na calçada. Com uma calza de fósforos faz um combóio. Os pregos servem-lhe para esgaravatar os ouvidos sujos. Arranja dolas feitas de jornais velhos. E assim por diante. Um dia descobriu uma piúga perdida e esburacada e arranjou logo um barrete...

O «Põe-te em pé» ainda se lembra do tempo em que era mais novo e na calçada da sua rua havia um rol de coisas maravilhosas. Então, sim, valia a pena andar de gatas pelas portas vizinhas à cata de descobertas espantosas. Até uma pistola de lata e um boneco de pano que miava quando se apertava a barriga — ele encontrara nesses passeios...

Era muito pequenino — mas lembrava-se — havia sempre gente na rua e havia sol. O sol entrava quasi até ao pé do balcão. E a casa do pai nunca estava vazia. Nesse tempo, o Eduardo Luis não se chamava «Põe-te em pé» e apanhava menos tareias. O pai e a mãe quasi não tinham vagar para lhe baterem, de tão atarefados que andavam com o movimento da freguesia...

Hoje, não. Hoje, o «Põe-te em pé» pode-se deitar ao comprido sobre o balcão, porque tem campo para isso. Mas ele prefere estar à porta. Sobretudo de manhãzinha, quando os gatos andam pelos caizotes do liço. Os olhos dele seguem todas as reviravoltas dos gatos, acrobatas e rufides. Inveja-os, talvez. E a prova disso é que, um dia, perguntando a menina Fernanda aos catrales da escola o que eles gostariam de ser, um preferiam tornar-se militares, outros merceiros, outros ainda jogadores da bola ou aviadores. Mas o «Põe-te em pé» respondeu logo: «E cá quer ser gato!». Riram-se, mas ele ficou sério. Na verdade, gostava de ser livre, acrobata e saltão, como os gatos...

GENTIL MARQUES



Um grande acontecimento lisboeta em... 1619

Foi em 1619 que Filipe II resolveu visitar Portugal, o país usurpado, porque como bom príncipe, queria mais de perto observar os rogos dos seus súbditos.

Assim, mal ele anunciou o seu desejo de viagem, logo se prepararam programas triunfais de recepção. Os portugueses humilhados e acorrentados, dobraram-se aos pés do usurpador, lambendo o chão com matelgais e oferendas...

E basta dizer que ao princípio da sua jornada em terras lusitanas, Filipe II viu em Elvas um arco monumental, onde uma figura armada, simbolizando Portugal, segurava entre as mãos um coração de ouro com esta legenda, em latim: «Com ambas as mãos vos ofereço o meu coração».

Isso diz tudo. Portugal vendido, entregava-se sem pejo nem vergonha. Para que servia um passado de glória, uma nacionalidade conquistada a golpes de audácia, uma independência mantida, durante séculos, como um fogo sagrado?

Depois de Elvas, o monarca intruso passou a Évora, onde se demorou alguns dias, para assistir a um surpreendente auto-de-fé, em que foram queimados os corpos de oito mulheres e de quatro homens — tudo em homenagem ao ilustre soberano.

E, finalmente, a entrada oficial de Filipe II em Lisboa, fez-se no dia 29 de Junho de 1619. Ele chegou numa galé triunfalmente engalanada, num séquito de dóze outras galés, enviadas especialmente para guarda de honra.

A embarcação do monarca vinha ornamentada com sessenta galhardetes, ou seja o mesmo número dos remos — e, também como eles, dourados até ao meio.

Raras vezes Lisboa tinha presenciado um espectáculo tão impressionante.

O Tejo parecia um rio de maravilha, com os barcos todos embandeirados, em festa, e alguns de aspectos curiosos, representando tritões e golfinhos, baleias e serelas, etc.

O Rei e sua comitiva foram desembarcar num cais especial, construído de propósito na Praça do Paço, de então.

Imponente cais! Possuía vinte e seis pedestais, em redor. Sobre seis deles, assentavam estátuas em tamanho natural, imitando mármore autêntico e simbolizando Lisboa, o Zelo, a Verdade, a Fidelidade, o Amor e a Obediência. Cada uma, tinha um objectivo. Assim, Lisboa, de braços abertos, queria significar a alegria com que o monarca era recebido; o Zelo apresentava nas suas mãos o globo terrestre, uma profecia de largo alcance; a Verdade debruçava-se sobre um espelho, reflectindo a própria Verdade; a Fidelidade oferecia um prato cheio de corações, oferenda máxima da pátria e, por último, o Amor mostrava a sua língua de fogo... ardente.

Quando desembarcou, Filipe II viu-se saudado por toda a nobreza,

Lisboa tem o seu Jardim Zoológico e dentro dele, uma cadeia de macacos onde os animais se sentem talvez como gente. Um fotógrafo estrangeiro que há pouco passou por aqui, surpreendeu esta cena de ternura...

nos seus melhores e mais ricos trajes de gala. Eis uma descrição da época, no que diz respeito à apresentação dos Vereadores do Desembargo da Casa de Suplicação: «eles empunhavam varas douradas, vestindo garnachas de setim preto guarnecidas de passamanes de prata e ouro e fornecidas de branco e negros (cores da cidade), calças com panos de tela, roupetas de belo cetim preto onde brilhavam ricos botões de diamantes de que também se compunham as cadeias das górras».

Para acentuar o excepcional luzimento desta recepção régia, convém dizer que o rei espanhol passou sob desassete arcos do mais elevado gosto artístico e dum custo fabuloso.

E, por último, como apoteose, os jesuítas representaram uma trágico-comédia no Colégio de Santo António, em que chegaram a aparecer figuras enfeitadas com mais de mil diamantes e de duzentos rubis...

...Entretanto, pelas ruas e pelas aldeias e pelos campos, o povo português morria de fome...

ATENÇÃO ÀS NOIVAS...

Antes de casar repare nas unhas do seu noivo!

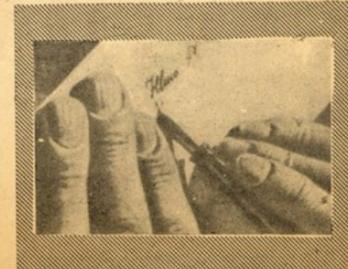
CREIA que é verdade, leitora amiga. Acaba de se criar uma nova ciência: a grafologia das unhas, que, nos últimos anos, tem sofrido uma acentuada progressão.

E, assim, a tantas ciências que nós já conhecíamos e que nos podiam ajudar a facilitar a descoberta e o bom êxito do futuro — juntemos, agora, esta nova modalidade.

Sobretudo, para as noivas, ela possui uma utilidade indiscutível. Duma maneira fácil, a noiva pode preaver-se, estudando de antemão o carácter do seu enamorado.

E antes de dar o passo decisivo — poderá julgar, em boa consciência, os prós e os contras.

Portanto, senhora dona noiva, atenção, muita atenção: leia com cuidado as instruções que lhe damos. Poderá formar logo o seu juízo. Se o noivo não tiver unhas... esperanças e que lhe satisfaçam — só lhe damos um conselho: recuar, recuar a tempo, e procurar outro



noivo. Deixe falar quem fala. Noivos não faltam. A questão é saber pescá-los...

Contudo, se quiserem experimentar, indo contra a lógica, paciência. Lá diz um rifaio chinês: — «Só há uma coisa pior do que uma mulher teimosa: é outra mulher teimosa».

E pôsto isto, exemplifiquemos o nosso ponto de vista, dividindo as unhas em 18 grupos fundamentais, com as suas características definidas. El-os:

- 1) Unhas arqueadas: — Temperamento sóbrio, irredutível, obstinado e honesto.
- 2) Unhas em tubo: — Pessoas alegres, sempre prontas a sorrir. Espíritos vivos e encantadores.
- 3) Unhas em leque: — Indeciso. Falta sempre a energia necessária.
- 4) Unhas em forma de telhado: — Imaginação variada e viva.
- 5) Unhas planas: — Pessoas sóbrias, pouco comunicativas, mas honestas.
- 6) Unhas estreitas: — Sujeitas a doença. Temperamento sexual.
- 7) Unhas quadradas: — Bondade. Gosto pelas Belas Artes.
- 8) Unhas côncavas: — Invejosas, espírito mesquinho.
- 9) Unhas em concha: — Entusiastas, mas infláveis e volúveis no amor.
- 10) Unhas onduladas: — Optimistas, ambiciosas, amigos desleais.
- 11) Unhas acinzentadas: — Carácter vivo, temperamento impressionável.

12) Unhas em trapézio: — Pessoas pacíficas, artistas.

13) Unhas em azeltona: — Amam o trabalho. São empreendedoras e auidazes.

14) Unhas simétricas: — Sem imaginação, pontuais e correctas.

15) Unhas redondas: — Espírito comercial, tendência para a deshonestidade.

16) Unhas ponteagudas: — Apaixonadas, amantes da Arte.

17) Unhas em meia lua: — Idéias tenazes. Espírito romântico.

18) Unhas estriçadas: — Pessoas audaciosas, muito sensíveis.

E aí tendes, leitora amiga, uma tabela que vos elucida bastante sobre o carácter do vosso noivo. Mas, cautela com as manucures. Elas podem ajudar-vos a enganar...



ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

SINCERAMENTE, não sei o que fazer. Estou doente, gravemente doente. Quis consultar um especialista, já que necessito de um tratamento melindroso, mas aconteceu-me este facto bem extraordinário: o senhor doutor recusou-se ver-me, porque, segundo me informou a enfermeira, tinha as horas tomadas até ao fim do próximo mês.

Como não podia esperar tanto tempo, procurei um outro, especialista também, e — outro facto bem extraordinário — repete-me mais ou menos a mesma coisa: que tinha as horas tôdas tomadas até ao dia 20.

Resumindo: aqui estou eu, doente, doente grave, sem um especialista para me tratar. A pergunta que ouso fazer é esta, apenas: Que será de mim se não puder esperar até ao dia 20 ou até ao fim do próximo mês?

UMA DOENTE

Já fica mal gastar mais palavras com essa malfadada Companhia dos Eléctricos. Mas, com franqueza, que

outra coisa podemos nós fazer senão falar mal de uma Companhia que se desinteressa totalmente do público que a mantém?

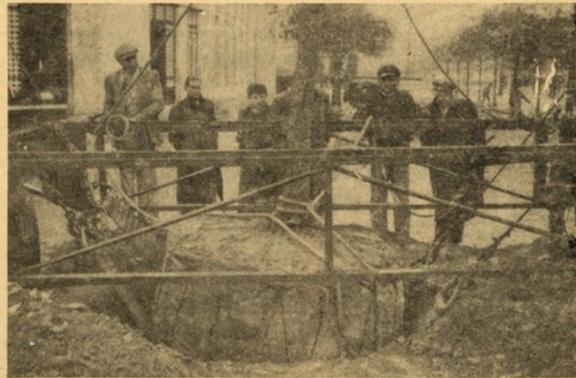
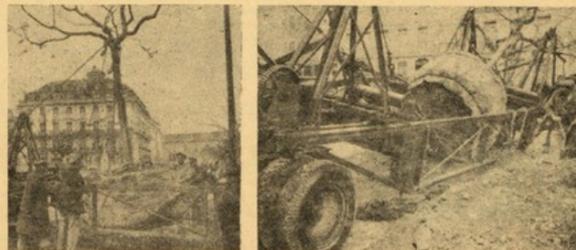
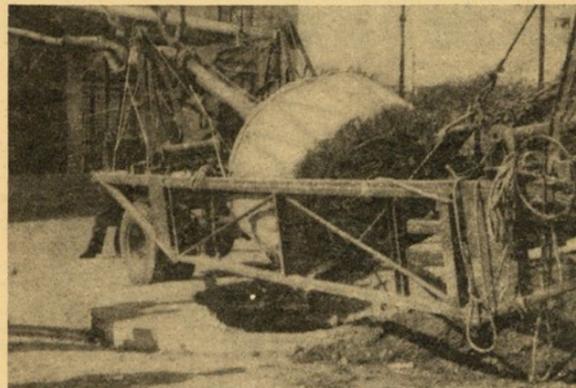
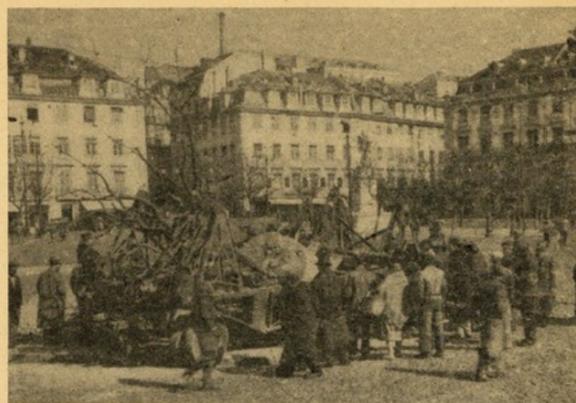
Mas vamos ao caso. Moro na Estrêla, e o meu intervalo para almoço, como o intervalo de todos os empregados, mal dá para chegar a casa, comer qualquer coisa à pressa e estar de novo no escritório à hora estipulada. Mas, se eu procuro cumprir o meu horário, a Companhia, pelo contrário, tudo faz para que perca o emprêgo. Carros para a Estrêla, lá passa um de longe em longe, mas de tão longe em longe que eu, na paragem de Alexandre Herculano, raramente o consigo apanhar. Em contrá partida, passam carros vazios para Amoreiras e para Saraiva de Carvalho. Mas que idéia é essa de carros para Saraiva de Carvalho quando, com mais um bocadinho, podiam chegar à Estrêla?

AMADEU TORCATO

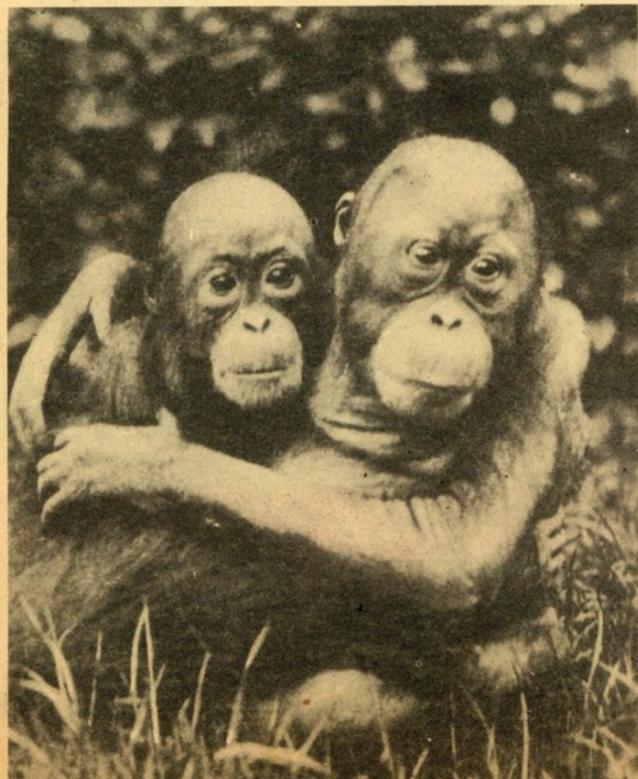
Na Avenida da Liberdade, ao lusco-fusco, os garotos entretêm-se a atirar pedras aos pobres dos pássaros que dormem nas pernas das árvores. Não pode haver espectáculo mais repugnante e mais bárbaro do que este. O que fazem os policiaes da área, que não procuram evitar estes descaetos?

A. SOUSA

ARVORES À TERRA!



A máquina tomou tudo à sua conta. Assim, por exemplo, o drama dos homens que trabalham a terra beneficiou do seu invento. Já não é preciso aplicar os músculos no cultivo das leiras nas aldeias, nem na cidade, para a transplantação das árvores. Ainda há dias, quem passava viu: andavam os homens da Câmara a arrancar acácias do Largo dos Prazeres, que plantavam no Cais do Sodré. Seródio passou por ali e recolheu estas imagens. A máquina transportou a árvore, de raízes envoltas em lona, e foi depositá-la cuidadosamente na grande cova aberta no passeio. Uma agora, depois outra — umas quatro mudaram dos Prazeres para a beira-rio...



É DA HISTÓRIA...

PODE dizer-se que muitas vezes, ao longo de semanas e semanas, se pôs a hipótese de paz separada entre a Rússia e a Finlândia. Os pontos de negociações apareciam, com efeito, de tempos a tempos — e o certo é que os desmentidos nem sempre apareceram muito espontâneos e breves nem se mostravam muito categóricos. A Finlândia entrou na guerra, efectivamente, em circunstâncias que lhe asseguraram uma posição diferente da que cabe naturalmente a qualquer dos outros Estados integrados num ou noutro dos dois blocos em luta. Em boa verdade, a própria Finlândia nem se considerou em guerra mais do que com a Rússia, nem obrigada na política do Eixo a ponto de subscrever os instrumentos político-diplomáticos que inspiram a coligação de que Berlim foi e continua a ser a cabeça. Nem a Finlândia se considerou por iniciativa sua, em guerra com os outros países que fazem guerra à Alemanha. A Grã-Bretanha e os Estados Unidos, por se uturno, fizeram o possível por evitar uma posição irreparável com um país que sempre lhes mereceu simpatia. Nos Estados Unidos, principalmente, apontava-se a circunstância de a Finlândia ser um dos raros países que pagavam pontualmente as suas dívidas — mesmo aquelas que mais ou menos passara a ser costume ninguém pagar...

No fundo, o que aconteceu à Finlândia foi um erro de cálculo. Os dirigentes de Helsínquia viram uma Alemanha vencedora, dominando todo o continente e impondo cheque gravíssimo à Rússia, inimiga tradicional e por assim dizer natural da própria Finlândia. A ocasião pareceu, por isso, assada para que os finlandeses, aceitando o aceno de Berlim para a «cruzada europeia», pudessem tentar a revindita das condições de paz que lhe tinham sido impostas em 1940. A volta que tudo levou é que, nessa altura, nem todos teriam o talento de prever. A Inglaterra fez frente à «Luftwaffe» no verão de 1940; em Junho de 1941 o Reich tinha que se bater finalmente em duas frentes do continente, embora uma fosse, apenas, aérea; no fim desse mesmo ano, o ataque nipónico punha os Estados Unidos na guerra. E o potencial de produção das três grandes nações coligadas pôde fazer face à gravidade dos golpes inicialmente sofridos e ressarcir-se deles. Daí para cá, em todas as frentes da batalha mundial, todos os grandes lances se têm desenvolvido em desfavor do Eixo. Com os exércitos da Rússia a romper já ao longo das fronteiras que lhe marcavam o seu limite territorial, em 1939, os finlandeses, instigados e aconselhados pelos Estados Unidos, sentiram que era a altura de tentar qualquer coisa. Não se dá precisamente — a paz. Mas, ao menos, sair da guerra. E fora de dúvida que as condições que se apontaram como tendo sido oferecidas pelo Governo de Moscovo ao delegado finlandês que, a título particular, tentou abrir caminho para as negociações oficiais foram consideradas, pelos comentadores de vários países, como bastante menos duras do que poderia presumir-se, embora seja certo que no seu conteúdo figurava uma cláusula que deixava para negociação ulterior, na capital soviética, alguns problemas que os finlandeses poderiam considerar essenciais. Principalmente, era uma incógnita que ficavam em suspenso, uma porta aberta para o que aprofundasse ao vencedor. Mas era, de um modo geral, apenas o restabelecimento da situação anterior à guerra actual, o restabelecimento do que fora preceituado, no acórdão de 1940. No fundo, porém, o nó da questão há-de ter sido outro: o que se refere ao armamento e desarmamento das dez divisões alemãs que se encontram na Finlândia. Como podem os finlandeses tentar a paz com tal força lá dentro?

Seja como for, o problema finlandês, além da sua significação militar, tem uma importância psicológica de primeira grandeza. A solidariedade das coligações impõe-se pela própria força da coligação. Hoje, o «pacto de aço», com a Itália fragmentada, invadida e, em parte, colaborando com o grupo ainda ontem adversário, pouco mais é que uma recordação, ao mesmo tempo que os exércitos alemães, como os japoneses, sofrem inegáveis revezes. Por isso mesmo, os que se deixaram atrair ontem pela imagem do poder triunfante vêem hoje esse poder debilitado e procuram naturalmente, rever à sua posição. Mas isto, em boa verdade, não traz consigo razão para surpresas. É da História.

J. R. S.



FINLÂNDIA

Dois nomes muito falados

DURANTE mais de duas semanas, as negociações para a paz russo-finlandesa ocuparam as colunas dos jornais de todo o mundo. E pode dizer-se que, não obstante o assunto ter sido retirado das conversações públicas, ainda hoje tem muito que se lhe diga. A Finlândia regressou ao ponto de partida — e a Rússia não saía de onde estava...

Nas negociações russo-finlandesas dois nomes, porém, sobressaíram —

menos, talvez, pelas suas próprias idéias e atitudes, do que pelo papel que representavam: Madame Kolontay e Paasikivi, os delegados dos países em causa — embora em casa visinha, pois as negociações efectuaram-se em Estocolmo.

Aqui vemos Madame Kolontay durante um jantar diplomático a conversar com o ministro americano Herschel Johnson, e, ao lado, o sr. Paasikivi.

NORUEGA

O INVERNO EM OSLO

A fisionomia de Oslo, desde 1940 sob a ocupação, mudou completamente. O porto deixou de ter movimento e cor, as ruas caíram num sistemático silêncio e as ruínas, aqui e ali descem como uma legenda trágica do tempo. A um canto do porto, um velho «destroyer» norueguês oferece a carcassa à voragem da ferrugem e por detrás dos raros armazéns escapados à explosão recente de um barco alemão — quasi tudo é silêncio e indiferença. De vez em quando, chega um barquito de pesca, pelas sujas e remendadas. É quasi sempre por volta do meio dia que eles surgem. E, então, são logo assaltados por uma multidão ansiosa e necessitada que não tem trigo para comer.

Nas ruas, eles passam de golas levantadas e mãos nos bolsos de uns fatos muito rafados, finísimos para proteger contra o frio glacial. Elas, as mulheres, trazem botas de cano alto, grandes capotes oleados de tons amarelados e, na cabeça, boinas de enormes pompons.

Às vezes, durante a semana, porque o frio aperta e a roupa escasseia, vão de calça ou calção de «sky» e «pull-overs» guarnecidos de renas. De resto, tudo isso chega a ser mais elegante do que os próprios casacos já com cinco anos a bater...

O espectáculo, no Inverno, começa às 14 horas. A circulação quasi desaparece nas ruas sem luz. Só os camiões militares alemães rolam sobre o asfalto desdentado e, às vezes, um ou outro «autobus» a gazogénio que de semana a semana con-

duz os operários às fábricas ou os desportistas a Holmenkollen. As grandes avenidas estão desertas, os estabelecimentos têm ainda alguns pares de «skis» para vender mas os patins desapareceram com as botas de montanha e os fatos impermeáveis.

Os restaurantes, mal aquecidos, são pouco frequentados, pois só de vez em quando se sentam em grupo três ou quatro comensais, diante da sopa de peixe quente, que é o prato mais barato. Soberbas «villas» estão para alugar por um pedaço de pão, no Bairro dos Embaixadores e, diante do Teatro Nacional, um ibsen de capote de neve vê melancolicamente deslizar as tristes raparigas norueguesas, de calças e a blusa do trabalho obrigatório, e os novos ocupantes das antigas repartições de Estado.

A neve e o silêncio deram-se as mãos. São elas a mais nítida presença.

Enfim, o domingo é um pouco diferente. Os cidadãos evadem-se e correm sobre a neve e são os pinheiros esgulos. Para o campo partem em grupos, com a merenda na sacola, porque nos restaurantes dos arredores já não se come. Homens e mulheres de idade, rapazes e raparigas confraternizam e comunicam-se as mágoas comuns. Depois, o sol desce, a noite principia a erguer-se e os noruegueses regressam a casa, se não têm lâmpadas eléctricas — supremo luxo que caro se faz pagar!

No regresso a casa, os nomes preferem descer às caves à procura de notícias pela rádio ou recebem dos amigos algum dos muitos jornais tão clandestinos como as notícias da rádio.

Essas informações e o espírito de indomável resistência alimentam, ainda assim, uma grande esperança aos noruegueses que esperam ansiosos a Primavera — porque ela lhes trará grandes novidades!

CHINA O PRIMEIRO AVIADOR CHINÊS QUE ABATEU UM AVIÃO ALEMÃO



PODE parecer estranho, mas não é: nas forças aéreas americanas há um chinês. E esse chinês está na Grã-Bretanha. Chama-se Wau-Kang-Kong e é tenente — e coube-lhe imensa honra: abateu o primeiro caça alemão.

Os jornais ingleses dizem que o afortunado aviador — ele

é quem assim se confessa, claro — regressava de um bombardeamento a Frankfort, com o encargo de escoltar os bombardeiros, quando viu um «Fock-Wulf 190» a 27 mil pés de altura, preparando-se para atacar os bombardeiros americanos. Os inimigos desceu, então, a 17 mil pés e o tenente Kong lançou-se em sua perseguição.

Eis como ele se exprime:

— Descarreguei as metralhadoras e vi as rodas da frente do aparelho in-

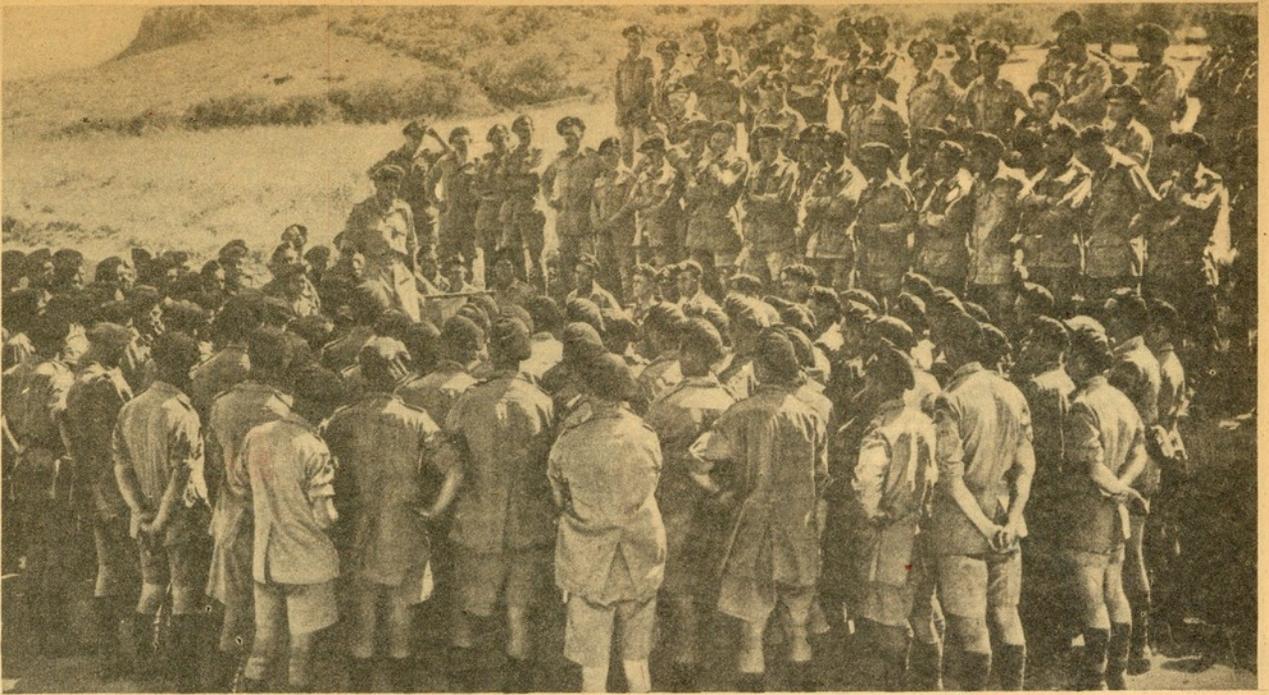
migo soltarem-se da fuselagem e caírem. Depois, tive que mudar de rumo a toda a velocidade para evitar uma colisão com o inimigo sem governo...

Problemas do após guerra...

ENQUANTO a China continua a lutar contra os invasores, a sua juventude adentra-se na solução dos problemas que virão depois da paz, no campo político, social, científico, artístico e literário. Para isso, esses jovens acorrem aos Estados Unidos. E ali participam das lições aos americanos e se reúnem em tertúlias. A primeira estabeleceu-se em Nova-York, em 1942, havendo hoje, nada menos de 40, em diversos pontos dos Estados Unidos. Nelas comparecem e falam figuras gradas do mundo sino-americano, entre as quais a sr. Roosevelt, o dr. Wei Tao-Ming, embaixador na América, e James Yen, fundador do movimento educativo da China.

Os estudantes são recebidos nas repartições públicas e nas grandes empresas, pois muitos cursaram escolas superiores no seu país ou nos Estados Unidos, de modo que a aprendizagem técnica é por assim dizer uma consolidação de muitos conhecimentos já adquiridos e adaptados à vida moderna que a China se prepara para viver.





INGLATERRA

MONTY o general mais popular da Inglaterra

DESDE que regressou a Londres, depois de ter comandado durante dezoto meses o Oitavo Exército Imperial na sua marcha prodigiosa desde as proximidades do Nilo até às proximidades do Tibre, o general Montgomery (Monty na designação familiar dos seus compatriotas) ainda não deixou de ser alvo de ovações entusiásticas em todos os pontos onde aparece.

Diga-se, de passagem, que Monty aparece nos mais diversos e estranhos pontos, e que as manifestações que os ingleses prodigalizam sempre que a sua figura angulosa surge, no camarote dum teatro ou à mesa dum restaurante, lhe são particularmente agradáveis. O general, cuja celebridade excedeu há muito as fronteiras do seu país, adora a popularidade. Cultiva-a com cuidados e mesmo com refinamento.

Não falta, em Inglaterra, quem considere isso um defeito. Mas os admiradores e as admiradoras do general são incontáveis. E uns e outras fazem-lhe um ambiente irresistível de simpatia que tornou há muito Monty uma figura verdadeiramente nacional.

AS ORDENS DO DIA

Montgomery celebrou-se com as suas ordens do dia. A ordem do dia de Monty é a modalidade que o ge-



neral encontrou para cultivar a popularidade entre os seus subordinados, geralmente menos inclinados do que a multidão dos civis a apreciar os gestos teatrais e as decisões fortes. Mas, caso curioso, os soldados do Oitavo Exército revelaram-se tão sensíveis aos gestos e às palavras de Montgomery como as mais lindas mulheres de Londres.

A idéia central do general quando se trata de estabelecer contacto com os seus subordinados, é a de lhes inspirar uma confiança total. Esse resultado tem sido, até agora, plenamente atingido. Mais curioso do que isso é que não são apenas os soldados de Montgomery que o adoram. Os seus oficiais, e entre eles contam-se alguns dos mais ilustres e experimentados do exército inglês, têm por ele uma admiração que, na quasi generalidade dos casos, toca as rasas do fanatismo mais espectacular e persistente.

O CAMINHO DA VITÓRIA

Seria, porém, ingenuidade supor que estas aparências de frivolidade, que são tipicamente exteriores, coincidem em Montgomery com a ligeireza no pensamento ou a improvisação na acção. De todos os generais revelados por esta guerra, ele é, sem dúvida, o que mais demoradamente planeia as suas batalhas e mais escrupulosamente acompanha o desenvolvimento destas em todos os pormenores. Falando há alguns dias, para se referir à abertura da segunda frente, no ocidente da Europa, cujo êxito depende em grande parte dele, Montgomery recordou aos soldados do seu novo comando que ainda não desencadeara uma batalha sem ter a certeza de a vencer.

A verdade é que, de todas as coisas contingentes do mundo, uma ba-

talha é com certeza a mais contingente. Napoleão costumava dizer que todas aquelas em que tinha participado apenas se haviam ajustado aos projectos iniciais durante as duas primeiras horas. Mas com Montgomery a possibilidade de risco é, de facto reduzida ao mínimo pela satisfação prévia de duas condições: uma superioridade aérea esmagadora sobre o inimigo e um serviço de abastecimento impecável.

A SEGUNDA FRENTE

Montgomery confia nos seus auxiliares com a mesma cegueira, com que todos eles o seguem. Para lhes dar satisfação, quando recentemente foi transferido do comando do Oitavo Exército para o Comando do grupo de exércitos britânicos que vão tentar a invasão da Europa pelo ocidente, pôs como condição indispensável que o acompanhariam aqueles que o haviam ajudado a vencer em Alamein, na Tunísia e na Sicília.

Por outro lado, a sua irredutibilidade em relação a outras personalidades militares é absoluta, quando julga que não pode confiar nelas. Essa irredutibilidade é então levada às últimas consequências. Foi o caso, por exemplo, do chefe das forças canadenses estacionadas na Grã Bretanha, general Mac Naughton, que, sob o pretexto de doença, regressou ao seu país apesar de gozar dum imenso prestígio. A razão do seu afastamento foi a sua incompatibilidade com Montgomery que, por este trago, como se vê, não é facilmente levado a adoptar as opiniões alheias.



ESTADOS UNIDOS

A sr.ª Roosevelt, dona de casa

OS jornais de todo o mundo falam, há cerca de um ano, da pitoresca figura de Mrs. Betty Crutwell, ex-lavadeira de Filadélfia, amiga de longa data da esposa do Presidente dos Estados Unidos e uma das feministas mais evidentes da América. Enviada pela sr.ª Roosevelt a Londres, em 1941, ali organizou com os ingleses a evacuação das crianças e mulheres das cidades e centros industriais ingleses, sendo recebida com honras particulares pela rainha Elisabeth.

Pois bem: foi esta senhora que, há semanas, convidou, por sua vez, a primeira dama dos Estados Unidos, a passar vinte e quatro horas no Refúgio das donas de casa americanas, em Filadélfia.

Os estatutos desta Casa são extremamente severos. As pensio-nistas, tanto como as suas convidadas, devem levantar-se às 7 horas, arrumar as próprias os seus quartos, lavar a sua roupa, ajudar a preparar o almoço e a arrumar a cozinha.

Durante a sua presença em Filadélfia, a sr.ª Roosevelt participou de todos os trabalhos. Depois, às 17 horas, perante todas as pen-

sionistas, fez uma pequena palestra que causou sensação nos Estados Unidos.

Eis as suas palavras — em resumo:

«Mulheres donas de casa, vós sois os pilares da sociedade norte-americana, pois que, no nosso país, cada mulher que se respeite é, ou poderá vir a ser, uma dona de casa. Dirijo-me, portanto, a vós para vos pedir que renunciéis às vossas reivindicações, mesmo as mais justas, e que constatais todos os sacrifícios exigidos pelos acontecimentos e pela nossa situação. Dareis, assim, um exemplo a todas as americanas e americanas e sereis as verdadeiras vanguardistas das lutas políticas e sociais que nós conduziremos para um futuro melhor».

O voto que se seguiu recomendava a todas as mulheres — perante 3.000 falou a sr.ª Roosevelt — donas de casa americanas, que lutassem contra o desperdício de matérias-primas e dos géneros de primeira necessidade. De não ir para a greve, mesmo em caso de desacôrdo com os patrões, e de consentir na redução de salários, quando um membro da família seja mobilizado.



ALBERTO SOUSA

FACE rosada de inglês, lunetas cavalgando o nariz, aguarelista exímio... Já adivinharam quem era? Pois é esse mesmo: Alberto Sousa. A sua biografia artística pode escrever-se — raro privilégio dos homens de talento — com três palavras. Ei-las: «É um Mestre!». O resto é, de certo modo, supérfluo. Evocador dos velhos monumentos, dos velhos mosteiros, das velhas estalagens, dos velhos interiores de igrejas, dos velhos trajos e costumes portugueses, nas suas mãos a arte luminosa da pintura vibra, palpita, lateja como coisa viva e eterna. Quem escreve estas linhas tem procurado ser sempre na vida uma pessoa honesta. Pois quando entro numa exposição de Alberto Sousa, só lhe não roubei ainda um quadro — com receio da polícia... Porque o não compra? — dir-se-á. Porque uma aguarela de Alberto Sousa — não há dinheiro que a pague...

À maneira de Virgínia Vitorino

...E passei nesta luta heróica, intensa, Meses e meses... «Não sei se vá, se não... Quando surge uma tal confusão Não há ninguém, por forte, que a vença.

Dizia-me baixinho a Ilusão:
— «Vai! Ganhas dinheiro. É cá uma creença!»
Mas numa voz dominadora, imensa:
— «P'rá Emissora, nunca...» — gritava-me a razão.

Ir para quê? Não, não irei afinal.
Mas eu farei bem? Espera... Eu faço mal...
Que turbilhão de coisas eu pensei!

Acabei por ir. E quando já lá estava
E vi enfim, senhora!, quanto aquilo dava,
O que eu chorei, Deus meu! O que eu chorei!

Os jornais de Lisboa

ASSISTI recentemente a uma cena que não resisto à tentação de lhes contar. Atravessava eu uma das ruas da cidade quando, de súbito, um grupo no qual se discutia com aguerriada vivacidade, chamou a minha atenção. Em volta tinham-se juntado algumas dezenas de pessoas. Eu não costume ser curioso — tanto mais que a curiosidade nos traz, por vezes, cruéis decepções — mas, ainda não sei bem porquê, aproximei-me e parei para ver do que se tratava. Há coisas que só vistas se acreditam; e por isso creio que muitos, porque o não viram, duvidarão daquilo que eu vi. Ora o que eu vi foi nem mais nem menos do que isto: os vários jornais diários de Lisboa discutindo uns com os outros qual d'elles tinha maior expansão. Pus-me a escutá-los.

— Sou eu que bato o record — dizia o *Diário de Notícias*. — Ninguém se expande mais do que eu!

— Em Lisboa, talvez — respondeu logo o *Século* — mas na provincia não me ganhas...

— Perdão... — interveio a *República*. — A provincia está comigo. Se queres, mostro-te a lista dos assinantes!

— Olá, menina! — exclamaram as *Novidades*. — Isso de assinantes é piada! Olha que só em Braga, no bairro da Sé, tenho 14...

— Que eram meus! — gritou a *Voz*. — Mas assim mesmo tomaras tu ter metade da minha tiragem!

— Presunção e água benta — ripostou o *Diário Popular* — cada um toma a que quere...

— E é isso mesmo — proclamou o *Diário de Lisboa*. — Enquanto tu tiras quinze exemplares, tiro eu 16...

— Prudência, muita prudência — comentou o *Diário da Manhã*. — Não nos hostilizemos. Quisesse eu falar e quem levava a palma a todos era eu...

— E eu... — resmungou o *Jornal do Comércio*.

Por momentos os ânimos serenaram; mas de novo a discussão recommençou, impetuosa; inesperadamente saltou uma frase mais dura; o caso azedou-se; e eis senão quando estávamos em plena desordem, com gritos e apitos.

— A policia? A policia — suplicavam os pacíficos transeuntes justamente alarmados.

Por fim a policia chegou. Era o *Diário do Governo*. E, do alto da sua vasta autoridade official, o *Diário do Governo* proclamou:

— Estão todos presos. Quem os venceu — fui eu... Queiram ou não queiram, todos têm de me ler!

E fez conduzir com gravidade os desordeiros ao Governo Civil, onde deram, amarrotadamente, entrada — no cesto dos papéis...

REMÉDIOS



Em Freches, termo de Trancoso, um rapaz, sentindo-se doente, foi consultar uma «mulher de virtude». A mulher viu, examinou, apalpou — e diagnosticou. O rapaz tinha a «espinhela caída». Terapêutica a seguir: devia pendurar-se pelos braços numa árvore até que a «espinhela» voltasse ao seu lugar. O rapaz assim fez — mas com tanta infelicidade que a árvore esgalhou e elle veio estatelarse no chão com os ossos num feixe.

Moralidade: quando consultarem uma «mulher de virtude» cumpram á risca o que ella diz — mas cautela com a botica onde aviarem as receitas...

BRANCO, NEGRO E CÔR DE ROSA



Sôbre a mesa onde traço estas linhas acabo de posar, junto dum ramo de violetas, o último romance de João Amaral Júnior, escritor infançável e senhor de brilhantes qualidades para o género. O livro lê-se como quem toma uma taça de «champagne». Tem picante, efervelescência — e espuma. Chama-se «O Livro negro da Virgem Branca». Apenas me permito fazer uma ligeira observação, porventura inútil mas também inofensiva: o «Livro Negro da Virgem Branca» não será, no fundo, o livro branco — duma pecadora côr-de-rosa?

UM CONSELHO DE RAMALHO



Já que falei de livros não resisto a transcrever da recente edição dos «Banhos de Caldas e Aguas Minerais» livro que todos deviam ler — esta

passagem aconselhável: «Quantas pessoas que acordam apreensivas e doentes se não curam inteiramente, ou não melhoram dum modo considerável, banhando-se com água fresca perfumada com água de colônia, barbeando-se, tirando a caspa, vestindo uma camisa lavada, pondo uma gravata fresca, metendo uma flor na casa da jaqueta, e indo ler, ao ar livre, debaixo das árvores, um bom livro alegre e saudável como os de Dickens!»

De acôrdo. Apenas peidrei licença à gloriosa memória de Ramalho Ortigão para substituir «um bom livro alegre e saudável como os de Dickens» pelas «saúdáveis e alegres páginas da «Caçada da Glória» — sem réclame, é claro...

ANDRÉ BRUN E O APERTÃO



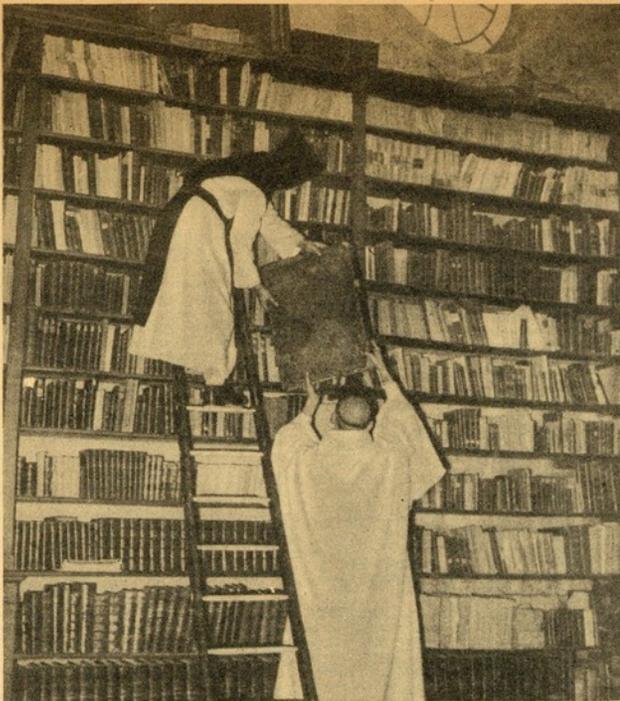
Um dia André Brun esperava um eléctrico para o Conde Redondo, onde morava. O eléctrico appareceu — mas vinha completamente cheio.

Melhor ou pior, o humorista, magro como era, conseguiu instalar-se na plataforma da retaguarda, embora comprimido entre um sujeito gordo e uma senhora dos seus vinte e cinco anos, ar fresco e simpático — e de boas formas. A certa altura, a rapariga reparou que estava a apertar demasiadamente o seu magro companheiro de viagem, voltou a cabeça e com a expressão mais amável do mundo, exclamou:

— Queira desculpar eu estar a apertá-lo tanto...

Logo André Brun com o melhor sorriso do mundo:

— Oh! minha senhora. Eu até lhe agradeço...



Uma biblioteca enorme no sub-solo de Paris...

Esta é a célebre Biblioteca da «Trapa», a congregação religiosa que vive no sub-solo de Paris.

A Biblioteca da «Trapa» é composta de mais de vinte mil volumes, a maioria dos quais são raros em todo o Mundo.

Só os veteranos da «Trapa» ali podem entrar, sem autorização especial. O irmão Bibliotecário é um antigo sábio francês, de grande renome internacional, que foi esconder sob a designação de «Frère Dominique» uma vida, um drama e um desespero...

Empresta os seus livros?

Então siga este exemplo...

ENTRE as muitas e variadas cartas que recebemos, há sempre algumas que despertam a nossa atenção.

É esse o caso duma carta que recebemos de Amadeu Silva, leitor da «Vida Mundial Ilustrada», desde o seu primeiro número.

Conta-nos Amadeu Silva, numa prosa pitoresca e interessante, que é um inveterado leitor e comprador de livros. E como espírito desempoeirado, gosta de emprestar os seus livros, para — como ele próprio escreve — contribuir, dentro das minhas possibilidades, para a cultura das massas.

Todavia, Amadeu Silva, conhecedor dos tratos de polé que sofrem os livros emprestados, quando não emprestados na expressão de Calino — lembrou-se de juntar a todos os livros que empresta uma curiosa advertência ao leitor. E nós não resistimos à tentação de a transcrever. Aliás, vamos ao encontro do leitor.

Gosta de emprestar os seus livros? Então repare nos conselhos de Amadeu Silva. Eis a sua

ADVERTÊNCIA AO LEITOR:

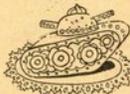
Um livro não se deve encerrar, nem encarcerar eternamente numa estante. Deve fazer-se girar, circular, espargir a sua essência por todos aqueles que a procuram, por aqueles que a sua magra dôsa lhes não permite adquirir-lo.

Entre os trabalhadores, é reduzi-díssimo o número dos que possuem pequeninas bibliotecas particulares privadas. Estes, devem, entre si, facultar a consulta e leitura das suas obras, e, especialmente, aos que as não possuem.

Mas, quando se solicita um livro, deve haver a necessidade urgente da sua consulta ou leitura, sem cometer o abuso da sua demora, observando rigorosamente as condições seguintes:

- 1.ª — Conservar o volume limpo, evitando a inutilização de qualquer página, ou abri-lo desnecessariamente.
- 2.ª — Quando haja inutilização total de folhas do texto, ou extra-visto, ficará o leitor obrigado a substituir o volume por outro, igual ao recebido.

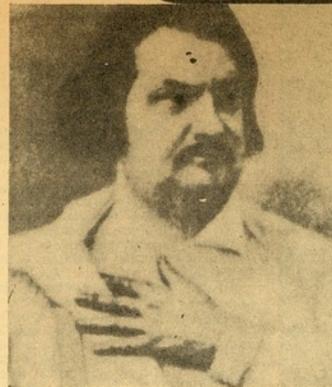
Bombons em forma de tanks



A psicose bélica assumiu, na América, tais proporções como ainda nem na Europa se manifestaram. Últi-

mamente, os diligentes fabricantes de bombons lançaram no mercado rebuçados e chocolates em forma de «tanks», navios de guerra, bombardeiros, pistolas, etc., e que são avidamente procurados pelas crianças americanas. As fábricas «de bom-gosto», que até agora, quiseram evitar esta moda, vêem-se obrigadas, uma após outra, a renunciar à sua atitude pacifista, visto que as crianças preferem cada vez mais os rebuçados bélicos. Certa fábrica que ganhou quantias astronómicas, adquirindo o exclusivo de bombons em forma de anões de «Branca de Neve», segundo o famoso modelo cinematográfico de Walt Disney, continua a encontrar-se à testa das suas concorrentes, devido a ter empregado um oficial retirado, com a incumbência especial de determinar que os novos bombons correspondam exactamente, em todos os pormenores, ao original das diferentes máquinas de guerra.

- 3.ª — Cada volume terá um limite máximo de permanência na mão do leitor, que será rigorosamente observado.
- 4.ª — O limite será estabelecido, termo médio, em períodos de (5) cinco dias para cada (100) cem páginas.
- 5.ª — Concluída a leitura do livro, este será imediatamente devolvido ao Bibliotecário.
- 6.ª — Seja sob que pretexto for, nunca o leitor poderá dispor do livro ou emprestá-lo a terceiros sem conhecimento do Bibliotecário.



Quando BALZAC era criança...

FOI uma irmã de Balzac, Laura Surville, que trouxe revelações curiosas e sugestivas sobre a infância do imortal autor da «Comédia Humana».

Começamos por saber que Balzac deveu o seu nome próprio ao dia em que nasceu. De facto, éle veio ao mundo em Tours, a 16 de Maio de 1799, dia de São Honorato.

Quando se procurou um nome para dar ao recém-nascido, encontrou-se precisamente o do seu padroeiro, ainda inédito na família, mas que reuniu a maior parte das preferências. E éle ficou, para toda a vida, Honorato de Balzac.

A sua infância não teve muitos acontecimentos excepcionais. Foi criado, em companhia de Laura, na casa duma camponesa dos arredores, «*Mulher de bom leite e de bom sangue*».

Só aos quatro anos de idade regressou a casa. Era, então, um menino forte, chelo de birras.

Entregue aos cuidados duma governante severa, de princípios rígidos — Mademoiselle Delahaye — o pequeno Honorato recebeu uma educação pré-primária que não lhe serviu de grande coisa para a sua vida futura.

Dêse tempo, uma recordação, porém, o acompanhou sempre: os momentos em que Mademoiselle Delahaye o arrastava ao quarto de sua mãe para dar os bons dias ou as boas noites.

A própria Laura Surville conta nas suas «Memórias»: «*Esses momentos, para nós, eram absolutamente cerimónias solenes, ainda que se repetissem todos os dias*».

Contudo, por paradoxal que pareça, isso valia apenas como um costume daquele tempo. Madame Balzac submetia-se de má vontade às exigências educacionais da governanta dos filhos.

Ela amava-os. Sobretudo, adorava o pequeno Honorato e, às escondidas, enchia-o de mimos e de ternuras.

Basta dizer que Balzac morreu amparado nos braços da doce velhinha que era sua mãe. Durante toda a vida ela não desamparara o filho querido e, aos sessenta e dois anos, chorava lágrimas ardentes pela perda daquele que fora o seu orgulho e a sua glória...

Voltemos, porém, à infância de Balzac. De maneira alguma o menino de então revelava o espírito fecundo e criador, rico de observação, que o havia de immortalizar mais tarde.

Não, quando criança — Balzac era um menino banal, nem inteligente, nem estúpido...

Só depois, quando seu pai — um velho magistrado que acabou como director dum hospital em Tours, mas que poderia ter acabado como um grande fidalgo se quisesse bajular e adular aqueles que o governavam — o tomou sob a sua vigilância e o foi instruindo dentro do seu critério de homem sábio e prático. Incontestavelmente, «as suas conversações sérias, as suas histórias bem curiosas, educaram seu filho na ciência da vida, oferecendo-lhe motivo para vários livros».

Mesmo na escola, o pequeno Honorato não se diferenciava dos outros companheiros, mais cábulas ou menos espertos...

Conta-se até que, estando no apogeu da sua glória de romancista, Balzac tinha a veleidade de ser um bom grafólogo. Um dia trouxeram-lhe o caderno primário dum garoto. Balzac olhou, estudou a letra e fez o seu juízo. «*Mau génio, temperamento irrequieto, espírito nulo, péssima educação. Não será nada na vida*».

Simplemente, disseram-lhe depois que aquêle caderno lhe pertencia — um caderno dos tempos distantes, em que Balzac era criança e andava na escola...

As mulheres inventaram outro penteado...

Ei-lo. É bem bonito, sugestivo... e saboroso. Porque não? Basta dizer que neste novo penteado, entram frutas maduras e apetitosas. Sim, leitora. Frutas e flores. Quereis visdo mais bela do que uma mulher linda, trazendo sobre os cabelos um cacho de uvas, algumas laranjas, umas maçãs, um ramo de violetas, camélias e folhas de eucalipto?



ENCONTRA-SE PRISIONEIRO NO CAIRO?



Foi John Parris, correspondente diplomático da «United Press», que espalhou aos quatro ventos esta bombástica informação telegráfica: «O Rei Pedro da Iugoslávia encontra-se, virtualmente, prisioneiro no seu quartel general no Cairo».

A ser verdade, pode dizer-se que a detenção do monarca sud eslavo é a consequência duma série de rivalidades pessoais e duma cadeia de acontecimentos desagradáveis que os homens políticos interessados nos destinos da Iugoslávia não souberam ou não quiseram evitar.

Façamos um pouco de história: Quando, em 1941, os alemães pareciam invencíveis, os iugoslavos, apesar de derrotados, não hesitaram em desafiar os nazis e os fascistas para uma luta que se revelaria interminável e muito sangrenta.

Pouco tempo depois, Mikhalovitch formava um exército de guerrilheiros com os restos das formações regulares do antigo exército sud eslavo. Todavia, passados alguns meses, começou a falar-se doutro chefe de guerrilheiros que se encobria sob o pseudónimo de Tito. Em face disto, o governo de Berlim viu-se obrigado a enviar para os Balcans o marechal

Rommel, a quem foram dados plenos poderes para exterminar os guerrilheiros e os seus chefes, cujas cabeças foram postas a prêmio avaldadas em 100.000 marcos cada uma.

Porém, ultimamente, a guerra na Iugoslávia transformou-se numa batalha de comunicados em que os partidários acusam Mikhalovitch de «traidor e colaboracionista», e os Chetniks contra-atacam declarando Tito «comunista e assassino». Tito revoltou-se contra o Jovem rei Pedro e o seu gabinete do Cairo, e formou o novo.

O rei alarmado, declarou favorecer um plebiscito em que o povo iugoslavo escolheria, depois da guerra, o governo que mais lhe agradasse. Tito secundou essa moção. Mas, a questão complicou-se por haver na Iugoslávia três correntes absolutamente distintas, visto que, enquanto Mikhalovitch quer «uma monarquia constitucional», e Tito deseja «uma espécie de república socialista soviética», a maioria dos iugoslavos tende para uma forma de república democrática semelhante à americana.

Contudo, a complexidade do problema não fica por aqui em virtude de alguns partidários de José Broz, o marechal Tito, quiserem uma república e outros desejarem a monarquia. Por outro lado, na facção de Mikhalovitch também há republicanos; o que não existe, indiscutivelmente, é comunistas.

Nas semanas que precederam o ataque alemão à Rússia e mesmo durante muito tempo depois, o único caminho que parecia aberto aos Aliados era o apoio a Mikhalovitch e à monarquia constitucional por que este se batia. Mas, à medida que os meses passavam, a Rússia começara a fazer alarde do seu potencial militar e os soviéticos, até certo ponto, adquiriram maior respeitabilidade política.

Deste modo, o prestígio russo aumentou consideravelmente entre os povos balcânicos que esperavam em vão a libertação que os ingleses e americanos lhes haviam prometido;

mas, Mikalovitch, que, no fundo, além de anti-comunista, é racista e um militar descendente de famílias burguesas, não era a pessoa indicada para colaborar com os soviéticos. Por isso, estes resolveram apoiar Tito, que lhes poderia ser mais afeiçoado durante a Guerra Civil Espanhola contra as forças do general Franco. O auxílio soviético foi tão importante que Tito pouco tempo depois dispunha de 200.000 soldados bem organizados em unidades disciplinadas, ao passo que os Aliados chegavam à conclusão de que as forças de Mikhalovitch nunca tinham excedido os efectivos de duas divisões — 30.000 homens aproximadamente.

Seguindo esta evolução, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos passaram também a apoiar o marechal Tito e tanto Churchill como Eden já anunciaram a existência duma missão militar britânica no quartel-general do marechal iugoslavo. Em fins de 1943, Tito criou o «Conselho Anti-Fascista do Movimento de Libertação Nacional», e organizou um governo, nomeando um presidente, cinco vice-presidentes e um parlamento de quarenta membros, ao mesmo tempo que publicou uma nova constituição.

Em face de todas estas medidas que o punham de lado, o rei Pedro parece ter querido entrar em negociações directas com o marechal e o seu governo, daí resultando a sua prisão pelo gabinete do Cairo que sendo partidário de Mikhalovitch procura evitar o acordo entre o monarca e as novas autoridades constituídas no seio da Iugoslávia.

E, a fazer fé nas informações de John Parris, a situação actual resume-se nos seguintes factos: o rei não pode deslocar-se para parte alguma sem ir flanqueado por vários guardas e não lhe tem sido permitido entrevistar-se com certas personalidades com quem ele tinha grande interesse em conferenciar.

«A vigilância chega ao ponto do Jovem monarca, não poder tomar

banho senão em aposentos envidraçados através dos quais os guardas vejam a cabeça do soberano, a porta não pode ser fechada à chave» — escreve Parris, que acrescenta: «O governo iugoslavo do Cairo desmentirá sem dúvida nenhuma esta notícia, mas a minha informação é absolutamente insuspeita e digna de todo o crédito.

«Quando o rei Pedro safu de Londres, exprimito o desejo de entrar em contacto com o marechal Tito para ver se chegava a qualquer acordo que unificasse o seu país. Mas, todos os esforços para estabelecer contacto com os elementos «partidários» do Cairo foram sabotados por certas pessoas que o rodeiam.

«Durante as últimas semanas que esteve em Londres, o rei Pedro foi especialmente cuidadoso em não dar grande crédito aos êxitos militares atribuídos ao general Mikalovitch e chegou mesmo a elogiar as actividades dos partidários de Tito. Numa declaração que então fez, disse que estava a procurar federar a Iugoslávia e a opôr-se à política pan-serviça de alguns ministros» — Mikhalovitch também é servo.

E continua: «Sabe-se agora que o rei está a realizar os maiores esforços para regressar a Londres, onde espera conferenciar com os estadistas aliados e aconselhar-se com êles».

Entretanto, Tito declarou abertamente que, enquanto o actual governo iugoslavo estiver no poder, não haverá esperanças de qualquer compromisso da sua parte. Chegou mesmo a afirmar que o rei Pedro não voltaria à Iugoslávia quando a guerra acabasse...

No entanto, espera-se que o general Simovitch, que dirigiu o golpe de Estado contra o regente Paulo em 1941 e radiodifundiu um apêlo para que todos os iugoslavos apoiassem Tito, seja convidado a conciliar os interesses do rei e de Mikhalovitch de modo a formar uma frente única, tanto interna como externa.

TEM sido quasi sempre assim: quando a Inglaterra entra num conflito o seu exército começa simplesmente por não existir.

Em 1939, como em 1914. As Ilhas Britânicas criaram o mito da sua supremacia naval e à custa desse mito têm suportado muitos reveses, antes de chegarem às grandes vitórias.

A política de alianças, preconizada e seguida por alguns dos seus homens mais eminentes, nem sempre tem dado os frutos apetecidos.

Cedo chega o momento em que a Inglaterra tem de procurar nas suas fraquezas o que esperava da força dos outros e o certo é que sempre tem conseguido os seus fins.

Em 1944 como em 1914?

É cedo ainda para profetizar. O próprio Churchill nas suas últimas palavras, embora confiante, não alardeia optimismos exagerados.

Uma coisa é certa: a Inglaterra entrou nesta guerra com «um simples corpo» de policia e hoje já tem um exército que se prepara para combater em todas as frentes.

Um grupo de generais de primeira linha saíram do anonimato para a lebridade da História. Montgomery, Cunningham, Alexander, Arthur Tedder, são outros tantos nomes até há pouco desconhecidos, com que hoje já estamos familiarizados.

Em 1914 a Inglaterra estava nas mesmas condições

EM 1914 COMO EM 1944? As heroicas façanhas dum Marechal e três Generais

de 1939. Não tinha exército e o seu Estado Maior não era dos mais famosos. A pouco e pouco, no entanto, os «valores» vieram à superfície e, embora muitos dêles já estejam esquecidos do grande público, não deixa de ter oportunidade recordar as façanhas dos quatro heróis da batalha do Somme: nomes dos mais venerados em Inglaterra e dos mais apreciados pela posteridade.

Servimo-nos do lápis maravilhos do grande pintor inglês Francis Dodd e... principiosamente:

Em primeiro lugar quem se lembra do Marechal de Campo Sir Douglas Haig?

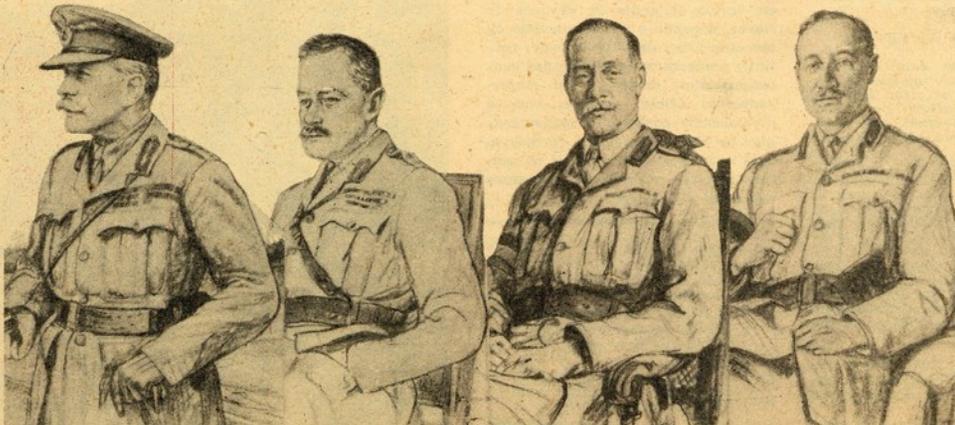
Foi êle o homem que forçou a retirada alemã entre Aras e o Aisne e que apesar da mais encarniçada resistência obrigou o inimigo a abandonar as fortíssimas posições em Vimy, Messines e Ypres.

Temos a seguir o General Sir J. H. G. Byng, que foi comandante das forças do Canadá na tomada de Courcellette, no decurso da batalha do Somme e no assalto à cumieira de Vimy. O

seu nome foi venerado pelos soldados e recolhido no coração de todos os ingleses. Sob o seu comando, à frente do Terceiro Exército, foi levado a efeito também o memorável avanço nas vinhanças de Cambrai, em Novembro de 1917.

Em terceiro lugar recordemos o General de Divisão H. E. Watts, o homem de Mamez e Bezenin, le Petit, no comando da VII divisão que tão célebre se tornou e em último lugar quem se recorda de Sir H. de la Poer Gough?

Foi o comandante do Quinto Exército que na batalha do Somme, lutou heroicamente na ala esquerda e ganhou a vitória do Ancre em Novembro de 1916, capturando 5.000 inimigos.



1) Marechal de Campo sir Douglas Haig; 2) General The Hon. Sir J. H. G. Byng; 3) General de Divisão H. E. Watts; 4) General Sir. H. de la Poer Gough

A Grã-Bretanha, senhora dos mares, tem demonstrado algumas vezes que é bem capaz de se bater em terra com o mesmo heroísmo dos seus marinheiros.

Em 1944 como em 1918 a Inglaterra já tem um exército que um Estado de priméiríssima ordem. Se mais uma vez vencer o seu triunfo será acima de tudo a vitória da sua vontade.

Silva Bastos

Uma grande figura da outra guerra

Clemenceau poderia ter evitado a queda da França em 1940?

PODEREMOS admitir que, se Clemenceau fosse vivo e estivesse lá, nas horas trágicas que a França viveu em 1940, tudo se passaria de outro modo?

Há quem pense que não, há quem pense que sim, apesar de o mal ter muitas raízes e vir de muito longe, para o supormos sanável só com a presença de um homem.

Se um militar como o general Weygand se mostrou incapaz de dominar a situação que considero desesperada — que de melhor poderia ter feito um civil, embora bom político e bom cidadão?

De facto, Clemenceau foi o que pode chamar-se um «carácter». Despido de vaidades, ele julgava severamente os homens que pecavam.

— Poincaré — dizia ele — é um jurista preso aos «dossiers» mas não sabe ver. Briand é uma ignorância enciclopédica.

E, talvez porque era franco — achava natural que os outros o fôsem também e que o atacassem violentamente. Mas era tolerante com os adversários, sempre que revelavam espírito cívico e de inteligência. Para isso julgava homens e coisas friamente.

Quando membro da Câmara, eleito em 1876, Clemenceau propôs que fosse instituída a instrução pública, leica, gratuita e obrigatória — tal qual Jules Ferry o havia de propor e obter alguns anos mais tarde.

Quando lhe faltavam esse papel de percursor e lhe manifestavam o dever de um forte reconhecimento pelo lançamento e defesa da ideia, — Clemenceau sorria e respondia:

— O reconhecimento... vejamos! Evidentemente, se se salva a vida a alguém que em seguida nos dá um soco nas costas, temos o direito de dizer que esse alguém é um desgraçado; mas, em política, não há reconhecimento...

Clemenceau foi um irredutível demolidor de ministérios, dos quais entretanto dizia: «Mas, é que é sempre o mesmo!».

E, dado o hábito permanente de os presidentes da Terceira República formarem equipas com homens sábios dos mesmos grupos — um processo reprovável para um regime parlamentar — não faltou quem lhe desse razão: o ministério era sempre o mesmo...

Entretanto, quando se opunha a Gambetta ou a Ferry, ele não podia compreender o vasto plano de construção colonial da França, como compensação do outro que havia perdido no princípio do século. É que o «Tigre» não queria admitir que a França desperdiçasse as suas forças longe do solo pátrio. Costumava dizer:

— Muitos põem os olhos em Tonquim, na China. Mas eu ponho-os no Reno. Lá é que é preciso ter os olhos fixados!

* * *

Durante a guerra de 1914, Clemenceau não cessava de, no seu jor-



nal, «O Homem livre», atacar a inércia do Governo. Esse ataque durou até Novembro de 1917, quando todos haviam dado provas da sua incapacidade e Poincaré o convidou a formar ministério. Assistiu-se, então, a um espectáculo imprevisito: Clemenceau mostrou-se um organizador formidável. Apresentou às Câmaras um programa, breve e claro, reagiu contra o vento de pessimismo que corria, coordenou as forças da aliança com a Inglaterra, fortaleceu a defesa, na intenção de passar à ofensiva na primeira oportunidade.

No ministério da Guerra, reinava uma actividade intensa. Os generais sucediam-se: Foch, Weygand, Mordeu. Vão ali os embaixadores, os ministros, os parlamentares. Uma correspondência enorme se estabelece com os centros de operações vizinhas e dos países distantes. Mas ao velho lutador ainda sobra tempo para discutir na Câmara, para assistir a conferências, visitar soldados no «front». Até que um belo dia — percursor, outra vez, mas agora das conferências da guerra actual! — parte para Inglaterra num velho barco, sem se preocupar com os submarinos que infestavam a Mancha, nem com os seus 76 anos!...

Depois, vem a paz. A paz que traz consigo tantas complicações como a guerra.

Clemenceau certamente reconhece que é mais difícil concluí-la do que concluir a guerra, porque ele sonhara com uma paz sólida, qualquer coisa de antigo e que não se usa já,

mas que fizesse pagar ao adversário o mal que causara e o impedisse de regressar à ameaça...

Teve, porém, de contar com dois homens mais moderados, menos vingativos: Wilson, idealista, que pensava que a Sociedade das Nações iluminaria, como um grande farol, as nações humanizadas; Lloyd George que pensava que a Alemanha sem marinha de guerra e mercante estabeleceria o equilíbrio continental, fazendo da Inglaterra o seu mercado abastecedor...

Entre ambos, Clemenceau fazia por não deixar sosobrar as suas ideias. Mas o trabalho era rude e perigoso.

— Quando Cottin disparou contra mim — dizia ele — fiquei muito furioso. Não foi só a bala. Era a diabetes: 124 gramas de açúcar todos os dias. Aconselhavam-me a que deixasse a vida pública. Mas, se eu fizesse isso, nunca me perdoaria!

Sem Clemenceau, a paz teria tido ainda mais defeitos.

— O Tratado de Versaillies — disse-o ele até ao fim da sua vida — não era mau. O que é que não foi cumprido.

* * *

Clemenceau sofreu sempre porque nunca o fizeram presidente da República — e isto dizia ele, ser a recompensa justa pelos serviços prestados à pátria. Nunca se queixou dessa ingratidão — mas sofria por ela.

O seu afastamento não foi uma

vingança como aconteceu a Bismarck. Viajou. Esforçou-se por ser ainda útil ao seu país, indo fazer conferências na América, com a esperança de all despertar uma fraternidade mais íntima. E escreve livros: «Demosthène», «Au soir de la pensée» — indigna-se porque o consideram responsável por uma paz imperfeita. Por isso escreve ainda: «Grandeur et misere d'une victoire».

Do seu rés-do-chão da rua Franklin, onde recebe muitas visitas, continua a seguir, no regresso, a marcha dos acontecimentos — e entristece, porque o que se passa não é muito para alegrar.

Os ministros que se sucedem no poder parece-lhe que conduzem mal o país. Sente desprezo pelos pactos e congratulações de Genebra. Vê abater-se, farrapo a farrapo, o tratado a que votara tão estranho carinho e indesmedível esforço. Sente que se aproxima a hora das sensações mais fortes. Sente que depois o esquecerão. E admira-se e sofre porque reconhece que aqueles que ganharam a guerra não são compreendidos, perante os resultados.

Uma vez, foi a Londres, para receber uma distinção qualquer. Lloyd George convidou-o para um lanche. Clemenceau recusou-se, mas não pôde evitá-lo na Câmara dos Comuns. O homem de Estado inglês, reparando na frieza de Clemenceau preguntou-lhe:

— Tem alguma acusação a fazer-me?

— Sim — respondeu Clemenceau — porque a partir do dia seguinte ao Armisticio, a sua acção tem sido sempre contra nós.

— Mas, você bem sabe, é a nossa política!...

— Vejamos, Mrs Lloyd George, nós juntos fizemos matar milhões e milhões de homens. Foi para isso?

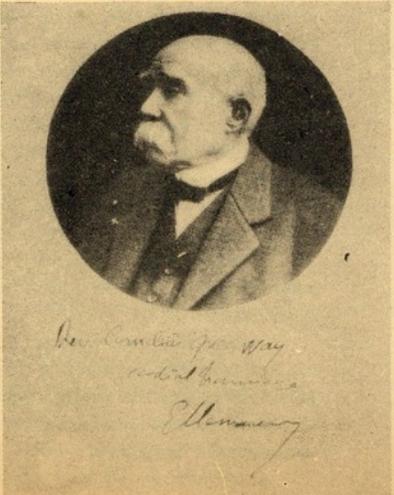
Até ao fim da sua vida, Clemenceau permaneceu fiel às suas ideias. Por escrito e quando falava, sim, e usava fórmulas imprevisitas, julgando e executando os homens com o seu critério e a clarividência da sua razão.

Clemenceau morreu em Novembro de 1929. Morreu com 88 anos gastos, cheios de uso, mas não velhos e inúteis, porque até ao fim da sua vida teve muito que fazer.

Há quem acredite que Clemenceau se fosse vivo, teria vencido a Frente Popular porque ele, homem das esquerdas, havia de considerar aquele organismo desorganizador das forças da França. E há quem suponha que, se fosse vivo, teria remediado ou evitado muitos erros da política estrangeira...

Mas... quem pode prever o que seria o presente, se a sombra da morte encobre o brilho da inteligência e da energia do velho «Tigre»?

O mais que poderá dizer-se é que Clemenceau, se fosse vivo, seria atacado de cólera terrível contra aqueles que arruinharam a sua obra, destruíram as suas ilusões e atearam a fogueira que ele ingénua e te julgara extinta...





A unido faz a força, não é verdade Mário Silva? Assim, todos três, no pátio da Escola, sempre aprendem melhor...

Com um ar assim concentrado e sério, José Manuel Santana não deixará de vir a ser um bom oficial do exército!

Neste grupo, Rui de Carvalho, que é o primeiro à esquerda, troca impressões agradáveis com os companheiros da Escola Politécnica.

Vá lá, com jeito, faça a escrita bem feita, menino António... Olhe que um bom marinho tem de ter boa letra!

O QUE QUERE VIR A SER?

UMA REPORTAGEM À RODA DAS ASPIRAÇÕES DOS FILHOS DOS ARTISTAS...

DANTES, as profissões transmitiam-se inalteravelmente de pais a filhos. Mantinha-se assim um certo equilíbrio compatível com as necessidades da sociedade.

Hoje, tudo mudou. A vida é outra, as maneiras e as ideologias diferentes. Ninguém deseja actualmente seguir a profissão dos avós ou dos pais. Desde o primogénito da regateira até à insinuante menina da sociedade, tudo quer doutorar-se.

Dir-se-ia que estamos na era dos doutores, porque sê-lo dá um certo ar de qualquer coisa que os demais não têm.

Para não destoar dos outros, também a prole da gente de teatro tenta enveredar por ramos mais bem remunerados.

Ei-los tôdas as manhãs de cabelos ao vento, pasta debaixo do braço a caminho da escola, do trabalho e do dever. Uns na escola e outros nos seus empregos.

Partem de encontro a um mundo novo, repleto de felicidades, descuidado e recompensador. Esta é a sua vida quotidiana, desconhecida do público, ignorada por todos aquêles que nunca sentiram uma ambição.

Conhece-se em geral o viver dos ídolos do cartaz. Mas a sua vida íntima? Essa não terá ainda mais sabor para o público guloso e curioso? Oh! se tem! É só ver como nos jornais as secções de teatro interessam a meio mundo... dos dois sexos!

Desta vez demo-nos, assim, ao trabalho de vasculhar o íntimo dos intérpretes dos dramas de cada dia — procurando saber o que fazem ou querem ser os filhos de alguns dos nossos artistas de teatro. Iniciámos o nosso inquérito por um dos filhos do grande artista Vasco Santana. José Manuel, afável moço de 17 anos de idade, estuda línguas e sente-se atraído para a carreira das armas. Eis uma profissão brilhante e indispensável à humanidade — e ninguém nos diz que daqui não venha a surgir um Napoleão... Lá diz o povo, mestre infalível da alma: «desta massa é que êles se fazem.»

Mas não só os Bonapartes passam à História, leitor amigo. Se há quem sinta o prazer da morte e da destruição, os sábios consomem o espírito em busca de redentoras descobertas.

Helena Silva, entre retortas e tubos de ensaio, fazia ouvir a sua bem timbrada voz, tentando elucidar o pai, o popularíssimo António Silva, e sua mãe, a graciosa Josefina Silva, sobre um dos mais complexos problemas da vida. Com uma constância que só o génio dispensa, esta inteligente fapariga de 20 anos de idade aprofunda os vastos conhecimentos de química e está a doutorar-se em farmácia.

O seu ideal era vir a ser uma nova Madame Curie...

No entanto, doenças não faltam... felizmente para os doutores e farmácias.

E já que estamos dissertando na mais nobre linhagem dos Silvas, Hermínia, uma das maiores vedetas do nosso teatro ligeiro, apresenta-nos o mais que tudo do seu coração, Mário Baltar da Silva, rapagão de 14 anos de idade, alto, moreno e simpático, desportista do melhor quilate e um galã todo «Tyrone».

As cifras fascinam-no, magnetizam-no. Adora matemáticas e números astronómicos. Inquirimos qual a sua vocação.

— Finanças? Guarda-livros?

Demos no vinte, ferindo-lhe a corda sensível da vocação. O seu ideal bem definido e orientado deixa prever um futuro risonho de favoráveis aspectos. No entanto, é mais um «sportman» que se perde nos escritórios de alguma casa bancária...

Temos agora Rui de Carvalho, de 17 anos, filho de um dos primeiros galãs da cena portuguesa, o actor Raúl de Carvalho. Seu filho é um moço estudioso e está frequentando o primeiro ano da Escola Politécnica. O seu ideal vai mais longe, quer ser aviador e talvez, quem sabe?, venha a ser um sucessor do grande Gago Coutinho...

Por último, vamos tratar da saúde de dois pequenos estudantes, que ainda frequentam a instrução primária e ambos da mesma idade, ou seja 10 anos cada um. Um é filho de Erico Braga, tem o nome pomposo de Victor Manuel. Ambiciona ser médico, pois talvez mais tarde venha a ser o Doutor Victor Manuel Braga. O outro é António Trindade Paulitos, filho da simpática actriz Zita Trindade. Este deseja seguir a vida de marinho, e nunca pensou ter a profissão de seu pai, o conhecido António Rosado Paulitos, que é um dos nossos melhores agentes da P. I. C.

Enfim, algumas destas revelações têm-se mostrado deveras interessantes. Por exemplo: as filhas de um casal de artistas, Dina Stichini e Mário Santos, duas pequenas engraçadas — Susi e Sonia — de 15 e 9 anos respectivamente, que ultrapassaram as raias da psicologia juvenil, não souberam sonhar grandezas nem altos cargos. Preferem a vida burguesa e ignorada das donas de casa, na doce quietação do lar. Os seus mais ardentes desejos resumem-se a sentarem-se à lareira nas longas noites de invernã, rodeadas pela filharada chilreante, contemplando o marido com ternos olhares de amor...

Seja como fôr, o problema apresenta-se-nos com toda a clareza possível.

Se os primeiros a desertar da ribalta são os filhos daqueles que dela têm larga experiência — quem os substituirá?

Amadores e oportunistas?

Aqui fica a pergunta, senhores pais que são artistas de teatro...

HENRIQUE CORDEIRO DE PENHA COUTINHO



«Então, até logo!», diz Erico Braga surpreendido neste gesto paternal. Tem juízo e nada de teatros, hein?

«Ajuda os mais fracos»... Aqui está Susi Stichini a ensinar a próxima lição da mana Sonia, no jardim do Colégio que frequentam...



Helena Silva tem horror aos fotografos e à publicidade. Mas, há dias, o repórter surpreendeu-a assim na Escola Superior de Farmácia. Helena é a última à direita.

Este é o «Rica», o autor da reportagem que o leitor acabou de ler. Nós, os da redacção, aqui o denunciámos: é filho de artistas, tem 15 anos — e também não quer ir para o teatro. Prefere a diplomacia e as letras. Muito bem, «Rica», faça como o frei Tomás!



"CAMINHADA"

Por LEÃO PENEDO

Já alguns anos parecia ter triunfado completamente no domínio da literatura de ficção a análise psicológica em profundidade, com larga insistência no patológico, no alucinatório e no subconsciente de estilo freudiano. Em toda a Europa, essa arte do romance e da novela, que se dizia inspirada em Dostoiévsky e em Proust — este último, como disse Jean-Richard Bloch, o derradeiro epigono de uma época do espírito humano que se iniciara com Erasmo — parecia destinada a preencher longo período da literatura moderna.

Entretanto, gerou-se o clima geral da guerra e agravaram-se até à exasperação os conflitos sociais. Mesmo os escritores de mais acentuado intuito psicológico, como Gide, entraram nas fileiras de grandes movimentos colectivos que respondiam com fortes soluções ao processo dramático da crise. E nesse ambiente colectivo, em que a missão da inteligência e da arte se inclinava para o conjunto dominador das necessidades sociais, gerou-se novo estilo de romance: em vez do aprofundamento, a horizontalidade — a da planície em que cabeças inumeráveis de homens se erguiam para reivindicar o seu destino; em vez da especulação esgotante do "eu" consigo próprio, o sentido colectivo da existência individual e os grandes quadros de multidão que um só tipo bastaria para representar simbolicamente na maioria dos aspectos.

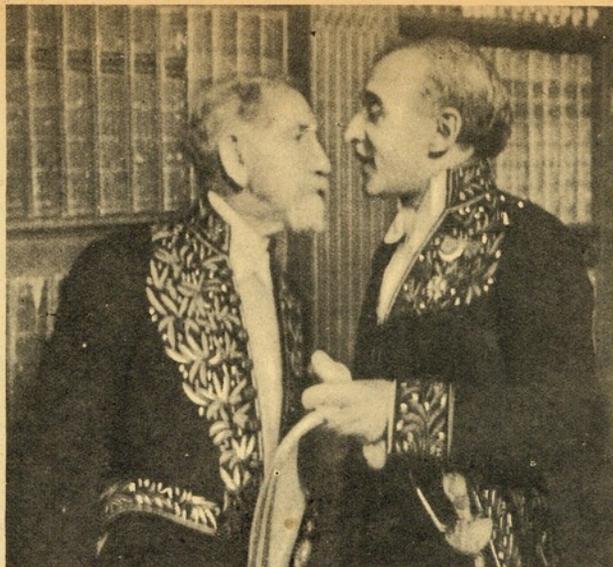
Não é necessário documentar com nomes e obras estas duas fases cuja história se aperta no estreito espaço de 20 anos; e menos ainda em Portugal, onde as suas criações representativas — as que podem realmente fazer história — são ainda bem poucas, em qualquer das escolas referidas. Nem vale a pena mencionar, é claro, as inúmeras obras dessa espécie, também inúmera, de parasitas literários que exploram no grosseiro ambiente da maioria dos leitores portugueses o gosto do romantismo adulterado, da semi-obscuridade, do ambiente político no seu aspecto mediocre, do riso fácil e plebeu no pior sentido da palavra. Para estes casos não faltariam exemplos — mas falta-lhes a condição primacial que é a de representarem na verdade alguma coisa para a evolução dos géneros literários e para a missão real da literatura.

A sua importância em Portugal provém sobretudo do número e da facilidade com que invadem o domínio alodial das letras, pervertendo e corrompendo o que já é mau por sua própria natureza.

No capítulo das boas intenções que persistem em realizar-se contra todos os obstáculos — os do meio e os da insuficiente educação literária pessoal — deve incluir-se a obra ainda rudimentar do autor que publicou há pouco o romance "Caminhada" (Editorial Inquérito). Leão Penedo enfileirou com ele na arte do romance de estilo populista e social. Com boa intenção, sem dúvida, algumas qualidades francamente afirmadas de prosador, simpatia fervorosa pelos humildes e sacrificados — mas também falta de personalidade bem marcada no estilo e no estudo dos personagens. "Caminhada" é um romance em que predomina o diálogo, conduzido com uma firmeza e facilidade que são das melhores virtudes literárias deste escritor, mas em que falta a enérgica caracterização que realmente faz um personagem de romance — um homem e não um fantoche.

Não basta descrever o ambiente da miséria, nessa atmosfera de penumbra, humildade, hábitos doentios, que só a inconsciência ignora; não basta pôr em movimento, gesticulando e falando, os pobres seres sacrificados que o habitam. Há uma verdade mais forte que está para além dessa paisagem dolorosa — e é a vontade dos homens que a suportam, os sentimentos e aspirações que se misturam ao jôgo perturbador das circunstâncias e das coisas, revelando a forma mais humana com que elas podem ser representadas na arte. Quando Leão Penedo a descobrir, reunindo-a ao seu apreciado poder narrativo, certamente que estará em condições de nos apresentar os romances que a sua e a nossa intenção desejam.

ALVARO SALEMA



A surdez de Charles Maurras

QUEM precisasse de falar com Maurras, tanto na sua residência como no gabinete da «Action Française», era obrigado a especiais diligências e esforços. O truculento doutrinário da reacção francesa é muitíssimo surdo e tem um génio explosivo e arrebatado. Para se fazer ouvir, manda chegar a cadeira do visitante para muito perto da sua; é preciso falar-lhe mesmo junto ao ouvido; e, então, o escritor cerra olhos, toma uma expressão concentrada e grave, com a fisionomia fechada num ar de pacífica confiança em si próprio. Escuta por muito tempo. Mas quando abre os olhos e responde, é proverbial ouvir-lhe esta frase que desmancha tudo:

— Sim; parece-me que o senhor tem razão nesse ponto; mas está completamente enganado.

E logo a seguir entra numa das suas discussões intermináveis em que manifesta ter ouvido pouquíssimo do que lhe disseram, misturando argumentos políticos com citações de clássicos, de Racine e de Dante.

No fim de tudo, o interlocutor parece ter ficado vencido, porque não conseguiu fazer ouvir nada do que pretendia.

Não é difícil nem estranho que o brilhante prosador de «Anthinea» tenha chegado muitas vezes por esta via aos extremos do fanatismo.

10 Minutos com Castro Soromenho

AS novas correntes da literatura de ficção têm revelado alguns valores que já se afirmam em animadoras promessas, por muito que se discutam as perspectivas do seu julgamento. Conta-se entre eles Castro Soromenho, de cujos trabalhos literários colhem as informações seguintes:

— Presentemente, em que trabalho se ocupa?

— Num romance, mas também estou a escrever um livro a que dei o título de «As Lendas da Selva», que o talento vigoroso de Manuel Ribeiro de Pavia vai ilustrar.

— Onde decorre o seu romance?

— Numa vilória sertaneja dos confins da Lunda, sede de uma Circunscrição, onde vivem meia dúzia de europeus, e nos seus Postos Administrativos onde, afastados a uma centena de quilómetros uns dos outros, vivem, isolados, os seus chefes, a abrir estradas, a cobrar impostos e administrar as populações indígenas. E, sobretudo, a sonhar com a hora em que se possam libertar da vida duríssima e mal recompensada dessas terras de grande planície e de solidão sem-fim. «Terra Morta» — título do meu próximo trabalho — é o romance desses homens dos Postos, meus antigos companheiros, dos negros e, também, um pouco dos velhos colonos da vilória que para ali foram moços e feiraram em todas as aldeias do Sertão, no tempo em que o europeu pagava impostos aos sobas; depois foram milícias das colunas da Ocupação. Enriqueceram negociando a borracha, mas quando veio a crise empobreceram. A maioria abandonou-a vila. As casas ruíram, os pomares secaram e os negros, vencidos pela guerra e pela crise comercial e obrigados a pagar impostos de vassalagem, emigraram em grande número. Quando cheguei a essa terra, encontrei dois velhos e ouvi as suas histó-

rias, que são um pouco a história da Lunda — a «Terra Morta».

— Que pensa da nova literatura portuguesa?

— A minha geração já se impôs no romance, no conto, na poesia e na crítica, trazendo à literatura portuguesa o neo-realismo, que só por circunstâncias alheias aos escritores ainda não nos deu as grande obras que sabemos que nos pode dar. Romancistas, novelistas e contistas como Alves Redol, Manuel da Fonseca, o mais artista de todos os nossos escritores, Pereira Gomes e Carlos de Oliveira; poetas como Sidónio Muralha, Jorge Barbosa, Manuel da Fonseca, Joaquim Namorado e Francisco José Tenreiro; e críticos como Armando Ventura Ferreira, Mário Dionísio e António Ramos de Almeida, são uma forte garantia do triunfo da nossa literatura neo-realista.

— Que caminho se lhe afigura que a literatura tomará depois da guerra?

— Penso que continuará a ser uma literatura neo-realista, mas com horizontes mais rasgados.

H. G. Wells e o pacifismo fracassado



melhor, mais sério e mais profundo da obra de Wells é a parte em que exprime com entusiasmo fervoroso e sincero as suas aspirações pacifistas; mas no ponto de vista alheio à literatura, social e externa, o que o escritor mais lamentará, decerto, em face da dolorosa experiência humana dos nossos dias, é o fracasso das suas esperanças ilusórias por ter confiado

demais na influência dos intelectuais e não ter encarado de frente as causas reais da crise contemporânea. Separou a paz política entre os Estados — que tomou exageradamente como fim — da paz genérica entre os homens que depende de muito mais poderosos factores. A «conspiração» à vista de toda a gente, com que imaginou congraçar os povos sob a inspiração e influência das «élites» intelectuais, foi belo e quimérico sonho que só deu lugar a alguns ensaios de brilhante argumentação. E mesmo a célebre declaração pacifista dos estudantes de Manchester, que em boa parte foi sugerida pelo seu apostolado, teve nos acontecimentos contemporâneos a sua contrapartida definitiva.

Nunca se lamenta o tempo desperdiçado com belas obras; mas deve lamentar Wells, se já compreendeu a trágica verdade da nossa época, que outra obra mais eficiente e perdurável não tivesse ocupado o seu esforço pertinaz de escritor e hoje se traduzisse em outra humanidade melhor.



JORNALISMO ILUSTRADO: DO PASSADO DE ONTEM E DE HOJE

HÁ UM SÉCULO

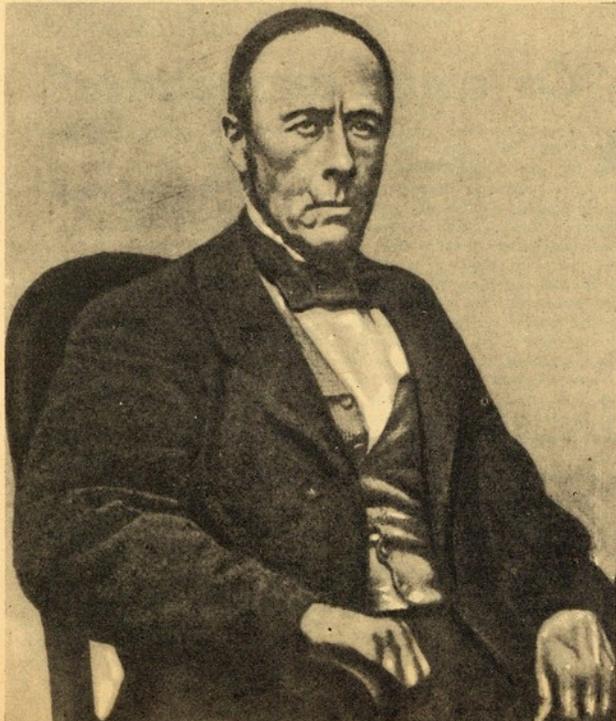
ERA pouco depois de terminadas as guerras liberais: aí à volta de 1840, quando o severo Herculano, mal regressado do longo exílio, lançava o «Panorama». O profundo conhecimento da vida francesa e inglesa, melhor diríamos: o doloroso ensinamento dessa epidemia tipicamente europeia, constituída pelos exílios em massa, derivados de motivos morais e políticos, engendrara no nosso então vasto continente uma família comum em gostos, divergentemente harmónica em orientação, e com firmeza resolvida, fôsse qual fôsse a barreira nacional ou partidária que a dividisse, a confraternizar na obra concêntrica da erecção do monumento da Paz, da educação generalizada a tudo e a todos, da democracia intrínseca dos dois mundos.

O critério aristocratizante tornara-se inadmissível, anacrónico. Impunha-se a orientação generalizante, dispersiva — à maneira do sementeiro, que pretende ampliar e variar as áreas cultiváveis, olhando mais à quantidade de semente que à profundidade do sulco aberto pelo trepidante arado.

O banho de Europa, tomado nas horas dolorosas dos barracões de Plymouth, ao engolir o famoso caldo e ao contemplar as horripilantes ratanas, desemporalhara-nos e sujeitara-nos ao hábito do duche escocês: ao vício do pó henriquino substituiu-se a preocupação da limpeza imitada. Ao terminarem as guerras «da Liberdade», surgiram três cousas notáveis: uma banheira, uma caneta de aço e um jornal foto-ilustrado.

REALIDADES E SONHOS

Nesse período de lactância em que tudo é róseo, intuitivo, fácil; nessa



idade feliz, desprovida de preocupações, na qual se vivia, gostosamente, delectosamente, a paz geral, a prosperidade e a economia nascidas dos esforços constantes e solidários de um grupo de gerações em cujos paladares repercutiam, todavia, os amargos das longas privações — as gazetas semanais ilustradas tiveram uma voga excepcional.

Antes do «Panorama», que entrou, aí por 1857, em gloriosa decrepitude — «e, se vive, é à sombra dos títulos de estima pública e créditos intelectuais, que soube grangear e firmar em padrão» — dizia Andrade Ferreira «ter ocupado lugar distintíssimo o «Jornal dos amigos das letras» em cujos poucos números haviam colaborado especialmente Castilho e Herculano.»

Tais publicações, avós daquelas que, hoje em dia, agora nos iluminam com as suas heliogravuras e as esplêndidas policromias, sem falar dos inumeráveis artigos e secções onde se desdobram a variedade e a cultura, enlaçadas no engenho, na ingenuidade, no vigor do tropel das gentes novas que irrompem de todos os lados — tais publicações, autêntica estrada de Santiago, pululante e faiscentes, logo nesses tempos se desdobraram e criaram dons e excelências próprias.

O «Arquivo Popular», acentua Andrade Ferreira, especialmente modelado pelas melhores publicações francesas e inglesas, cujas vistas despertem, por meio de escritos amenos e fáceis, a curiosidade e a imaginação das classes desprovidas de fortuna» prestou, durante anos, serviços de profundo significado nacional. Outro título, de profunda significação, aumentou a galeria de ineteratos, virginais defensores das liberdades de escrever e ler, tão recentes nessa época: «O Mosaico».

HERCULANO E O «PANORAMA»

Os apóstolos da escola nova, aqueles que haviam contraído a responsabilidade da restauração literária portuguesa através de jornais ilustrados, de aquisição económica e semanal, descansaram, um pouco, ao ver que «corria a juventude, na eflorescência de talentos esplêndidos, a respirar essas idéias vindas de além do Rheno, e nas quais se inspirava o alaúde do autor das «Orientais» e a saudosa lira do poeta das «Meditações».

— O «Mosaico» foi o prólogo em que Rebelo da Silva, Mendes Leal, Mendonça, Corvo, Casal Ribeiro e outros engenhos, hoje já fortalecidos e nobilitados em diversos ramos da ciência e do saber, balbuciarão as primeiras sílabas dos seus protestos de fé literária, e onde desferiram os vãos das suas audaciosas concepções.

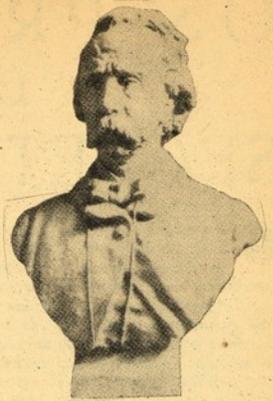
Mas, entre nós, o verdadeiro patriarca era Alexandre Herculano. O seu «Panorama» respirava tão entranhadamente o seu vital influxo, representava de tal modo a erudição profunda e variada, o tacto fino e gosto selecto do autor da «História de Portugal»; tantos serviços fêz ao país, difundindo e radicando o gosto da leitura e levando ao alcance de todas as classes e de todos os entendimentos, os grandes espectáculos que enobrecem a nossa história, os seus monumentos, as suas prodigiosas vitórias, e, bem assim, as criações do espírito de uma mocidade que se estreava e triunfava das iniciais dificuldades do romance e da crítica — que não resistiu ao afastamento de Alexandre Herculano e pereceu em anónima extinção.

VISÃO GENIAL E PREVISÃO LITERÁRIA

No rápido cotejar das revistas de há um século com as de hoje, entresacamos, em períodos inteiros, o mais enxundioso de um nutrido artigo de Alexandre Ferreira, publicado no «Arquivo Pitoresco» de 1857. Inútil seria insistir na fonte, tanto mais que a ressonante prosa, característica dos escritores desse tempo, sobra de per si, para marcar a fronteira. O nosso trabalho, tem por mérito único a probidade, e na guarda deste pósto essencial nos mantemos.

António Feliciano de Castilho, visão genial e previsão literária que conseguiu vencer as trevas da sua cegueira; e legar-nos uma obra sobrevivente hoje ainda, coerente, pletórica de ensinamentos, fundava, nessas alturas, a «Revista Universal». Foi uma propaganda utilíssima, educadora de novos soldados para as mais renhidas batalhas da imprensa. Baseada nos jornais de título idêntico, apareceu, pouco depois, a «Ilustração». O atrazo da gravura em Portugal, prejudicava inevitavelmente este intento de publicação regular ilustrada.

A diversidade de fôlhas ilustradoras do povo continuava a acentuar-se. Surgia «A Semana» e, embora a desordem nos assuntos e na orientação se acentuassem, a ela se deve «a estreia feliz de um dos nossos primeiros romancis-



tas, o sr. Camilo Castelo Branco, que aí publicou «O anatema».

Latino Coelho e António Serpa surgiam no «Farol»; Inocência da Silva, com os seus artigos bio-bibliográficos, antecipadores do seu grande Dicionário Literário Português, erguia verdadeiros templos, clamorosos monumentos de condensação do seu século.

A ESTATÍSTICA: FOTOS DE ONTEM, NECESSIDADES DE HOJE

E tódta esta imprensa de esclarecimento e instrução, feita para Portugal e Brasil, com a consciência do ângulo europeu e da posterior importância documental das suas páginas, determinava a aparição do «Arquivo Pitoresco». Ele, além de outras virtudes, descritas por Andrade Ferreira, «...atendia ao impulso e perfeição que a arte da gravura vai recebendo nesta publicação».

Anos decorridos, lançava-se na fotocópia. Era o deslumbramento, a loucura da época, quando tudo e todos corriam a fotografar-se. Já se convertera o galicismo «feuilleton», do apelido de Octave Feuillet, no portuguesíssimo «folhetim». Pouco nos separava da grande imprensa ilustrada de hoje, da qual foi não menos gloriosa precursora a «Ilustração Portuguesa», mas a senda dos sacrifícios ilimitados mede-se, nesses tempos bem distantes pela curiosa estatística do número publicado no «Arquivo Pitoresco». Vejam, conosco:

Silva Tullio, associado ao arqueólogo Vilhena Barbosa, em 1864, escrevia um artigo de agradecimento ao auxílio dispensado pela «Sociedade Madrêpora» do Rio de Janeiro. Havia aumentado o número de páginas, a variedade de secções, a riqueza em heliogravuras. Escrevia-se, ali, literalmente: — Sobe a 1280 computo das que exornam as páginas deste volume: e apenas 19 são copiadas de obras estrangeiras. No volume do ano passado, o número de cópias foi de 40. Assim nos vamos sucessivamente libertando desta forçada sujeição. As estampas são mais amplas e algumas de página inteira se publicaram no volume que hoje completamos. Sete anos de trabalho aturado, o auxílio poderosíssimo da fotografia, a actividade e pericia dos nossos colaboradores artísticos, permitiram este resultado.»

A continuidade prosseguiu, com intermitências, até nossos dias, com a difusão da heliogravura...

CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

OS PREMIOS DO SECRETARIADO

Secretariado de Propaganda Nacional, organismo orientador e executor da Política de Espírito do Estado Português, acaba de instituir os Prémios Anuais de Cinematografia Nacional, numa organização semelhante à que preside à atribuição dos Prémios Literários.

Tal resolução deve ser acolhida jubilosamente por quantos se interessam pela existência e pelo futuro do nosso cinema. Se os prémios, pelo seu número e pelo seu valor, não são ainda de molde a levar a todos os sectores da actividade cinematográfica nacional a justa recompensa de um labor de excepção, impõem-se, desde já, como incentivo, estímulo e demonstração de interesse do Estado Português pelo trabalho dos nossos profissionais e pelo progresso da nossa indústria.

Esquecido, tantas vezes, pelos poderes públicos, o cinema português percorreu já um longo e penoso caminho. Fêz-se por si. Encontrou nos próprios erros, motivos de reflexão e de persistência. À custa de tenacidade e de confiante labor, impôs-se à consideração das massas. Venceu crises. E nas dificuldades com que teve que lutar, buscou o ânimo necessário para triunfar e vencer. Ao fim de dez anos de trabalho insano, partiu um dia à conquista da consagração das plateias estrangeiras. E, na última Bial de Veneza, representado por esse fresco admirável que é «Ala-Arriba», cotou-se galhardamente na primeira fila das cinematografias europeias.

Os prémios do S. P. N. vêm coroar um ciclo de actividade que deu ao cinema português a consciência do seu próprio destino. E agora que deixámos de ter, como dantes, apenas um ou dois filmes por ano, admitem-se e compreende-se a competição — e os prémios instituídos têm, assim, razão de ser.

O S. P. N., com a sua resolução, dá um excelente incentivo à cinematografia lusitana — e acrescenta, deste modo, mais um inapreciável serviço à causa do cinema português, que sempre lhe mereceu o maior carinho. A entidade que produziu «A Revolução de Maio»; que promoveu a feitura de alguns documentários de mérito; que subsidiou «Ala-Arriba» — pode fazer muito mais pelo cinema nacional. A instituição dos prémios, agora anunciada, dá-nos a certeza de que continua a interessar-se pela cinematografia nacional, e que lhe não é indiferente a sua existência e o seu futuro. Confie-mos, pois. E, para cimentar essa confiança, basta-nos saber que, à frente daquele organismo de Propaganda, está um Homem que tem acompanhado a evolução do cinema, desde os tempos gloriosos da Arte do Silêncio e que sempre lhe votou a mais esclarecida atenção e o mais decidido interesse.

FERNANDO FRAGOSO

O terceiro noivado

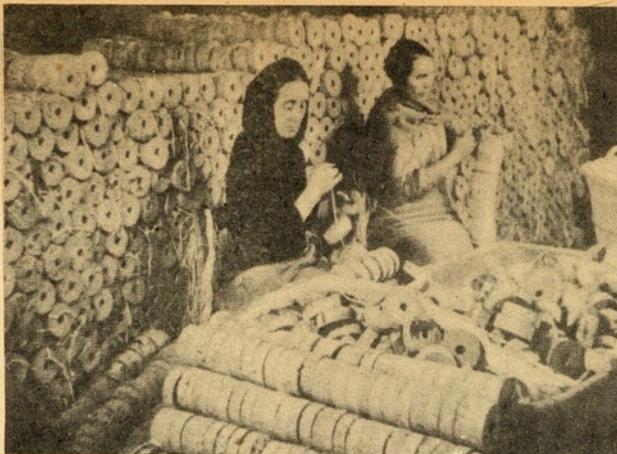
da «Noiva do Exército»

DESDE o primeiro momento, Dorothy Lamour integrou-se no esforço de guerra dos Estados Unidos. Nenhuma outra vedeta foi mais diligente, mais entusiasta, mais perseverante na venda dos «títulos de empréstimos», dos famosos «war-bonds», que Hollywood em péso agenciou pela América inteira.

Mas Dorothy não foi só a alma da colaboração da Cineândia nesta campanha nacional. A ela se deve a ideia das «Cantinas» para os soldados e, nomeadamente, da «Cantina das Estrélas», onde o Exército e a Marinha encontram alegria e distracção e o convívio bulhoso das suas vedetas favoritas.

E, assim, mereceu o cognome invejável de «Noiva do Exército», como outrora Clara Bow foi a «Noiva da Esquadra» — e Mary Pickford, a doce Mary dos caracóis loiros, a «noiva do Mundo».

A noiva do Exército, porém, duas vezes divorciada, não podia casar-se senão com um oficial. E, assim, aqui a temos com o seu terceiro marido, o major Ross Howard — fotografia feita no dia feliz do seu casamento.



A fabricação de bóias de cortiça para as rédes de pesca.

Exibe-se actualmente nos cinemas de todo o mundo um documentário sôbre o nosso país, intitulado

«Portugal, porta da Europa»

ESTÁ a correr, nas telas dos cinemas americanos e londrinos, um documentário de larga metragem, pertencente à famosa série «A marcha do tempo», e que foca Portugal sob os mais diversos aspectos. Intitula-se «Portugal, porta da Europa», e a firma que o produziu, na revista destinada aos exibidores de todo o mundo, fêz o réclamo do mesmo, nos seguintes termos:

«Esta interessantíssima reportagem desenrola-se em Portugal, nação que pode considerar-se agora como a porta da Europa. «Portugal, porta da Europa» mostra o fervilhar cosmopolita de Lisboa, com os seus fantásticos rumores e seus refugiados políticos — e revela o encanto da vida portuguesa, cheia de romantismo e de cor. A circunstância de Portugal ser um país pouco conhecido e, por assim dizer, o único da Europa onde os operadores cinematográficos po-

dem ainda actuar, faz desta reportagem algo de especial e de único, um filme de um interesse verdadeiramente extraordinário.

«Pelos acontecimentos que regista e pelos aspectos políticos que revela, «Portugal, porta da Europa» é um filme de tremenda importância e de grande actualidade. Entre o esplendor das festas e das recepções nas chancelarias, vemos os diferentes representantes diplomáticos das Nações Unidas e do Elcho, lado a lado, com a maior naturalidade. No entanto, logo a seguir, a película mostra-nos a guerra surda que, sob essa aparência de paz, subsiste entre os adversários irreconciliáveis».

Até aqui, a nota publicitária a que aludimos. Fazemos votos de que o filme dê a imagem viva de Portugal, e que não haja sacrificado a verdade a um sensacionalismo doentio, que certas sugestões destas palavras nos poderiam fazer reear.

VASCO SANTANA

ESTÁ A ESCREVER O ARGUMENTO DE UM NOVO FILME PORTUGUÊS:

«Os cinco avançados»

A chegada de Vasco Santana ao Chiado, de regresso do Porto, foi um acontecimento citado. Durante semanas e semanas, Lisboa perdeu de vista o popular artista do teatro e do cinema português. Quando este número da «Vida Mundial Ilustrada» vier a lume, é natural que a reaparição de Vasco, nos palcos alfacinhas, se haja já verificado. Mas nem por isso esta breve entrevista terá menos razão de ser, porquanto foi o Vasco Santana, cinéfilo de boa cepa, que interrogámos, e não o actor de teatro, cuja actividade, como tal, não está no âmbito desta página.

Vasco Santana, se bem que se não conte no número dos actores que mais vezes apareceram na tela, tem o seu nome ligado ao cinema português, através da tentativa admirável que foi a «Canção de Lisboa», de Cotinello Telmo. Vasco, nessa altura, multiplicou-se e desdobrou-se pelos diversos «rayons» da produção. E do êxito do seu labor fala a rápida popularidade que conquistou, no papel do estudante boémio, que preferia o Fado às lições de anatomia.

— Projectos? — Inquirimos.

— Estou a escrever um argumento para o cinema.

— Palavra?

— Tal qual como lhe digo.

— E como se chama?

— «Os cinco avançados».

— Filme desportivo?

— Sim — e não.

— No entanto, mete um desafio de futebol?...

— ...Claro que sim. E, durante esse desafio, os «avançados» não se limitarão a marcar «goals», porque, em pleno jôgo...

Vasco Santana faz uma breve pausa. E «remata»:

— ...Mas não tem graça nenhuma estar a desvendar a história.

Concordamos.

E já a despedir-se, Vasco Santana acrescenta com a sua natural boa disposição:

— Vamos a ver o que sai daqui. Não faço ideia!

Incitamos Vasco Santana a concluir o seu trabalho. Porque a experiência nos tem ensinado que argumento feito — é filme realizado... E agora esperemos que os «Cinco avançados» desçam ao campo — que é como quem diz: compareçam no estúdio...



uma **ARTISTA!**

O "STOMP"
DESTRONOU
O "SWING"

PRIMEIRO foi a Corina Freire. Um belo aparelho de telefonia levou sumiço por artes mágicas. Os dois senhores apareceram, cumprimentaram, sorriram, disseram que eram fiscais. Quando saíram levavam debaixo do braço o aparelho de telefonia. A criada até os veio acompanhar à porta e foi tão gentil que além de agradecer ainda disse esta frase que há-de forçosamente passar à posteridade:

— E desculpem o incômodo...

É certo, os dois senhores desculparam e desapareceram. Quem os não desculpou foi Corina Freire que ainda hoje, certamente, lamenta a amabilidade e a inteligência da criada que deixou «fugir» o seu rico aparelho...

Mas, pelos vistos, os dois senhores são grande admiradores do teatro e das artistas, tendo predileção especial, pelas cantoras, o que é louvável em parte. Predileção essa que os levou agora ao Coliseu, não só para verem a peça, mas também, — o que denota cavalheirismo e boas intenções — para cumprimentar e felicitar pessoalmente Luísa Nobre...

Infelizmente, a simpática artista não estava no camarim. Os senhores, que tinham muita pressa, não puderam esperar pelo final do número e foram-se embora, bastante aborrecidos por sinal... Todavia, com quem ficam com uma recordação de Luísa Nobre, levaram uma pequena lembrança, escolhida ao acaso, que constringe apenas de um par de brincos com brilhantes, um relógio de ouro e dois anéis com pedras preciosas.

Como se vê, foram bastante gentis. Luísa Nobre, porém, com quem falámos, não é bem da mesma opinião. E talvez tenha razão...



prido. De mulher ou de chinês — por causa do rabicho. E agora um pomenor curioso: unicamente o cabelo dos vivos pode dar uma cabeleira. O cabelo cortado a um cadáver é cabelo morto, sem vigor, muito seco e rijo e por mais brilhante que se ponha, nunca fica brilhante nem aceita tinta.

— Actualmente é uma dificuldade para se comprar bom cabelo — diz Vitor Manuel. — Antigamente importava-o da França e da Alemanha. Mas agora...

O cabelo mais raro e mais caro, é o branco. De uma cabeleira negra, mercê da água oxigenada e do amoníaco, consegue-se fazer uma cabeleira loura, grisalha, mas nunca uma cabeleira branca.

— Pago bem por um capilar branco, — exclama Vitor Manuel. — Posso dar quinhentos escudos ou talvez mais!

Aqui fica a oferta. Se o leitor possuir uma boa cabeleira branca e estiver em apuros de dinheiro, não hesite! Sempre há alguém que lhe dá quinhentos escudos por ela...

Quer maior negócio? Uma cabeleira preta, castanha, ou ruiva, pouco ou nada vale. A mulherzinha que anda por aí a apregoar «quem tem cabelos para vender» não lhe dará mais que 200 escudos, mas por um quilo de cabelo... E um quilo, parecendo que não, é muito cabelo...

Ah!, em certos países e em certas regiões, como na Normandia e na Picardia, é costume muito vulgar as mulheres do povo venderem os seus cabelos. E em Paris, por exemplo, há uma feira género «feira da ladra» unicamente reservada aos vendedores e compradores de cabelo, feira essa que se realizava, antes da guerra, com uma frequência bastante numerosa. Porque se há-de admirar, pois, de vender os seus lindos cabelos? Vitor Manuel, o mago, o criador de tantas personalidades que passaram pelo teatro e pelo cinema, lá está pacatamente a sua espera...

REPORTER UM



Uma entrevista com o cabeleireiro teatral Victor Manuel

PORQUE NÃO VENDE A SUA CABELEIRA?...

QUANDO se entra naquela casa, tem-se a impressão que o mundo parou, e que se está vivendo, simplesmente, ao contrário. As paredes, todas, das cobertas de fotografias, dão um ar pesado de museu. Nem há um espaço livre para as mósas polsarem, que as mósas não ousam polsar em cima de José Ricardo, de Augusto Rosa, do Brazão, do Chaby, de Angela Pinto.

Ao meio da casa, há uma grande mesa. E em cima dela, vêm desfilando a Revolução Francesa, o Império, Luiz XV, Maria Antonieta, os Stuarts, o Cristo e até o pobre «Romelro» do Almeida Garrett.

O cutelo, o machado do carrasco, e a guilhotina trabalharão a valer e impiedosamente. Apenas se vêem cabeças. Nem um braço, nem uma perna. Cabeças apenas, lindas cabeças separadas dos corpos que pertenceram a Pompadour, a Maria Antonieta, a Robespierre, a Afonso de Albuquerque, ao catadrático ridículo e analfabeto de «Fátima, Terra de Fé», à Teresa romântica e escrupulosa do «Amor de Perdício» e ao seu pai austero e ao primo cretino, e a outros e a outros...

Tudo se vê naquela mesa. As cabeças por ali estão, mortas, vazias, enfiadas num pau. Apenas os cabelos têm vida. Oito, dez empregadas passam o dia a cuidar delas, penteando-as, frizando-as. Oh, se vissem aquela linda cabeleira do Século XVIII...

SETE DIAS SEM DORMIR

Não têm conto as cabeleiras que Vitor Manuel já fez para o nosso teatro, para o nosso cinema. Mil e mil, quantas vezes mil, nem ele sabe.

Todos os grandes artistas do passado, todos os do presente por ali passaram ou passaram. Cada fotografia posta na parede é uma recordação. E desde 1900 — há, pois, 44 anos — que Vitor Manuel amontoa recordações.

— Qual o seu grande momento? — pergunta-lhe o repórter.

Vitor Manuel é um homem forte, de grandes cabelos já grisalhos pelo andar do tempo. À volta do pescoço, um laço; um daqueles laços de grandes pontas caídas para o peito, como usavam todos os grandes artistas da época.

Vitor Manuel sorri. Os olhos iluminam-se mais:

— Grande momento?... Não tenho grandes momentos. Mas...

— Mas...

—...a recordação mais agradável talvez seja aquela em que se representou no D. Amélia a peça «Vé-

nus». As cabeleiras eram minhas. Foi a primeira vez que trabalhei para uma grande peça e para um grande teatro. Durante sete dias não dormi, sempre a trabalhar, para que as cabeleiras estivessem prontas para a estreia. Acabel-as, sim, mas depois, quando saí para a rua, aconteceu-me uma coisa estranha.

— O que foi?

— Desmaiei. Ou fôsse pelo sol, que já não estava habituado a ver, ou pela fraqueza ou pelo cansaço, o que é certo é que senti tudo dançar-me debaixo dos pés e desmaiei. Levaram-me para casa em braços...

Outra boa recordação: a Companhia inglesa que há talvez dois anos esteve no Nacional, representou uma peça com cabeleiras de Vitor Manuel. Os nossos artistas — e todos os nossos artistas são clientes de Vitor Manuel — foram ver a peça e como pensassem que as cabeleiras eram inglesas trataram de as elogiar, dizendo, jurando, que «lá, sim, é que se fazem bons capilares»; que nunca Vitor Manuel seria capaz de fazer coisa semelhante. É certo que, quando souberam a verdade, ficaram um nadinha envergonhados...

Dantes — diz-nos depois Vitor Manuel com ar resignado — todos os artistas me tratavam com grande consideração. Hoje, nem sempre isso acontece, o que se explica. Havia outros cabeleireiros e eles podiam estabelecer confronto. Agora, como sou o único...

CABELOS A QUILO...

Uma empregada, com um pente muito fino, entremete-se a pentear uma cabeleira do século XVII. Ao lado, uma outra empregada, passa e torna a passar uma madeixa de cabelos pela fleira.

Fazer um capilar é tarefa complicada. Primeiro, tira-se a medida à cabeça e transporta-se para a cabeça de pau de proporções iguais. Depois, colocam-se umas fitas em cruz e cobre-se o modelo com tule. Para evitar que a cabeleira caia em pleno espectáculo, põe-se uma mola de aço desde a testa até ao occiputo da cabeça. Em seguida, vai-se cobrindo todo o tule com fininhas franjas de cabelo e pronto, só falta cortar e pentear.

O repórter faz uma pergunta:

— Como arranja o cabelo?

— Compr-o a uma mulher que, por sua vez, o vai comprar aos conventos e a particulares. Nunca a viu na rua, gritando: «quem tem cabelo para vender?».

Para as cabeleiras apenas serve cabelo de mulher, porque é com-

Uma defesa permanente contra as bactérias e os dentes são o hales terá V. Ex. na boca se usar:

Sulfadentina

A 1.ª Pasta Dentífrica com Sulfamida

Gerações de ontem e de hoje

A gente nova — desde que o mundo existe — entende sempre que as suas preferências, gostos, hábitos e opiniões, divergindo das que fizeram o prazer, a alegria ou a notoriedade dos homens das gerações anteriores, são sempre mais dignas, próprias e exactas. Acham antigas as idéias, ridículos os trajes, sensaborões os divertimentos, as preferências, os costumes. Lançam-se, com ardor, à descoberta de novas idéias, de trajes, de distrações; e sempre que se julgam no domínio da inovação caem, fatalmente, na deformação e no exagero.

Só os anos, só a corrida veloz do tempo os traz de novo, com algumas destiluses, ao meio termo, ao equilíbrio justo que é a maior riqueza humana. Isto, afinal, é tão impróprio e irritante como a pretensão dos velhos que a tudo opõem a frase: «No meu tempo, sim...».

A minha geração — já passei a curva dos quarenta — ainda conheceu escritores e poetas românticos, donzelas escleróticas matraqueando no plano o «Nolvido do Sepulcro» e polcas e mazurcas nacionais e estrangeiras, os «lanceiros» e os «cotillons»; marialvas cavaleiros e guitarristas ou pegadores de toiros; pintores que reproduziam fielmente as figuras e as paisagens; comerciantes que morriam de desgosto quando não podiam pagar uma letra; operários esquecidos pela doutrinação socialista e anarquista, que bramavam contra o capital, o clericalismo e os vícios; oradores de frase cadente e sonora; políticos afeitos ao gasto de um mês de combinações e contatos para a nomeação de um administrador de concelho. Existia, sem dúvida, muito ridículo em certos aspectos da vida social; mas havia nos domínios do espírito e da arte, expressão e grandeza que nunca foram excedidas nem sequer igualadas.

Entendemos, como já sucedera aos das gerações anteriores, que era preciso criar coisas novas; e, como sempre acontece, julgámos que criar presunha a obrigação de demolir o que existia. Atacámos todos, ferozmente, o século XIX — na literatura, na arte, na largura e comprimento das calças, no feltro das botas, dos chapéus e dos casacos, nos hábitos de sociedade, na intimidade familiar; substituímos a polca e a mazurca pelo «one-step» e pela «tombola»; maldissemos o drama, que nos fazia chorar, e adorámos a revista de ano, que nos dominava com os cenários e guarda-roupas fastuosos, a plástica perfeita das mulheres e os chistes da rua. Andávamos preocupados com esta obra de demolição quando surgiu a guerra de 1914. Sofremos todos. Muitos morreram; outros ficaram inutilizados para a vida. O Direito, a Liberdade, a Fraternidade — todas as palavras de que nós trocávamos, por nos parecerem vastas de sentido, redundantes, eram, afinal, realidades que se defendiam com milhares, milhões de vidas.

Começámos a perceber — embora reconhecendo sempre a necessidade de construir um mundo novo — que os homens do século XIX — tão caluniados e incompreendidos! — escreveram, pintavam, falavam, sorriam, viviam melhor do que nós e eram muito mais felizes, no seu desejo ardente de não serem agitados a superfície lisa e brilhante do grande lago social.

Algumas inovações da minha geração marcaram a nossa presença; mas tão pobres, que nos voltámos para o passado, e ali vimos os modelos, os exemplos, a continuidade da beleza, da arte e da alegria. Havia, é claro, uma necessidade absoluta de uma nova organização social; mas fizemos justiça inteira, devida, a esse maltratado século XIX, e foi esse, creio bem, o nosso acto mais nobre e digno.

Contra o noivo que a minha geração trouxe ao panorama das idéias, da arte, da vida social, lutam os rapazes de hoje. A humanidade vibra mais intensamente; tem exigências maiores. Uma guerra, mais devastadora do que todas, abala o mundo. Ninguém pode preaver o dia de amanhã. Mas pode alguém acreditar que seja uma geração construtiva a que veste pelo figurino estrangeiro, adora os clássicos portugueses, adora os burundangos socializantes, ri dos pintores que sabiam desenhar e colorir, e pasma diante das indecifráveis telas futuristas e cubistas, dança o «swing» e a «conga», não respeita os pais nem as mulheres, não pensa no futuro e apenas deseja viver, sem preocupações, o presente?

Diz-meão que não é pelos títeres de uma geração que se define uma época. Certamente. Mas poderão os outros, de real valor — e são bastantes — que possuem idéias e procuram criar hábitos diferentes de vida, isolar essa fama incharacterística que fez do chapelão amolgado, do casaco comprido e dos sapatos ferrados o símbolo do seu tempo?

Acreditei sempre no futuro — no da minha geração e no das gerações vindouras; mas verifico a necessidade de uma luta enorme, grandes sacrifícios, muitas angústias e desesperos, para que alguém possa fazer da geração actual, frívola, materialista, uma geração construtiva, à altura da sua missão e até do próprio desejo de tantos que fazem parte dela.

Uma coisa tenho por certa, se ainda viver vinte anos mais: a de que um dia a maioria desses rapazes se convencerá, como os da minha geração, de que a vida por si própria se renova, e que a Natureza — o grande exemplo de que os homens com tanta frequência se esquecem — mantém, com os mesmos elementos e regularidade, a perpetuidade da beleza e da harmonia.

LEOPOLDO NUNES



FALA-SE ESTA SEMANA

SACRAMENTO MONTEIRO



Para o alto cargo de director geral de Educação Física e Desportos foi convidado o sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro, que ficará neste exercício interinamente, por motivo de impedimento do sr. tenente-coronel Salvação Barreto, agora presidente da Câmara Municipal. Pela sua larga experiência como professor de educação cívica e desporto, o sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro vai, decerto, corresponder à confiança que o sr. ministro da Educação demonstra, chamando-o para o desempenho de cargo de tamanha responsabilidade.

MÁRIO AFONSO DE CARVALHO



Chama-se «O bom humor no C. E. P.» e reflecte, na verdade, o bom espírito da gente portuguesa, este pequeno livro que o major Mário Afonso de Carvalho acaba de publicar. Não se trata, como o autor mesmo explica, de um livro com pretensões. É um trabalho honesto, de compilação de factos de sabor anedótico, mas que não poderá dispensar-se, no dia em que se queira fazer a história completa e rigorosa do que foi a acção dos soldados portugueses em França, durante a outra Grande Guerra.



O homem e a função

NÃO são as funções que talham os homens, mas os homens que moldam as funções ao seu carácter. Não fosse assim, e não haveria princípio político que não merecesse o aplauso unânime das multidões. Simplesmente, o que quasi sempre acontece — é os homens estagarem os princípios. Daí, e correlativamente, suceder também que às vezes um bom lugar público nem sempre se torna simpático pela actuação daqueles que o ocupam.

Não foi o caso do sr. tenente-coronel Salvação Barreto que, desde logo à criação dos Serviços de Censura, foi chamado a dirigir uma instituição por princípio fora dos hábitos e das tendências da Imprensa portuguesa. Não se pode dizer, de facto, que a Censura e o seu exercício junto dos jornais obtivesse sempre a popularidade e a simpatia de quantos fazem ou lêem letra impressa. Todavia, muito poderia dizer-se e escrever-se de elogiativo acerca do homem que, sem deixar de cumprir o espinhoso e impopular cargo de director-geral dos Serviços de Censura, jámalas deixou de humanamente reconhecer os interesses dos jornais, fossem quais fossem as cores políticas em causa. Pode, talvez, ter-se discordado da instituição e do critério político ou jurídico da Censura — mas estamos em crer que nenhum jornal ou jornalista deixou de concordar com o homem ou com o critério de quem agia sob os argumentos da lei.

Pelo seu trato pessoal, pela sua boa-vontade em não ferir susceptibilidades, sempre que a sua decisão não implicasse com a quebra do espírito da lei, o sr. tenente-coronel Salvação Barreto que no seu cargo de alta confiança do Governo e da política podia ter agido sob influências de mesquinhos personalismos — soube, pelo contrário, encaminhar os assuntos da sua repartição, de modo a tornar-se verdadeira e paradoxalmente Impessoal.

A sua acção larga, permanente, e de tão fundas repercussões na vida da nação, pode dizer-se que conseguiu, com o seu prestígio pessoal, criar a boa-vontade interpretativa de quantos tiveram de lidar com a Censura.

«Vida Mundial Ilustrada» encontrou sempre da parte do sr. tenente-coronel Salvação Barreto a mais leal e sincera compreensão de modo que os sentimentos do amigo não se chocassem com os deveres do funcionário do Estado. E essa intenção ficou tantas vezes expressa em atitudes — que só teríamos dificuldades na sua contagem. E porque o nosso caso não é isolado mas pertence a todos os jornais, a sua saída da Direcção Geral dos Serviços de Censura veio privar a nossa Imprensa de um dos melhores, mais compreensíveis e criteriosos elementos.

O facto, em si, é justificativo desta nota e tem ainda a virtude de servir para ilustrar muitos exemplos noutros sectores da vida nacional.

Cai neve na natureza!...

Os versos do poeta vestem-se aqui de um sentido diferente. Não há na paisagem os pêsitos de criança, primeiro bem definidos, depois em sulcos compridos... Mas as casas da Serra — são da Estrêla — todas vestidas de branco e os caminhos como os pinheiros envoltos no seu manto nevado, bem nos fazem pensar nos dramas dos pobres, aconchegados à lareira, se o tempo permitiu que as mães dessem lenha! Todo o norte, até Lisboa, noivou neste fim de inverno na sua túnica de renda. A Estrêla, porém, de neves eternas, ficou mais linda que nenhum outro ponto de Portugal. E, galante, num gesto sedutor, como que está a perguntar-nos: Porque não veem? Aqui a vida é diferente e pura como a branquidão das neves!



O cinema não é rico!...

diz o cineasta
Dr. Melo Alvim

OS meios cinematográficos andam agora muito agitados. Por um lado, actividade produtiva; por outro lado, publicidade de temas... porque há muito que dizer, embora muitas vezes nem tudo deva ser dito ou não se diga o que deve. Ora, falar não nos parece que seja crime — mesmo que as verdades nem sempre sejam lisonjeiras e desde que as dite um bom propósito de contribuir para o progresso de qualquer actividade. Dentro deste critério, achamos que todas as opiniões honestas são respeitáveis, embora nem sempre correspondam ou se adaptem às circunstâncias de momento, para serem postas em prática ou entrarem imediatamente no plano de emenda das que rezam a *mea culpa*...

Simplesmente, na nossa terra, nem sempre se podem ter opiniões e franquezas, porque a discussão do assunto recad logo no caso pessoal e na intriga, em lugar de se esclarecer o problema em si.

Que se passa, pois, nos meios cinematográficos?
Um escandalozinho, dèstes à moda americana, que não teria maiores conseqüências, se realmente estivessemos na América...

Um artista, mestre do teatro, deu uma entrevista onde nem todos quiseram encontrar a interpretação verdadeira — mesmo quando se tratou de uma troca de nomes que tanto podia ter pertencido à redacção como à revisão, como à tipografia... Naturalmente, se outro tivesse tido o desassombro das suas afirmações, que constituem a verdade, pelo menos segundo o seu ponto de vista — tudo ficaria em bem. Mas o artista em questão é alguém, tem valor e tem opiniões...

Ainda há pouco Leitão de Barros com a sua indiscutível autoridade se permitiu ser franco nesta mesma revista — e porque usou dessa franqueza cremos que só teve a lucrar quem pôde ouvir o seu conselho.

Haja calma e boa-vontade. Façamos por tratar, não de assuntos pessoais, mas do cinema em si. Com isto lucrará mais a arte cinematográfica e perderão menos aqueles que forem chamados a depor sobre o assunto.

Estará, pois, o cinema português em franco progresso?

Deve haver opiniões respeitáveis que dizem que sim e que dizem que não. E, em esclarecimento àquelles que supõem que as condições materiais do cinema são fartas e que para fazer boa arte é necessário poder pagar bom material, o Dr. Alvim, que ouvimos sobre o assunto, dá-nos dados positivos e curiosos. O nosso entrevistado está intimamente ligado à nossa actividade cinematográfica. As suas afirmações revestem-se, portanto, de certo peso, quando lhe perguntamos se acha que tudo quanto se faz é bom, em matéria de cinema:

— Nunca se sabe se o que é bom é o que agrada. O público manda uma coisa e a crítica, com uma meia dúzia de elementos de público de elite, manda outra. É natural que nem sempre se faça o que se pretende, precisamente porque entre o público em geral, e a crítica e o público de elite em particular, há profundas divergências. César de Sá costuma perguntar: «que hei-de fazer? Um filme para intelectuais de que o público se diverte ou um filme para o público com que a crítica me desanque?». Creia que está aqui um grande problema... Um problema de sal e pimenta que, neste caso, pode ser uma intervenção de Maria Matos e António Silva, num filme à «Costa do Castelo»...

— Por exemplo, «Fátima, terra de fé» é um filme de outro género e teve êxito...

— Aparte outras razões funda-

mentais, há o título e o assunto...

— Mas, então, o nosso cinema não comporta, nem que seja como sombra, os honorários atribuídos no estrangeiro?

— Nem por sombra, acredite! Tudo é caro e difícil. É preciso fugir às grandes despesas, porventura pedir o sacrifício e a boa-vontade de todos, afim de se fazer o melhor, dentro das condições existentes...

E o Dr. Melo Alvim ligado a César de Sá na produção de «O fanqueiro da esquina», esclarece:

— Com o cinema português ninguém pode enriquecer ou sequer ser pago pelo valor que lá fora é atribuído a artistas ou técnicos. Temos uns 234 cinemas em todo o país, mais de metade abre só aos domingos e às vezes às quintas-feiras. Onde encontrar compensação? — Quanto custa, em média, um filme?

— 800 a 900 contos. Se fôr além desta verba, não há possibilidades de salvação.

— E os honorários?

— Bem vê, se fôssemos a pagar 300 ou 400 contos às três ou quatro primeiras figuras em que geralmente assenta o desempenho de um filme, onde ir buscar capital e defesa no empate? Em regra, eu lhe digo até, o autor de um argumento não ganha mais que 14 a 20 contos. E o realizador, que indiscutivelmente é o maior trabalhador e responsável, ganha à roda de 50, sendo, em regra, esta a importância atribuída ao operador. E tanto as possibilidades são poucas, que os artistas se contentam com o que podem receber. Maria Lalande, hoje a nossa primeira ingénua de teatro, recebeu 3 contos pela sua actuação em «Fátima, terra de fé».

— O estrangeiro?
— O Brasil já raras vezes se interessa pela nossa produção e o resto do estrangeiro muito menos. Ainda há pouco a Espanha se esquivou a comprar um filme nosso de grande êxito entre nós, alegando que o assunto lhe não interessava...

O Dr. Melo Alvim não adianta mais e nós damos uma volta ao tema da entrevista. Não queremos ver nos factos apontados a razão daqueles que afirmam a necessidade de um esforço, no sentido de melhorar a produção. Por isso perguntamos:

— Acha que os elementos teatrais devem ou não constituir as equipas do cinema?

— Sempre que consigam esquecer-se de que não estão a fazer teatro. A experiência teatral só prejudica a filmagem, se o actor não fôr capaz de fazer cinema. Cada arte tem a sua técnica. Àquelles que, por exemplo, sonham em ser realizadores não podem fazer bons filmes só porque tiveram um sonho. A leitura e a fantasia são uma coisa, as realidades são outras.

As palavras do Dr. Melo Alvim têm, de certo, um objectivo. Mas nós não queremos fazer dos seus reparos a realizadores improvisados, um caso pessoal que não interessa para aqui. Ele falamos na falta de maquilhadores e de decoradores, agora que os dois ou três que há estão ocupados. E nós perguntamos-lhe:

— E a interpretação cinematográfica de figuras históricas? Não obedecerá ao mesmo critério acima exposto?

Lembro-lhe as considerações de Leitão de Barros, num artigo publicado numa revista ilustrada, a propósito do assunto, intitulado: «O drama do teatro». O realizador de «Ala, arriba!» escreveu esta frase agora oportuna: «onde estão os grandes nomes para um elenco completo do teatro histórico?». Em relação ao cinema...

E o Dr. Melo Alvim, autor do argumento de «Fátima, terra de fé», um filme em negociações para ser projectado na Roménia, em Espanha, nos Estados Unidos, nas Bermudas, no Brasil e em Honolulu — levanta-se e dá por terminado o diálogo, porque tem mais que fazer do que atender jornalistas...

NOTAS RÁPIDAS



Uma vida de inexcêdível prestígio, no nosso mundo da ciência médica, a lei acaba de afastar da actividade universitária, onde o prof. Dr. Egas Moniz, mestre de mestres, tão larga projecção deixou à posteridade. No hospital de Santa Marta, os alunos do 3.º ano, de Medicina prestaram ao mestre expressiva e justa homenagem, quando Egas Moniz proferiu a sua última e sábia lição de professor catodático.



Desde segunda-feira, o sr. tenente-coronel Salvação Barreto está no desempenho das funções de presidente da Câmara Municipal de Lisboa. A sessão a que presidiu o sr. ministro do Interior, foi particularmente expressiva, constituindo eloquente afirmação do alto apêço em que é tido pelas nossas figuras mais representativas o novo presidente do município da capital. Vemos, na foto, o sr. tenente-coronel Salvação Barreto no momento em que prestava juramento.



Como dizemos noutro lugar desta revista, realizou-se há dias a inauguração do VII Salão Internacional de Arte Fotográfica. E um belcertaino onde Portugal está excelentemente representado, tendo o sr. Presidente da República honrado o acto inaugural com a sua presença, como se vê na foto.



A frota da M. P. tem, desde o último domingo, mais unidades. Aqueles o sr. ministro da Educação Nacional com os srs. drs. Marc'ho (Gretano), Lopes de Almeida e comandante Soares de Oliveira, na altura em que os tripulantes dos «kayaks» prestavam continêncio.

A TÉCNICA AO SERVIÇO DOS PROBLEMAS HUMANOS

A história do vale de Tennessee, uma região dos Estados Unidos do tamanho da Inglaterra, é um exemplo animador de quanto pode o homem, empenhando-se em resolver nobres problemas humanos.

O vale de Tennessee era habitado por mais de dois milhões e meio de pessoas vivendo num grande estado de atraso. Quasi ninguém tinha recursos; as vilas eram paupérrimas e as cidades mortas. Os campos, esgotados, a custo davam umas míseras colheitas de algodão e tabaco. As chuvas torrenciais e as cheias do rio Tennessee arrastavam as terras e as plantações. Cinqüenta milhões de dólares eram anualmente destruídos pelas enxurradas. Por outro lado, as doenças minavam o gado.

Mas em 1933 criou-se uma *Comissão do Vale* e, nove anos depois, Tennessee tinha-se tornado irreconhecível. O rio fôra disciplinado por inúmeros diques que originaram a formação de uma série de lagos navegáveis. Abriram-se 800 quilômetros de canais, ligando o vale aos rios Mississippi e Ohio, pondo-o assim em comunicação fácil com centros industriais.

O próprio vale transformou-se num centro industrial de primeira ordem. As treze geradoras hidro-eléctricas instaladas nos diques, com os seus 8.400 quilômetros de condutores de alta tensão, forneceram luz abundante e barata, dando energia a uma rede de fábricas que trabalham agora dia e noite. Fêz-se o aproveitamento racional dos minérios da região e a riqueza do solo foi restaurada pelo uso dos moderníssimos métodos de fertilização da terra e cultivo inteligente.

Nas encostas, outrora áridas, erguem-se novas florestas e os rebanhos desenvolvem-se rapidamente. A produção do leite e a criação de galinhas intensifica-se de modo extraordinário.

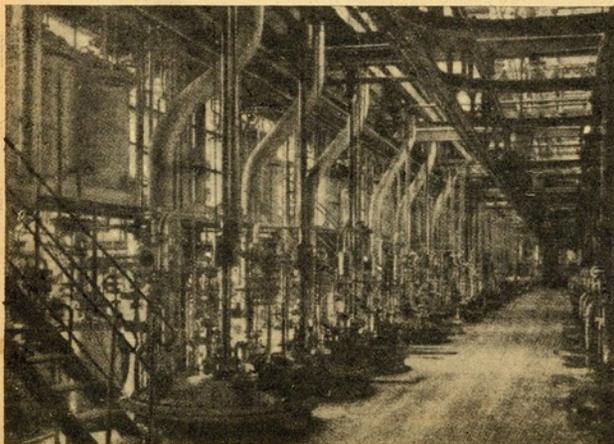
Novas casas se ergueram para os trabalhadores, e eles passaram a conhecer a civilização. Escolas modernas, centros recreativos, bibliotecas, etc., fizeram subir o nível cultural da gente de Tennessee. E o nível físico também melhorou, graças a uma alimentação variada e rica. Nos felizes esforços para melhorar as condições alimentares, as autoridades chegaram ao apuro de pôr a funcionar frigoríficos colectivos, servindo grupos de famílias.

Eis os benefícios humaníssimos de um século de maquinismos e técnicos! Muitos poucos, dos que proclamam a defesa do espírito, encaram a ciência e a técnica como os mais eficazes instrumentos para a resolução dos agudos problemas da humanidade moderna. Nenhuma grande transformação económica dos nossos dias pode deixar de ser, também, examinada e planificada sob o aspecto educativo e pedagógico. Porque o espírito humano acompanha as transformações do ambiente em que vive, e convém ensiná-lo a tirar sempre o melhor e mais generoso partido das possibilidades da vida cômoda e digna, da imensa riqueza em idéias e imagens que o mundo nos proporciona.

A experiência do vale de Tennessee foi maravilhosa como prova real para demonstrar que a boçalidade e «incapacidade de progresso» de mais de dois milhões e meio de rurais não eram factos inamovíveis da natureza humana das classes pobres, mas apenas trágicas conseqüências de um condicionalismo geográfico e económico, vencido graças ao génio dos homens.

“BUNA”-BORRACHA SINTÉTICA

São estas as gigantescas instalações das fábricas destinadas à produção da «Buna», borracha sintética. A «Buna» é muito superior à borracha natural: dura mais, resiste aos ácidos e aos dissolventes comuns da borracha, e não amolece com temperaturas elevadas. Actualmente procura-se conseguir que o produto dado pela natureza «mita» o produto artificial criado pelo homem!



ENQUANTO O MÉDICO NÃO VEM...

UMA ARTERIA CORTADA

SE qualquer instrumento ou objecto afiado, determina o corte total ou parcial dum vaso sanguíneo de certa importância dos braços ou pernas, é preciso tomar as devidas precauções. No caso de se tratar duma artéria, o sangue sai de maneira intermitente, às sacudidelas, correspondendo às pulsações do coração.

No caso do ferido ter ânimo suficiente, com uma das mãos deve comprimir a região do membro acima da ferida e dirigir-se onde o possam tratar. Mas, em geral, o ferido perde a cabeça e precisa, desde o início, do auxílio alheio.

Quem encontrar uma pessoa nestas condições, deve fazê-la sentar, como prevenção duma possível síncope; e imediatamente a seguir colocará uma ligadura, um lenço ou uma gravata, à volta do membro ferido, e acima do ponto da hemorragia, de modo a fazer a pressão suficiente para estancar por completo o sangue ou — que é mais frequente, — para reduzir a hemorragia ao mínimo. Depois, convém lavar a região lesada com água fervida misturada com éter ou água oxigenada.

Se o doente está atordoado ou perdeu muito sangue, dê-se-lhe um cálice de vinho do Pôrto, por exemplo.

Enquanto estes cuidados estão a ser dados, alguém foi já chamar o médico; se existir apenas a pessoa que fez os tratamentos, esta irá chamar o médico só depois de ter pôsto a atadura para estancar ou diminuir a hemorragia.

COMO FUNCIONA UM SIFÃO?

A habilidade do homem em fazer as forças da natureza trabalhar para ele, é convincentemente ilustrada pelo sifão. O sifão é utilizado para fazer passar um líquido dum recipiente mais alto para outro mais baixo, obrigando-o, porém, antes de atingir o ponto de descida, a vencer uma barreira vertical.

A mais simples forma de sifão é um tubo dobrado em «J», portanto com um dos ramos maior que o outro. O ramo mais curto é enfiado dentro do líquido no recipiente mais alto, e o comprido é imerso no líquido de nível mais baixo. A pressão do ar sobre os dois líquidos é a mesma. Se o tubo fôr enchido, a coluna líquida do ramo maior pesará mais que a do outro ramo e a força da gravidade impele-a para baixo, caindo na respectiva vasilha. A queda do líquido, no ramo maior, tende a formar o vácuo entre os dois ramos, o que representa a abolição da força da pressão atmosférica. Por isso, a pressão existente sobre o líquido na vasilha mais alta, força-o a subir instantaneamente no tubo, evitando a formação de vácuo. Daí o constante renovoamento de líquido, que se vai escoando de cima para baixo.

Tudo se passa como se a queda do líquido no ramo maior arrastasse a subida no ramo menor: graças ao simples jogo de duas forças, a acção da gravidade e a pressão do ar.

Como exemplos comuns da aplicação do sifão temos as mangueiras utilizadas pelos aguadeiros, para encher cisternas, ou pelos taberneiros, passando o vinho duma pipa para outra, etc.



A incrível figura de homem aqui apresentada é um negro da África Equatorial atacado pela doença do sono. Esta doença é causada por microbóios chamados «triponosomas», que se transmitem pela picada da famosa mosca «tsé-tsé». A doença começa por febres, hipertrofia do baço e erupções cutâneas; depois, entra-se num período de sonolência. A doença pode durar desde vários meses até alguns anos.

TALVEZ NÃO SAIBA...

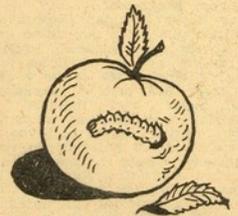
1—Que o sábio fisiologista italiano Galvani, que realizou várias experiências com rãs, foi posto a ridiculo e chamado estemete de danças das rãs.

2—Que a propósito da primeira embarcação a vapor, construída pelo americano Fulton, se dizia ser mais fácil alcançar a lua com água quente, do que o outro lado do oceano.

3—Que o inglês Frederico Winsor, tendo-se proposto iluminar Londres a lampeões de gás, foi injuriado. O escritor Walter Scott escreveu: «só um doido se propõe iluminar as ruas com fumaças».

4—Que Liebig, grande químico alemão, cujos trabalhos tanto influram no desenvolvimento da agricultura, foi classificado como tarado. Alguns laboratórios chegaram mesmo a não permitir que ele lá trabalhasse.

Assim como o lagarto dá cabo da fruta...



...assim as nódoas e o lustro dão cabo da roupa.

Por isso se torna indispensável o uso do

CASULO Limpa-Fatos

essa fórmula maravilhosa de 8 substâncias químicas inofensivas que suprime por completo NÓDOAS, LUSTRO, MAU CHEIRO e TORNA OS FATOS COMO NOVOS E MAIS DURA-VEIS.

Só custa 2800

EM TODAS AS DROGARIAS

Revenda:

SCHROFFER & ALMEIDA

Rua da Madalena,

128, 2.º — LISBOA



FÁBULAS DE HOJE

Alugar um quarto

SE as coisas continuam assim, palavra de honra que ainda acabamos todos por morar na rua. Nunca o pobre do lisboeta se esfalfou tanto para conseguir um buraquinho onde guardar o corpo. Levanta-se cedo, corre a comprar o jornal, devora a secção de ponta a ponta, gasta meias solas em corridas pela cidade, busca, rebusca, nariz no ar à espera de ver papelinho branco pespogado numa vidraça, esfalfa-se, sua, quási morre e, chegado à noite, além dos pés inchados e de uma fraqueza geral, nada mais conseguem arranjar.

O lisboeta que tem a pouca sorte de não ter quarto, pode limpar as mãos à parede que nunca mais o arranja. Os inquilinos, esses felizes mortais que se dão ao luxo de possuir uma casa e de alugar um ou dois quartos, armam-se, agora, com tantas exigências que não há hóspede que lhes sirva. Como se chama, como não se chama, o que faz, o que não faz, a que horas se levanta, a que horas se deita, se recebe visitas, se não recebe?

Se o infeliz do candidato ousa dizer que só sai de casa ao meio dia ou às duas, sabido é que o inquilino torce a venta e resmunga:

— Desculpe, mas não serve...

Apenas alugam quartos a homens. Mas a homens que saiam de manhãzinha e regressem à noite. Sim, que eles, os simpáticos inquilinos, não estão para se maçar!

Ontem, encantados de correr tódia a Lisboa, encontrámos, finalmente, o quarto que nos parecia convir, no que se refere ao preço, bem entendido. Eram quatro paredes sujas e esburacadas, uma cama de ferro, sem maçanetas, uma mesa coxa, a fingir de secretária-ministro, e um velho e seboso lavatório todo oxidado. Mesmo assim o arrendatário, que para o caso era uma arrendatária, atreveu-se a pedir 300 escudos. Regateámos meia hora, bem entendido. Depois, lá se conduziu, deixando pelos 200.

Quando, encantados da vida por ter arranjado um quarto, nos dispunhamos a sair, a senhora pergunta de sobrecoelho franzido:

— O senhor tem crianças?

— Não! — respondemos com um lindo sorriso.

— Sai de manhã e só entra à noite, não é verdade?

— Naturalmente que sim!

— Recebe visitas?

O nosso sorriso cada vez era melhor.

— Oh, não!

— Costuma assobiar?

— Também não!

— E toca algum instrumento?

Sacudimos a cabeça com violência:

— Certamente que não!

— Tem cães, gatos ou papagaios?

— Oh, não, não!

— E rádio ou grafonola?

— Também não!

Há coisas inexplicáveis na vida. Mas fôsse por aquêle interrogatório já nos parecer idiota de mais ou fôsse porque fôsse, exclamámos, sorrindo:

— Mas tenho uma caneta de tinta permanente que arranha algumas vezes. Haverá inconveniente?

E quando esperavamos que a mulher sorrisse pela nossa gracinha, ela semi-cerra os olhos e exclama, irada, furibunda:

— Ah, nesse caso não alugo...

E foi assim, que uma vez mais, fiquei sem alugar um quarto.



«Não esqueça que divulgar boatos é um crime».



— Atropelou alguém?
— Creio que não. Suponho que é um curioso que está a ver como o automóvel é feito por dentro.



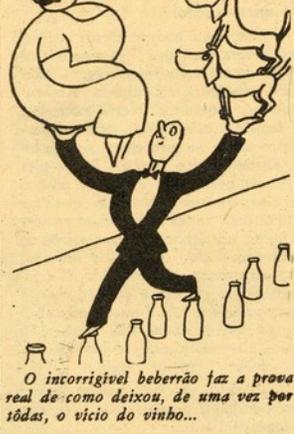
— Homem! Que é isso???
— A minha perna adormeceu. Preciso despertá-la!



— Pois claro que sou o pato Donald, mas você sabe perfeitamente como nós, estrelas de cinema, somos diferentes fora da tela.



— Recapitulemos: A senhora queixa-se de dores nas costas, falta de ar, tonturas... Qual é a sua idade?
— Vinte e seis anos, doutor...
— Hum! Tem perda de memória também...



O incorrigível beberrão faz a prova real de como deixou, de uma vez por sódas, o vício do vinho...

TUDO EM FAMÍLIA

Encostado a um candeeiro da Avenida, um velho cego estende a mão ossuda a uma senhora que passa.

— Uma esmolinha, por amor de Deus...

— Tenha paciência — diz a senhora. — Já dei a uma mulherzinha que estava ali à esquina, a um garotinho cego e a um velhote aleijado...

— Deus lhe agradeça, minha rica senhora.

— Porquê, se eu não lhe dei nada?

— Já deu, sim, minha senhora. A

mulher é minha esposa, o garoto é meu filho e o velhote é meu sócio...

UMA PREGUNTA

Num tribunal inglês, o juiz aponta com o seu bastão para o réu, exclamando:

— Na ponta do meu bastão está um famigerado patife!

Ao que responde o réu, com muita doçura:

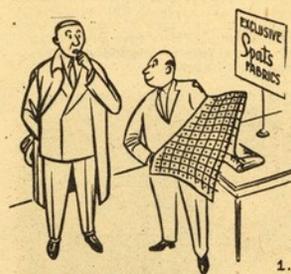
— Em qual delas, «milord»?

ENTRE AMIGOS

— Porque não te dás bem com o teu marido? Brigas, desavenças constantes. Porquê? Tens opiniões diferentes das dele?

— Não. Temos as mesmas opiniões. Ele quer mandar em casa e eu também...

O último modelo de casaco de desporto



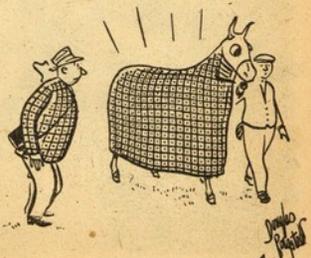
1.



2.



3.



4.



E A PISCINA?

HA problemas que se protelam demasiadamente sem que uma razão forte tal justifique. Esboçam-se projectos, esquematizam-se idéas, mas passa o tempo e tudo fica como estava!

No meio desportivo português existem vários exemplos. Enumerá-los é tarefa árdua, demorada, levando infalivelmente a um caminho de desolação e tristeza.

Quem não tem dinheiro não pode, evidentemente, dar-se a luxo. Vive na sua modestia, limita-se ao trivial e fica à espera que um dia a fortuna lhe bata à porta. Será uma posição cômoda, mas é também uma posição de vencido — idéia que o desporto não concebe!...

Há também os que podem dar largas às suas disponibilidades financeiras, mas são forreiros ou agiotas. Tornam-se — ou são já de origem, se o dinheiro é hereditário — pessoas intratáveis, de máscara dura afivelada ao rosto — uma máscara que, atada a distância, telegrafia a má disposição ajustada, a quem, para mal dos seus pecados, lida com muito dinheiro... Dêsses, a história só reza para os condenar, reconhecendo, embora, que podem usar o lema do «posso, quero e mando!»...

Existe, entretanto, outra categoria: a dos hesitantes, dos falhos de espírito e de iniciativa. Têm possibilidades, mas tudo temem. Querem agora — para não quererem logo, porque pode ser perigoso... A sua pusilanimidade estraga a vida, às vezes, a terceiros...

E assim, em constante mutação de quadros, a vista não energa nada de novo, porque eles recapitulam-se indefinidamente. Tudo permanece na acalmia, na expectativa, no letargo.

Por exemplo: há quanto tempo se reconheceu a necessidade de haver em Lisboa, bem localizada, uma piscina? E até hoje, o que se fez? Apenas confirmar, por palavras, quantas vantagens adviriam da sua existência!

Os clubes desportivos, cujo sonho era possuir uma piscina, não têm recursos para se abalarçar a empresa que requiere sólidos alicerces. Muito se lhes deve de quanto de bom — e de mau — existe. Alguns excedem, até, o que as forças lhes permitem, numa ânsia de valorização que só os dignifica. Mas é impossível fazerem mais. Só com auxílio estranho, também largamente preconizado, mas jamais concedido. Abstraindo da finalidade puramente desportiva, uma piscina, ampla e central, era «negócio» com todas as resonâncias simpáticas e antipáticas, que o vocábulo possa provocar. Capitalistas têm sido assediados, dando-se-lhes até garantias invejáveis. A nada eles se movem... Estão, como num artigo anterior aqui dissemos, à espera uns dos outros... A ver qual será o primeiro — e que tal se dará... Logo que um se decida, surgirão tantos que a «inundação» da capital será inevitável!...

Se a iniciativa particular é um mito, se não há forma de lhe dar expressão, pensamos que a iniciativa oficial pode ser mais positiva.

Fêz recentemente quatro anos que, acompanhados por um amigo entusiasta das coisas de desporto, muito especialmente de natação, fomos recebidos numa audiência especial, pelo Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, há dias cessante. Estava, então, em efervescência a idéia da construção duma piscina em Lisboa, num local bastante acessível, idéia essa amparada por dois capitalistas, que mais tarde se arrependeram... O Presidente da edilidade lisboeta ouviu atentamente a exposição que lhe fizemos e o objectivo que ali nos levava: conseguir um certo número de facilidades. Não perdemos totalmente os passos, porque uma vez a iniciativa em marcha, a Câmara dispensaria determinadas concessões; como ficámos também a saber, no decorrer da conversa, que aquela entidade não poderia, por a sua legislação lho não permitir, construir uma obra para exploração pública, como seria, de facto, uma piscina municipal. Como os capitalistas deram o dito por não dito — o sonho continuou a prevalecer!...

Hoje, à frente da primeira Câmara do país está um homem que, por curioso, e quem sabe se feliz coincidência, deteve a direcção dos desportos. Conhece as lacunas de que eles enfermam e os vícios etviam. Será ousado esperar do seu espírito empreendedor a revogação da lei inibitória da construção duma piscina municipal? Por certo que não. Como nós, pensamos naturalmente todos aqueles que desejarlam ver satisfeita aquela necessidade.

...E talvez seja chegado o momento das agremiações desportivas interessadas jogarem francamente a sua cartada, voltando a agitar a lembrança duma participação oficial para o almejado fim!...

E que, falando de desportista para desportista, o entendimento é mais fácil, dispensam-se as exposições longas e podem — porque não? — obter-se soluções mais rápidas!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

A sr. Joe Louis e seu filho

Joe Louis, campeão do mundo de «box» em pesos-pesados, está actualmente a servir nas tropas de Tio Sam. Enquanto o marido se bate em «qualquer parte» do mundo, a esposa, também de cor mas nem por isso menos bonita, regressou à sua profissão de cantora da Rádio. Aqui a vemos com o glorioso recbento do casal — o sr. Joe Louis Júnior, talvez futuro soqueador, Pelo menos a attitude das mãos assim o representa...



O público e os directores não devem estar só onde há vitórias!...

diz Amaro, capitão do Belenenses

MARIANO Amaro, o «internacional», capitão do Belenenses, mal o interpelámos sobre os quatro sombrios resultados do seu clube, no começo da segunda volta do Campeonato Nacional, teve esta opinião:

— Sucede a todos os grupos. Nota-se mais no Belenenses, como também se notaria no Benfica, no Sporting ou no Atlético, por serem os mais populares.

O grupo atingiu b. apogeu da forma muito cedo, e agora ressent-se disso. Mas é um período transitório; fêz-nos perder o campeonato, mas as coisas são como são.

— Houve uma quebra sensível nalguns jogadores?

— Sim. Motivada principalmente pela doença e por castigos, que obrigavam a mudanças consecutivas...

— O Amaro também cedeu...

Uma pausa. E o capitão dos «azuis» tem um desabafo.

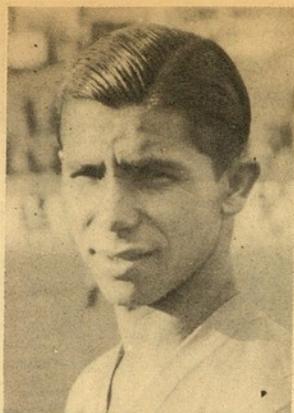
— Sabe, meu amigo! Desde o jogo de Coimbra em que fui castigado com 8 dias, nunca mais fui o mesmo. Não tenho relutância em dizê-lo. Acabrou-me, venceu-me. Nesse momento, só lamentei estar preso, por compromissos sérios, ao meu clube, porque teria abandonado o futebol! Se eu preparasse, bem estava. Prezo-me, porém, de não ter um adversário que me aponte uma deslealdade perigosa, nem de haver um árbitro que me apode de incorrecto. Como capitão do Belenenses, recomendo sempre aos companheiros que joguem e deixem tudo o mais, porque a bola é que interessa. O castigo sofrido abalou-me, tirou-me o moral, tirou-me energia e vontade...

— Mas V. tem de reagir...

— Decerto. O clube precisa do esforço de todos e pela minha parte não o regatearei.

— Então em Coimbra, não houve nada de extraordinário...

— Eu explico: uma bola foi fora. Fui buscá-la, mas aproveitei o facto do jogo estar interrompido, para ordenar a troca dos extremos. Suposição do árbitro: que eu demorara o recomeço da



partida intencional — e talvez acintosamente. Só em Lisboa, dois dias depois, soube que êle tinha participado de mim!... E mais nada houve!

— Como têm os directores do clube encarado os resultados do grupo?

— Como desportistas autênticos. Nem uma lamentação, nem uma censura; apenas com desgosto, o que se compreende. Sempre presentes, confortam. E nas quatro derrotas sofridas, foram realmente, para os jogadores, os companheiros que melhor viveram o nosso aborrecimento... Sabe? Os jogadores sentem. Do primeiro grupo do Belenenses, só três elementos não «nasceram» nas Salséias: Salvador, Feliciano e Gomes. Mas cumprem da melhor maneira o seu dever. São generosos, são dedicados, são desportistas. Não é justo, e com mágoa o digo, que o público, aquêle público que é belenense, mas só conhece o clube pelas vitórias, condene os jogadores porque eles não correspondem sempre àquilo que se quer. Um jogador é um homem, que falha como todos. Nós já estamos habituados a muita coisa, mas a ingratitude choca-nos. Por isso, mais prazer me dá exaltar a attitude dos directores do Belenenses. É assim que se estimula, é assim que se transmite confiança... Perdeu-se hoje? Ganhar-se-á amanhã.

— Deposita esperanças na Taça de Portugal?

Um sorriso cem por cento optimista!

— Com toda a certeza. Dentro de semanas, acredite, o Belenenses será outro!...

— Uma última pergunta, Amaro! Jogará ainda muito tempo?

— Tenho 29 anos. Sou novo. Gosto da bola; mas também estou farto da bola; quero ao meu clube, mas aprovo as renovações... Quere tirar daqui uma conclusão?...



'MONTEGIL'

Fixe bem V. Ex.^a este nome e esta marca! São super-produtos de beleza e de perfumaria nacionais de moderna técnica!

PEÇA-OS NAS CASAS ESPECIALIZADAS



SO' AS BOAS CASAS

FAZEM A MULHER ELEGANTE!



Não é de agora, é de todos os tempos. Já na época distante das nossas avós era assim — mas com as exigências da vida de hoje a necessidade de vestir bem tornou-se mais evidente que nunca! É uma condição essencial para triunfar na sociedade e na vida. Tanto para o homem como para a mulher — mas muito mais para esta, em que os dotes naturais de beleza só poderão ter o realce merecido se forem completados por uma formosa «soi-lette». Da mesma forma que uma tela de maior valor passará quasi despercebida a nossos olhos ávidos de beleza se não tiver a enquadrá-la uma moldura sugestiva!

Mas para vestir bem não basta — ao contrário do que poderá parecer à primeira vista! — ter dinheiro para adquirir um vestido de bom preço. E quem diz um vestido, diz um par de sapatos, um casaco de peles, um par de meias, etc. Torna-se indispensável, além de saber escolher com gosto — saber preferir as boas marcas. E o bom gosto e as boas marcas só é possível à mulher elegante encontrá-las, hoje em dia, nas casas de primeira ordem! Está nisso o segredo do seu triunfo. Só as boas marcas e, conseqüentemente, as boas casas que as possuem podem oferecer-lhe a garantia absoluta do que é bom e do que é chique!

Ora, nesta página, apresentamos hoje alguns dos melhores estabelecimentos de Lisboa, como indicação útil para as senhoras mais exigentes. Aconselhando-os às nossas leitoras — temos a certeza de que lhes prestamos um bom serviço. Comprar em qualquer dêles uma vez — será a garantia de que ficarão sendo para sempre suas clientes!

Porque a verdade é esta: só as boas casas fazem a mulher elegante!

Casa Mimoso
Rua do Ouro, 146-1.



Os modelos que agradam sempre às senhoras de bom gosto

Sapataria Versailles
Rua Santa Justa, 96



ELEGANCIA E DISTINÇÃO
DOS SEUS MODELOS

Gaby Couturier
MODELES PARISIENS



Próxima abertura de salões
Rua Braamcamp, 16 r/c. - D.*



Tatá & Rodrigues, L. da Suc.
53, Rua Garrett, 59
TECIDOS-MODAS-NOVIDADES



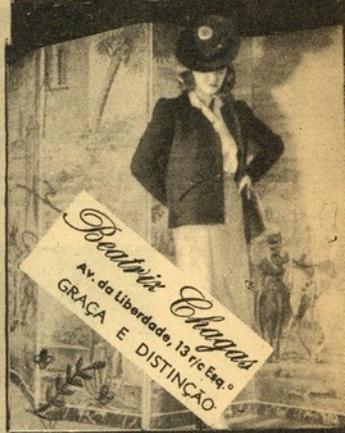
AS PELES
DAS ME-
LHORES
ORIGENS
MALAS
ESTOJOS
CINTOS

CASA UNIVERSAL
45, Rua do Carmo, 47



Pour les dames chic

CASA CANADÁ
228, Rua Augusta, 232
PELES E MALAS



Beatriz Chagas
Av. da Liberdade, 13 r/c Esq.
GRACA E DISTINÇÃO



MODELO «CARTOLA»
original criação da casa

CASA Tatá

Rua de S. Nicolau, 73

IMPÉRIO
Confeccões para senhora
Av. Almirante Reis,
25 r/c.





Côr Tirone para cabelos pretos

CLIPER'S

Aprezente a brilhantina sólida para cavalheiros novidade em Portugal em

5 CÔRES

A brilhantina usada pelos artistas de Cinema. Especialmente preparada para fotografia. FAÇA HOJE MESMO ESTA EXPERIENCIA. PENTEIE-SE COM A BRILHANTINA «CORREDO» tradução portuguesa da marca de exportação

«CLIPER»

e em seguida tire uma fotografia e veja como o penteado se destaca de uma forma especial

INCOLOR

PARA TODOS OS CABELOS
BOIÃO 16\$00



Côr Douglas para cabelos louros ou claros



Côr Gable para cabelos castanhos



Côr Barrymore para cabelos brancos ou grisalhos

A venda em todas as boas casas

Luis de Oliveira Guimarães



•VIDA MUNDIAL EDITORA•

67 entrevistas cheias de revelações e confidências

35 caricaturistas ilustram este livro

ALGUMAS DAS NOSSAS GRANDES FIGURAS DE HOJE NA INTIMIDADE DOCUMENTÁRIO DE UMA ÉPOCA

320 PÁGINAS — ESC. 15\$00

ESTA MUDANÇA SURPREENDENTE



Fotografias de Milla D. Bramallo

EM 7 DIAS APENAS



Parece inacreditável mas EXPERIMENTE-O PESSOALMENTE!

Numa semana apenas! Milhares de senhoras maravilhadas, livraram-se das suas rugas — rejuvenesceram muitos anos. Restitua à pele o próprio e precioso elemento natural de mocidade — o Biocel — e a pele tornar-se-á rapidamente fresca e jovem. O «Biocel» é a descoberta surpreendente do Professor Dr. Stejskal da Universidade de Viena. O creme Tokalon, Côr de Rosa, contem-o presentemente. Aplicado todas as noites antes do deitar, alimenta e rejuvenesce a pele durante o sono. De dia empregue o Creme Tokalon, côr branca. Dissolve os pontos negros, aperta os poros dilatados e, em alguns dias, torna branca, macia e aveludada a pele mais escura e mais áspera.

A venda nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva à Agência Tokalon de Lisboa, 88, Rua da Assunção, que atende na volta do correio.



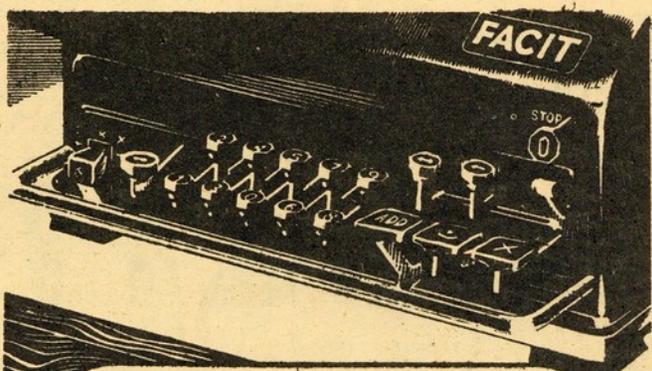
APRENDA RADIO

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil. Peça folhetos grátis à

ACADEMIA NACIONAL DE RADIO

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12

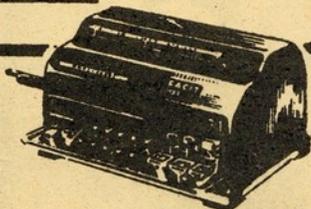
PORTO



APENAS ESTE TECLADO!

FACIT

SEM ALAVAN-CAS NEM CUR-SORES!



Manual e Eléctrica — 4 modelos

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO-AMERICANA, L^{DA}

RUA DA PRATA, 145
LISBOA
Telef { 25281
22102

R SÁ DA BANDEIRA, 339
PÔRTO
Telef. 1248



Toma lá,
dá cá

Uma revista
de categoria

Brilhantina «SUNEV» é um produto sem rival.

Exija-o nos bons estabelecimentos

Laboratório dos Produtos
«DEANNA»

Rua dos Fanqueiros, 235-3.^o
LISBOA — Telefone 29568

PASTA MEDICINAL

Couto

Evita as doenças da boca

O NOSSO CONCURSO

MAIS DE 5.000 VOTOS!

Maria da Graça ocupa o primeiro lugar, seguida de Maria Sidónio, Luís Piçarra e Graciete Branco

NÓS próprios estamos surpreendidos. Agradavelmente surpreendidos. Mas a verdade é que o nosso concurso representa um verdadeiro sucesso, como o provam os 5.028 votos recebidos até quarta-feira, 1 de Março, o último dia marcado para a recolha de votos da primeira etapa.

De todos os cantos do país, cidades, vilas, povoações quasi desconhecidas, vieram cartas, vieram postais. Nada menos de 5.028 — e isto é qualquer coisa. Clubes de recreio, clubes desportivos, doentes em hospitais, soldados, mandaram abaixo assinados, com 20, com 30 assinaturas, votando na sua vedeta preferida.

Maria da Graça triunfou na primeira etapa, com 782 votos, mais 56 do que a sua concorrente mais próxima. Isto, porém, não quer dizer, necessariamente, que seja ela a vencedora final do nosso concurso. Faltam ainda nove etapas e, até lá, muitas e muitas surpresas poderão aparecer. A artista que se encontra hoje no final da lista, com 4 votos apenas, pode ainda, mercê da ajuda dos seus admiradores, ir subindo e chegar ao fim com uma votação superior a qualquer das outras. Porque não?...

Maria Gabriela, Curado Ribeiro, Oscar de Lemos e Maria Domingas, ocupam o 5.º, 6.º, 7.º e 10.º lugar. Os seus admiradores, que são muitos, esqueceram-se deles nesta primeira jornada. Mas a luta promete ser viva e bem reñhida. Quem ganhará? Qual será a vedeta portuguesa mais popular da rádio?

COMEÇA HOJE MESMO A TERCEIRA ETAPA!

Em baixo, é publicado um *cupon*. Recorte-o, preencha-o e envie-o hoje mesmo à redacção de «Vida Mundial Ilustrada». O seu artista preferido necessita do seu voto! Concorra, faça-o ganhar, seja um admirador activo! É esta a classificação geral da 1.ª etapa:

1.ª — Maria da Graça.....	782 votos
2.ª — Maria Sidónio.....	726 »
3.ª — Luís Piçarra.....	672 »
4.ª — Graciete de Melo.....	457 »
5.ª — Maria Gabriela.....	455 »
6.ª — Curado Ribeiro.....	247 »
7.ª — Oscar de Lemos.....	214 »
8.ª — Cidália Meireles.....	108 »
9.ª — Maria Teresa de Noronha.....	96 »
10.ª — Maria Domingas.....	84 »

Há ainda mais 28 classificados.

PREMIOS!!!

Hoje, de propósito, ainda não se desvenda este agradável segredo. É preciso que os radiófilos votem desinteressadamente nas suas artistas preferidas, sem qualquer outro interesse que não seja vê-la triunfar sobre todas as outras. Todavia, sempre se diz que os cinco prémios a distribuir pelos admiradores das artistas classificadas, no final do concurso, nos cinco primeiros lugares, são, qualquer deles, tão úteis como valiosos. Porque não há-de concorrer? Por que não há-de dar o seu voto para que a sua vedeta preferida seja consagrada como a vedeta portuguesa mais popular da rádio?

CONCURSO DE RÁDIO «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»

2.ª etapa

Voto em

Pôsto em que trabalha

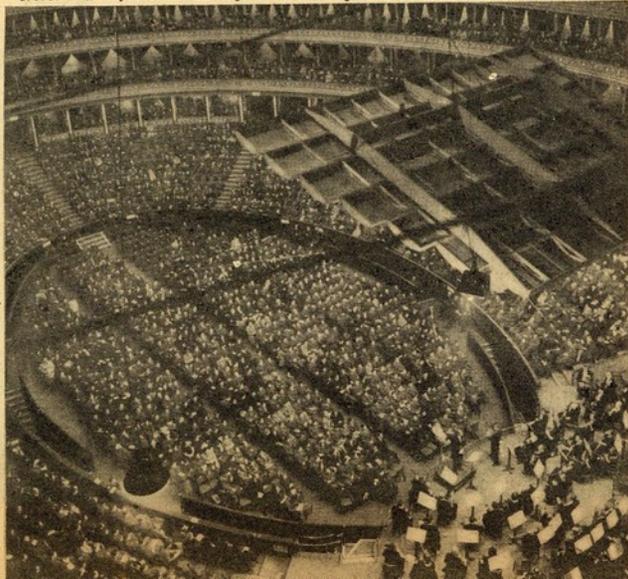
Nome

Morada

Um grande concerto em Londres!

NO histórico Albert Hall, em Londres, realizou-se um dos mais monumentais concertos, dedicado aos soldados das Nações Unidas.

Tocou, excepcionalmente, como solista, o célebre violinista Jehudi Menuhin, acompanhado pela Orquestra Filarmónica de Londres, e a assistência era computada em cinco mil soldados dos Estados Unidos da América do Norte — a nação irmã da Inglaterra nesta guerra de luta e de morte.



Em França ouve-se muito a rádio portuguesa!

— Diz o jornalista Alfred Deport

QUANDO o reporter entrou no estúdio do Rádio Clube Português, estava já tudo a postos para a emissão. Em cima da mesa, o microfone, pronto a ser ligado. Ao lado, o jornalista francês Alfred Lefort e Humberto Mergulhão, este com a primeira pergunta já engatilhada para a entrevista que ia fazer.

O leitreiro acendeu-se. SILÊNCIO, pediam em letra vermelha. E a emissão começou...

Cabe a Alfred Lefort o mérito de ter criado, no Rádio Francesa, o programa da *Hora Portuguesa*. Grande amigo de Portugal, autor de vários artigos sobre o nosso país — tudo isto dava foros de sensacional à entrevista que ia começar.

Alfred Lefort está diante do microfone com a calma e o à-vontade de velho profissional. E a entrevista decorreu quente, entusiástica — que Mergulhão tinha muito para perguntar e Lefort para responder.

À ESCUTA

REPETIMOS, em resposta a duas ou três cartas com insinuações e ameaças, que nada, nem ninguém, impedirá que esta secção continue a ser publicada e sempre dentro do mesmo espírito que a orientou desde o primeiro número. Repetimos, também, que nada temos com as intrigazinhas entre radiófilos e postos emissores, como nada temos, de igual modo, contra o artista A ou o artista B. Os nossos comentários, se raramente são agradáveis aos alvejados, a culpa nunca é nossa, mas sim, única e exclusivamente — deles. Que culpa temos nós dos seus erros, dos seus desacertos, por vezes, até da sua incompetência?

* * *

— O último concerto desta época, do Círculo de Cultura Musical, deve fechar com chave de ouro. Nada menos que, no mesmo programa, o grande maestro finlandês Schnevoigt, a cantora Rantovaara e a grande Orquestra Nacional.

* * *

— Como tudo na vida, os discos também têm a sua duração. Mas porque devem ignorar isto certas estações, dando-nos música gravada, com discos velhos, estragadíssimos, que já se não podem ouvir?

REPORTER UM

O CAVALO DE TROIA

Alfred Lefort soube definir, como ninguém, o papel da imprensa e da rádio.

— Ouve, durante muito tempo, entre a Imprensa e a Rádio, uma luta que foi quasi de morte, luta essa que só se tornou possível enquanto a Rádio não sabia bem ainda qual a sua verdadeira missão. Agora, porém, essa desinteligência já não existe. O que existe, talvez, é uma espécie de concorrência entre aquilo que podemos chamar a Imprensa falada e a Imprensa escrita. Mas, em meu entender, esta falsa concorrência, bem compreendida, pode transformar-se numa emulação que aproveite às duas grandes forças.

É concluiu, com uma imagem pitoresca:

— A informação é, mais ou menos, como o cavalo de Troia que tem de entrar todos os dias em todas as casas, até nas dos cegos e nos dos surdos. Para os primeiros, revela-se eficiente a do jornal falado; para os segundos, a do jornal escrito. Logo, completam-se e já não podem dispensar-se uma à outra. A Rádio lança a informação; a Imprensa desenvolve-a, explica-a.

DUAS ESPÉCIES DE CASAMENTO

Fala-se de literatura. Alfred Lefort tem resposta pronta:

— Como todas as técnicas, a Rádio deve ser posta ao serviço da literatura, porque lhe oferece meio de difusão quasi tão importante como aquele que lhe deu a descoberta de Gutenberg. Assim se efectua, entre ambas, o que chamaremos *casamento de conveniência*. Mas pode existir, também, o *casamento de amor*. Neste caso, a Rádio em vez de servir apenas a literatura, tem o direito de aspirar ao papel de musa. Assim, chegamos a uma literatura que não se limita a utilizar a Rádio para a sua divulgação, mas que, pelo contrário, nasce dela e para ela. É, propriamente, a literatura radiofónica.

CORAGEM E ESPERANÇA...

A *hora portuguesa* na Radiofusão Nacional Francesa, foi uma das primeiras a ser criada.

— Fi-la como gratidão para com o vosso país — diz Alfred Lefort. — Eu não tinha esquecido os milhares de cartas que, a seguir aos tristes acontecimentos de 1940, tinham vindo até nós para nos exprimir uma simpatia que nos ia direita ao coração. Essas mensageiras do pensamento e do sentimento do povo português poderiam trazer como legenda estas palavras que os deuses gregos dirigiam aos heróis infelizes: «Coragem e Esperança»...

A readaptação dos feridos da França-Livre



Joseph Lacasse, o célebre artista belga, dirige um curso de Belas Artes em Finedon Hall. As pinturas murais e a arquitectura têm a preferência dos alunos. Nesta fotografia vemos Lacasse a trabalhar numa dessas pinturas, enquanto dois dos «readaptados» se dedicam ao recorte de figuras.



Combatentes franceses, internados em Finedon Hall, dão de comer aos patos. Os trabalhos do campo contribuem poderosamente para o restabelecimento definitivo dos doentes e estropeados que o Centro de Readaptação está a preparar para o regresso à vida normal.



No intuito de evitar a despesa com a compra de tapetes, os internados em Finedon Hall pintam os soalhos por um processo especial, caprichando em dar-lhes um aspecto artístico. Estas pinturas são garantidas por 10 anos.

QUANDO a guerra veio transformar a França em dois solos e um só espírito, o mundo julgou, por momentos, que as forças dissidentes chefiadas por De Gaulle iam cavar no solo de Inglaterra a última sepultura da liberdade pátria. Mas, depois, pouco a pouco, as forças engrossaram, o ideal criou corpo maior e criou raízes na esperança e na realidade. Hoje, essas forças estão organizadas para lá da Europa — no solo francês de Argel, tomaram forma e constituem uma excelente contribuição ao lado das Nações Unidas.

E uma das obras mais interessantes efectuadas pelos franceses livres é, sem dúvida, a criação dum Centro de Readaptação, onde os soldados e os marinheiros franceses, feridos em combate ou doentes, são educados para o recomeço da vida normal e preparados para o trabalho de depois da guerra.

Em Outubro de 1941, o coronel Béranger, antigo professor de química na Universidade de Paris, e o célebre artista belga Joseph Lacasse, foram convidados pelo general De Gaulle a instalar em Finedon Hall, solar deshabitado nas Midlands, um Centro de Readaptação para os combatentes franceses, que transformasse homens praticamente inutilizados em indivíduos aptos a tomar parte na grande tarefa de reconstrução mundial a levar a efeito, uma vez findo o conflito actual.

Depois dum trabalho árduo, Finedon Hall voltou a ser um local habitável e começou então a instalação dos combatentes franceses, doentes ou estropeados. Alguns deles encontravam-se em condições muito precárias: doentes, feridos, sem braços ou pernas, surdos ou sofrendo ainda de grandes perturbações nervosas; muitos, ainda, manifestavam uma apatia absoluta, sem fé nem interesse pela vida. Quasi todos eles tinham a família na França ocupada. A tarefa de readaptação era, portanto, delicada. Mas, para a levar a cabo, criou-se uma série de oficinas, surgiu uma fundição, uma sapataria, uma carpintaria. Instalaram-se teares, montaram-se laboratórios para os mais cultos. Muitos dos internados dedicaram-se com entusiasmo às fainas do campo, cultivaram hortas, criaram aves de capoeira, porcos e cabras.

A organização vive dos seus próprios meios. Os ganhos de cada um são gastos em comum. Metade do total é dividido pelos internados. O resto fica de reserva para aqueles que, uma vez preparados para a vida, buscam fora do Centro uma ocupação conveniente.

Os doentes e os mutilados escolhem o trabalho que preferem. O Centro de Finedon é hoje uma organização notável. Respira-se ali felicidade e espírito de camaradagem. As refeições, oficiais e soldados, empregados de carteira e criados, abancam à mesma mesa.

A França Combatente prepara, assim, o seu futuro, o seu dia de amanhã, para que os homens não encontrem na paz os ressaibos amargos desta guerra terrível que todos nós vivemos.



Estes dois internados em Finedon Hall entregam-se à criação de animais domésticos. O cabo Jean Murray, do Norte de Africa (à esquerda), e o cabo Pierre Lefer, que fugiu de França em 1940, vêem-se aqui dando de comer aos coelhos, que eles tratam com desvelo.



Dois cabos do exército francês, um do Norte de Africa e outro fugido de França em 1940, actualmente internados em Finedon Hall, cuidam das cabras com grande carinho.



Finedon Hall, solar deshabitado nas Midlands até 1941, hoje transformado em Centro de Readaptação para os feridos e estropeados da França Combatente. A foto mostra-nos alguns dos internados no campo de jogos.



Joseph Lacasse, no mesmo curso de Belas Artes, dirige aqui o trabalho dum dos seus alunos: um medalhão do coronel Black, funcionário do Ministério da Guerra britânico.



O coronel Béranger, antigo professor de química na Universidade de Paris, depois de dirigir a instalação dos laboratórios no Centro de Readaptação de Finedon, ensina os alunos. Para o prosseguimento dos seus estudos sobre doenças tropicais, o coronel Béranger mantém um aviário com 80 capões. Vemo-lo aqui inoculando micróbios da malária numa dessas aves.



A hora do descanso dos feridos da França Combatente que estão a ser tratados no Centro de Readaptação de Finedon. No primeiro plano, vemos o cabo Zanilla, ferido em Dunquerque, preparando-se para lançar a bola num dos magníficos relvados daquela propriedade.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXIII - a campanha da Rússia

A BATALHA DE MOSCOVO

A batalha de Moscovo, iniciada durante o verão de 1941, prosseguida durante o outono e terminada no começo do inverno, forma, com as batalhas já descritas, das fronteiras, de Smolensco e da Ucrânia, o quadro geral dos grandes recontros travados entre as máquinas militares do Reich e da U. R. S. S. durante a primeira fase da campanha levada ao território deste país. O ataque e o cerco às grandes cidades (Leninegrado, Sebastopol e Estalinegrado) constituem, na campanha da Rússia, um capítulo à parte que, como tal, merece ser tratado e comentado.

De todas as batalhas travadas em território russo, a batalha de Moscovo foi, até ao cerco de Estalinegrado, a mais importante e aquela que se revestiu de consequências mais significativas. Foi ela que determinou todo o curso da campanha até que, em Maio do ano seguinte, a ofensiva alemã se renovou. Nela se empenharam as forças principais dos dois exércitos que, pela grandeza dos seus efectivos e pela extensão dos meios técnicos que utilizavam, eram, a uma grande distância de todos os outros, os maiores do mundo.

A luta pela posse da capital soviética prolongou-se ao longo de dois meses e meio. No seu decurso, a tenacidade dos chefes militares alemães e soviéticos foi duramente posta à prova bem como a bravura dos seus soldados. Sob esse ponto de vista, ela não sofre comparação com as batalhas anteriores de Smolensco e da Ucrânia. Dum e doutro lado havia o convencimento de que da sua decisão podia depender, como efectivamente dependeu, a evolução da campanha da Rússia e o desenvolvimento e desenlace da luta. E essa circunstância que lhe dá um lugar à parte no quadro geral da luta gigantesca travada pela Wehrmacht, a leste.

«Na batalha de Moscovo — escreveu um autorizado crítico militar — os dois exércitos empenharam o máximo da sua força, empregaram toda a sua habilidade e puseram em linha todas as suas reservas. A ofensiva germânica e a defensiva soviética atingiram o paroxismo.» Estas características são, de resto, assinaladas por todos que tiveram de se ocupar da batalha e da sua decisão.

UMA BATALHA DECISIVA

O Alto Comando alemão concebeu, planeou e executou a batalha de Moscovo partindo do princípio de que dela dependia a decisão da luta. O seu objectivo definitivo era conseguir o aniquilamento da máquina militar do adversário e, como consequência imediata, a posse da capital política do país a que fazia a guerra. Na proclamação que dirigiu às suas tropas em 2 de Outubro, quando a fase capital da batalha de Moscovo se iniciou, o Fuhrer exprimia, sem reticências quanto à natureza do esforço que exigia de todos os homens empenhados na decisão: «Hoje começa a última e a decisiva batalha deste ano. Com ela pretendemos destruir, para sempre, o inimigo. Dentro de poucas semanas todas as suas regiões vitais estarão nas nossas mãos, para sempre.

Nenhuma dúvida havia quanto à magnitude da tarefa que a Wehrmacht ia enfrentar e que devia estar concluída antes que o inverno chegasse: ocupação de Leninegrado e Moscovo e da bacia do Donetz e batalha final de cerco para aniquilar a máquina militar inimiga. Realizados esses objectivos, a luta no continente europeu devia considerar-se terminada. O Reich podia utilizar, em pleno, os recursos do



O Dr. Otto Dietrich, chefe dos Serviços de Imprensa do Reich, fez, então, aos formalistas, uma importante comunicação sobre a marcha das operações em Moscovo.

continente para travar o duelo final com a potência imperial e industrial dos anglo-saxões.

Os preparativos para a batalha de Moscovo, preparativos cuidadosos e por menorizados realizados de acordo com as tradições do comando alemão, começaram logo que se considerou terminada a batalha de Smolensco. «Todos os preparativos, dizia na sua proclamação o Chanceler do Reich, nos limites da previsão humana, foram feitos. Passo a passo, realizámos as operações preliminares que nos permitem agora dar o golpe de misericórdia.» Estas palavras correspondiam a uma realidade que só podia suscitar dúvidas nos espíritos pouco habituados a acompanhar a minúcia e a meticulosidade dos preparativos militares alemães quando se trata de empenhar uma acção decisiva. No caso da batalha de Moscovo, a reputação do Alto Comando confirmou-se inteiramente.

A EXTENSÃO DOS PREPARATIVOS

Ao iniciar-se a batalha, a Wehrmacht tinha do seu lado a vantagem duma concentração total e impecável do seu potencial militar. Escolhera cuidadosamente as armas ofensivas que ia empregar, beneficiava, tanto quanto possível, do efeito de surpresa e acabara por adoptar, para a sua penetração, uma direcção que lhe parecia inteiramente adequada à realização dos objectivos que tinha em vista.

Sob o ponto de vista das concentrações de material pode dizer-se que, no sector em que a batalha ia desenrolar-se, se haviam concentrado quatro quintos das forças blindadas e dois terços da aviação. Mais de metade das divisões de infantaria empenhadas na frente leste deviam, apoiadas por aquelas armas, realizar o assalto definitivo.

Numa frente de cerca de seiscentos quilómetros, entre Kalinine e Orel, o núcleo principal das forças soviéticas ia defrontar uma tentativa de cerco e de aniquilamento, escrupulosamente preparada e servida por uma acumulação de meios materiais como nunca até ali se realizara. O plano alemão previa o cerco desse núcleo principal das forças soviéticas em dois tempos e em dois lugares: Briansk e Viazma. A totalidade das forças que conseguissem escapar ao abraço da Wehrmacht, seria aniquilada num grande movimento de pinça que se estenderia de Kalinine a Orel, enquanto uma ponta se dirigiria para a capital soviética completando a batalha pela ocupação da cidade.

O sector central da frente transformar-se-ia, rapidamente, num único campo de batalha. O aniquilamento dos exércitos soviéticos, que o guardavam, teria como consequência imediata o isolamento dos grupos de exércitos do norte (sector de Leninegrado) e do sul (Ucrânia) os quais, reduzidos às suas próprias possibilidades, não deixariam de ser rapidamente batidos.

Tratava-se dum plano grandioso que resuscitava a memória de Schlieffen mas que empenhava na decisão forças incomparavelmente maiores e recursos incomparavelmente mais valiosos do que aqueles que tinham sido empenhados pela Alemanha nas grandes batalhas travadas em França durante a conflagração de 1914-18.

AS FASES DA BATALHA

Na evolução da batalha de Moscovo costumam considerar-se quatro fases que se desenrolaram, sem interrupção e sem soluções de continuidade: a primeira (1 a 20 de Outubro) foi caracterizada pela rápida progressão dos atacantes que conseguiram êxitos incontestáveis utilizando, em pleno, as vantagens da iniciativa; a segunda (20 de Outubro a 15 de Novembro) foi assinalada por uma estabilização da linha da frente, continuando, porém, a iniciativa a ser detida pelos atacantes; a terceira (15 de Novembro a 6 de Dezembro) foi preenchida por um segundo ataque em massa da Wehrmacht; a quarta, e última, foi o contra-ataque russo que arrebatou a iniciativa à Wehrmacht pela utilização, em escala inesperada, das reservas acumuladas na região de Moscovo e a favor das condições criadas pela chegada do inverno.

A frente russa tinha sido cuidadosamente preparada, na perspectiva dum assalto definitivo de envergadura, durante todo o tempo em que esteve a travar-se a batalha de Smolensco. Numa semana, o sistema defensivo assim cuidadosamente preparado, foi obrigado a ceder perante o ímpeto da ofensiva alemã. No fim dessa primeira semana de luta, havia a impressão generalizada de que o assalto

ia liquidar-se por uma vitória total das armas alemãs. A retirada do grupo de exércitos soviéticos, acumulado na região de Moscovo, realizada sob a pressão irresistível da Wehrmacht, parecia não ter fim.

A parte principal nessa fase da luta foi desempenhada pelas divisões «Panzer» de Guderian que, como vimos, haviam sido chamadas a decidir a batalha da Ucrânia pela ocupação de Kiev. Essas divisões percorreram, rapidamente, a distância de cerca de quatrocentos quilómetros que as separava do sector central da frente e dirigiram-se a Orel. A ocupação de Orel e a ocupação, que não tardou a verificar-se, de Briansk significavam que a capital soviética, ao mesmo tempo que se encontrava ameaçada de envolvimento pelo sul, tinha sobre si a ameaça dum ataque frontal partindo da última daquelas cidades.

A penetração realizada pelas forças blindadas e apoiada, segundo o modelo clássico posto em prática pelos alemães nas campanhas anteriores, traduziu-se rapidamente pela ameaça de cerco de três exércitos soviéticos em Briansk, Viazma e Sartevo.

UMA SITUAÇÃO DESESPERADA

O grupo de exércitos soviéticos, inicialmente comandado por Timochenco, estava, no fim dessa primeira semana de luta, numa situação desesperada. Em Berlim contava-se com a decisão próxima. Isso explica a declaração feita, no dia 9 de Outubro, aos correspondentes dos jornais estrangeiros na capital do Reich, pelo chefe dos serviços de Imprensa, dr. Otto Dietrich: «Com o aniquilamento do grupo de exércitos do marechal Timochenco está decidida a luta, a leste. A decisão e os seus desenvolvimentos realizam-se segundo a vontade do Alto Comando alemão. Sob o ponto de vista militar, é legítimo dizer que a União Soviética deixou de contar como um valor prático. O Comando soviético já neste momento não tem à sua disposição unidades com a mais pequena liberdade de movimentos. As divisões russas, que foram lançadas contra a Yehrmacht e que agora se encontram cercadas, eram, de facto, as últimas que o comando soviético podia utilizar. O Fuhrer, que concebeu pessoalmente o plano da campanha e o esmagamento do bolchevismo, acompanhando o desenvolvimento da luta em todas as suas fases, não dará ao inimigo a mais pequena trégua que lhe permita uma recuperação.»

Até que ponto correspondiam estas palavras às realidades no campo de batalha? A verdade é que elas traduziam uma apreciação da situação porventura pouco realista mas que, nas suas linhas gerais, não deixava de acentuar uma verdade: a situação desesperada das forças soviéticas empenhadas na batalha, ao fim duma semana de luta. Ao mesmo tempo, as palavras do dr. Otto Dietrich serviam para confirmar, oficialmente, que era bem do aniquilamento total do inimigo que se tratava para os alemães, aniquilamento a realizar antes da chegada do inverno, com a realização da batalha de Moscovo.

No dia seguinte, 10 de Outubro, o general von Westhofen escrevia: «A verdade é que se deu o inconcebível. A máquina militar soviética foi destruída antes da chegada do inverno.» Tudo parecia indicar que a decisão não tardaria.

O COMUNICADO OFICIAL

No dia 18 de Outubro, o comunicado oficial do Alto Comando alemão confirmava as perspectivas enunciadas nas declarações do dr. Otto Dietrich e no artigo do general Westhofen. Segundo esse comunicado, as operações de cerco previstas para as áreas de Briansk e Viazma tinham-se concluído por uma vitória completa das armas alemãs, o grupo de exércitos de Timochenco (composto de oito exércitos) tinha sido praticamente destruído, o material apreendido era incontável e tinham sido feitos mais de seiscentos mil prisioneiros de guerra.

Foram esses oito exércitos que mais tarde (em 6 de Dezembro) iniciaram a contra-ofensiva soviética, o que significava que a sua destruição não devia considerar-se total, embora fôsse muito avultadas as perdas sofridas por eles em homens e material. Mas o Alto Comando alemão estava convencido de que a rudeza dos primeiros golpes desferidos fôra tal que nenhuma máquina militar seria capaz de resistir às suas repercussões próximas e imediatas, e estava sobretudo convencido da superioridade do seu plano de campanha que, em última análise, devia trazer a vitória sem grandes demoras.

Nos doze dias que se seguiram, antes que terminasse a primeira fase da batalha, a Wehrmacht pôde constituir, em volta da capital soviética, um verdadeiro anel de aço que tinha as suas extremidades em Kalinine e Orel e cuja ponta central avançava em direcção a Moscovo colocando-se a uma distância de cerca de cem quilómetros desta cidade. Isto significava que, numa semana, as forças alemãs tinham realizado um avanço que variava entre cento e oitenta e duzentos e cinquenta quilómetros.

Os comunicados soviéticos, em contraste com o optimismo das informações que partiam de Berlim, começavam a revelar um pessimismo crescente. No dia 15, o comando russo anunciava que a situação em Mozaik não deixava de se agravar. A tática alemã, até essa altura, tinha resultado plenamente, servida por penetrações audaciosas de forças blindadas que separavam e isolavam o inimigo para depois o cercarem e aniquilarem.

A FRENTE ESTABILIZADA

Mas no dia 20 os russos tinham-se adaptado à tática alemã e realizavam contra-ataques locais que, embora não concluíssem por êxitos espectaculosos, se traduziam por uma estabilização evidente da linha de batalha que, até essa altura, apresentara um carácter de fluidez.

A primeira e mais urgente tarefa do comando soviético consistia em libertar as forças importantes que se encontravam em Briansk e Viazma ameaçadas de cerco. Este, ao contrário do que se supusera, não tinha podido ser, em nenhum dos casos, completamente realizado. No caso do exército que se concentrara em Briansk, e que era o que se encontrava mais ameaçado, o auxílio teve de partir de forças acumuladas na região de Kaluga-Kozelsk, as quais, mercê de contra-ataques reiterados, puderam conservar um corredor aberto por onde as forças ameaçadas de cerco se escaparam.

O Comando russo, realizando uma guerra móvel em posições previamente escolhidas, elevando ao mais alto grau o emprêgo eficaz das armas e dos novos métodos de luta anti-«tank» e combinando, num grau nunca atingido, o emprêgo das armas ofensivas para a realização duma estratégia defensiva, conseguira deter o ímpeto da ofensiva alemã.

Mas esse período de relativa estabilização que, como dissemos, se prolongou entre 20 de Outubro e 15 de Novembro, não significou, na batalha de Moscovo, nada que se parecesse com uma guerra de trincheiras. A estabilização era o produto de ataques e contra-ataques ininterruptos, conduzidos com um vigor idêntico pelos dois adversários, que nêles empregavam material e reservas humanas em quantidades crescentes.

O potencial das forças e dos meios empenhados equilibrava-se. Essa era a única interpretação que devia ser dada à fase de estabilização que, durante vinte e cinco dias, se registou na batalha de Moscovo. A prosseguirem as condições que nessa altura se verificavam, era para um «match» nulo que os dois beligerantes se encaminhavam, solução que de maneira nenhuma podia convir ao Comando alemão, empenhado, como vimos, em conseguir uma decisão antes que o inverno chegasse.

OFENSIVA E CONTRA-OFFENSIVA

A segunda grande ofensiva da Wehrmacht iniciou-se em 16 de Novembro. Nela foram empregadas trinta e três divisões frescas de infantaria, treze divisões blindadas e cinco divisões de infantaria motorizada. O poder das divisões blindadas aplicado num espaço relativamente restrito devia considerar-se sem precedentes.

A ala esquerda do dispositivo alemão avançou em direcção a Moscovo, desde Kalinine até Klim, ou sejam aproximadamente cento e trinta quilómetros. As divisões blindadas que a constituíam encontravam-se, em 24 de Novembro, a sessenta quilómetros da capital soviética. A ala direita, depois de ter ocupado Tula, avançara até Venev. As duas asas da tenaz alemã fechavam-se inexoravelmente sobre Moscovo, enquanto a flecha central realizava um esforço supremo para se aproximar da cidade.

Entre Klim e Venev a batalha prosseguiu, impiedosa, durante doze dias. No dia 5 de Dezembro, as duas alas do dispositivo alemão em volta de Moscovo estavam separadas por uma distância mínima, cerca de vinte quilómetros. A pressão dos atacantes tinha atingido o paroxismo. O pessimismo dos comunicados soviéticos acentuava-se e os apelos multiplicavam-se. A ocupação de Moscovo era considerada iminente, em toda a parte.

No dia 6 de Dezembro, as forças soviéticas, apoiadas em poderosas reservas acumuladas na região de Moscovo, desencadearam uma contra-ofensiva que utilizou ao máximo o efeito de surpresa. Os atacantes parece terem sido colhidos pelo ímpeto dos contra-ataques desencadeados, em pontos opostos e distantes. O comunicado alemão do dia 7 anunciava que a marcha das operações, a leste, passava a estar dependente das circunstâncias do tempo. A campanha da Rússia ia prosseguir. Nesse mesmo dia os japoneses atacavam em Peal Harbour. A guerra degenerava em conflagração mundial. A sua decisão distanciava-se, cada vez mais.

(Continua)



Como Orel, a outra ponta extrema da linha de combate pela conquista de Moscovo, Kalini sofreu também a dureza dos ataques alemães.

Sinal



trata os grandes **ou**
problemas que agitam
a Europa e o Mundo!

SIGNAL - die moderne
SINAL - revista moderna
da nossa época!
delas Ilustrações

Esc 2500

PELES

A primeira casa especiali-
zada do país.

Manolita

APRESENTA:

Preciosos modelos e peles para
a primavera.

Os seus ateliers, onde se trabalha
exclusivamente em peles, são dirigidos
por técnicos estrangeiros especializados.

Apesar da categoria de CASA DE PRIMEIRA ORDEM vende
a preços acessíveis.
RUA RODRIGUES SAMPAIO, 160
Telefone 40961

composição / Mentolum 8 grs - Methylum Salicylicum 6 grs
Lanolinum Anhydricum 16 grs



**O mais antigo Analgésico
de resultados seguros**

Um medicamento que deve existir em tôdas as casas.
Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em tôdas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

MUSICA

em discos

Os verdadeiros apreciadores
de música não podem depender
dos programas da rádio. Este
facto é demonstrado pela pro-
cura sempre crescente que os
discos têm em todo o Mundo.

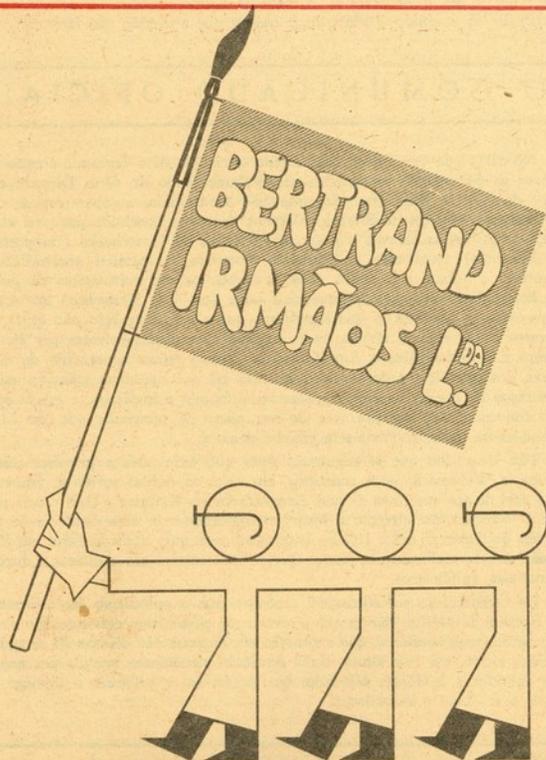
Um **DISCOFONE** com
mudança automática de discos
GRANDES e **PEQUENOS** em
conjunto com o receptor de rádio
e uma coleção escolhida dos discos
de maior agrado do amador permite ter
sempre a *música que se quer*
e *quando se quer*.

As obras musicais em 3 ou mais
discos têm acoplamentos especiais
permitindo ouvir concertos, sinfo-
nias, óperas, etc., sem ter que
se mudar disco a disco.



Visite-nos e gostosamente
damos todos os informes,

EST. VALENTIM DE CARVALHO — Rua Nova do Almada, 97

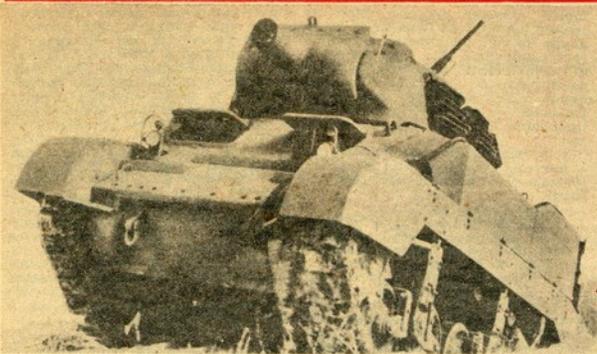


Os maiores ateliers gráficos do país

TELEF. P. B. X. | 2 1368
| 2 1227

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27
LISBOA

NOTAS DE GUERRA



Éis a última novidade da guerra: o M-8, do exército norte-americano, munido de um canhão de 75 milímetros e de metralhadora anti-aérea de 3 milímetros. Este «tank», segundo revelaram alguns oficiais americanos, entra em acção juntamente com o M-5 tendo, sobre este, no entanto, grandes vantagens de precisão e ligeireza.



A abertura do Parlamento sueco é sempre um grande acontecimento político e social. Como nota curiosa, dir-se-á que principia sempre por um officio religioso a que não deve faltar o rei, acompanhado dos elementos oficiais e dos membros da família. Aqui vemos, da direita para a esquerda: o príncipe Carlos, o príncipe Carlos-João, o rei Gustavo, o príncipe herdeiro Gustavo Adolfo e os príncipes Guilherme e Eugénio.



Rommel continua as suas largas peregrinações ao longo da costa atlântica. Poucos como ele, general vencido em condições honrosas, dispõem de tamanha popularidade, simpatia e confiança dos chefes e do povo. Aqui o vemos à saída de um hospital da Mancha, quando recebia um ramo de flores oferecido por esta gentil enfermeira.

FIGURA DA VIDA MUNDIAL



GÊNERAL GEORGE PATTON — Eis um dos mais conhecidos, popularizados, simpáticos e discutidos militares americanos, actualmente em acção na Itália. Foi o preconizador das batalhas de «stanks» e, por isso, instruiu numa tática nova, os soldados do seu país. A instrução era, de resto, ministrada com um entusiasmo todo particular, em que o próprio instrutor tomava parte activa, entusiasmando os soldados e promovendo uma popularidade justa. Patton passa por ser um soldado leal, franco, mas impulsivo e violento. Por isso ainda há meses esteve envolvido num escândalo de repercussões severas, por ter dado uma bofetada num subalterno. Sempre acompanhado da metralhadora portátil, viajando quasi sempre em carros blindados ou em «stanks» — ele é o comandante geral das forças blindadas americanas incorporadas no 5.º Exército actualmente em Itália — o seu dinamismo é tão grande como a sua coragem e a sua presença de espírito. Por isso os homens que o acompanham correm cegamente todos os riscos: Patton vai sempre na frente, a infundir confiança...

TANIA

Uma Novela de M. G. Borges

Desenhos de Rudy

ESTA é a história que eu ouvi a uma rapariga polaca, a bordo de um vapor inglês, em viagem para a América, três meses depois de estar a guerra.

Chamava-se Tania, e tinha os olhos mais meigos e mais tristes que eu tenho visto. Durante a viagem, tinhamo-nos procurado naquela inconsequente camaradagem de todos que viajam no mesmo barco, isolados do mundo e em busca de outro mundo. Mas, naquele anoitecer de Novembro, creio que lhe ofereci um cigarro e que falámos do mar tão involuntariamente calmo.

— Já resolveu o seu itinerário? — perguntelhe.
— Não!... — respondeu com indiferença, desviando o olhar para o horizonte.

Por algum tempo, ficámos silenciosos. E, meditando na sua tristeza, perguntelhe:

— Tem saudades da pátria?
Ela teve um sorriso mais triste:
— Olhe bem para mim... O meu rosto só por si não lhe diz tudo?

— Sim... você parece ter sofrido muito... Tania voltou a sorrir. Eu não sabia afinal por quê, mas sentia que a sua alma tinha necessidade de se abrir para uma confiança terrível e dolorosa. Pegou-me, então, na mão e apontou-me o caminho:

— Vamos para a prosa... lá está mais fresco e fala-se mais à vontade...

A lua estava a nascer e a sua luz pálida e suave espalhava-se pelo convés. Tania sentou-se. A sombra do mastro incidia sobre a sua cabeça mas, como havia um ligeiro balanço, de quando em quando o luar chegava-lhe aos cabelos loiros, platinando-os tal como mais adiante se reflectia sobre as cristas brancas das ondas. Vagarosamente, numa voz sumida e cicliante, a minha companheira de viagem começou, como se fosse a contar-me uma história de romance:

«Vivíamos em Wilna, na Polónia. Meu pai era director de um Banco e minha mãe, como eu, chamava-se Tania. A nossa casa ficava um tanto afastada da cidade. Da minha janela eu podia avistar, ao longe, na curva do rio, os barcos que subiam e desciam. Eramos felizes, porque todos gozávamos saúde e dinheiro para viver com comodidade. Dizia-se que a guerra se aproximava... mas eu nunca pensei muito a sério nisso... não compreendia que vantagem teria a humanidade numa guerra...

Depois, em casa, começou a dizer-se que lá haveria uma grande novidade na família... Eu tive logo o pressentimento da verdade. Depois de eu nascer minha mãe esteve dezasseis anos sem «bebés»... Quando eu soube que ia ter um irmãozinho, não calcula o médo que se apoderou de mim. Uma certa curiosidade levava-me a desejar o acontecimento mas, acima de tudo, temia que acontecesse alguma coisa a minha mãe... O meu temor era tal que passava dias quasi sem comer.

— Que tem essa pequena? — exclamava minha mãe.

— Nada, mamã... Não me apetece comer...

Nunca confessei a razão das minhas preocupações. Sabia que todos se ririam. Pois que sabia eu dessas coisas, para poder ter cuidados? Mas às vezes, durante a noite, acordava de sonhos horríveis, via minha mãe morta, meu pai a chorar, um alvoroço trágico em toda a casa... Sentava-me na cama, apoiava a cabeça entre os punhos e ficava a pensar... Tantas mulheres têm os seus filhos e não morrem... Porque havia a mamã de morrer?... Mas logo me surgiam outros pensamentos... A mamã já não era nova... As vezes toma remédios para o coração... Quem sabe se irá resistir... E a minha angústia multiplicava-se. Eu era louca pela minha mãe, julgo mesmo que excedia os limites do normal. A mais pequenina coisa que lhe sucedia — uma cons-

tipação, por exemplo — era suficiente para me atormentar... Você pode, portanto, calcular a minha comoção quando meu pai me disse:

— Tania... uma surpresa... já nasceu...

— E a mamã...?

— A mamã está bem... vai vê-la...

Entrei a tremer no quarto. Minha mãe, muito pálida, sorriu-me e, levantando um «embrulhinho» que tinha a seu lado...

— Não é bonito, Tania?

— É lindinho... — e não pude conter-me mais. Comecei a chorar...

— Que é isso? — perguntou minha mãe.

— É porque estou muito... muito contente, mamã...

Só então reparei que havia no quarto uma terceira personagem...

— Vamos... Então está a chorar?... Era a doutora. Não a conhecia e fiquei surpreendida por momentos a olhá-la.

Ouvi minha mãe dizer-lhe: «Minha filha...».

— Que engraçada! — exclamou ela. — Parecem irmãs...

Decorreram uns dias. Tudo seguiu bem. A médica vinha duas vezes por dia, de manhã e à tarde. Pude então reparar que ela era uma linda mulher, extremamente elegante e vestida com muito bom gosto. A bata branca, que envergava antes de entrar no quarto, ficava-lhe muito bem...

Eu própria pensei, em certa ocasião, que havia de estudar medicina...

Um dia, porém, notei que meu pai se demorava a falar, com ela, na sala. Uma idéia terrível cruzou o meu pensamento. Procurei disfarçar-lhe o melhor possível... Meu pai seria incapaz de tamanha infâmia... Era até ridículo pensar em tal...

Entretanto, aconteceu uma coisa horrível. Uma manhã, a mamã apareceu com febre. A médica foi mais cédo, esteve muito tempo a observá-la e declarou, finalmente, não ser nada de cuidadosos...

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

Depois, desceu à sala e aí ficou a falar com meu pai. Do meu quarto, ouvia galhofar e rir... Atormentada com o estado de minha mãe, aqueles risos feriram-me o coração como se fossem setas. E, desde esse dia, passei a odiar a médica com todas as forças do meu ser.

é uma especialista, ninguém pode tratar melhor a mamã.

Não respondi e retirei-me para o meu quarto. Tive a impressão de que meu pai não se queria desfazer da médica... provavelmente porque gostava de vê-la todos os dias... Esta idéia enlouquecia-me. A tarde, ela chegou. Esteve pouco tempo e saiu apressadamente. Isto fez-me suspeitar que a mamã piorara e quis ir vê-la. Mas meu pai impediu-me:

— Não podes ir agora... A mamã está a descansar... A médica deu ordem para ninguém a perturbar...

Insisti... não, eu tinha de ver a mamã... Não queria que matassem a mamã... Meu pai tinha um génio tão terrível que não suportava a mais pequena oposição. Exaltou-se com as minhas palavras e fez o que nunca até aí tinha feito: deu-me uma bofetada. Retirei-me a chorar transida de médo e de dor. Daí a pouco a criada Ana bateu à porta:

— Menina... a mamã vai para o hospital... vão fazer-lhe uma operação...

Sai como louca e, no corredor, deparei com quatro enfermeiros que levavam minha mãe numa maca.

— Mamã... Mamã querida!

Apertei-a contra mim, até que, à força, me afastaram. Ainda a ouvi dizer: «Filha, não é nada... não estejas assim...». Ao outro dia, recebi a notícia fatal. Minha mãe falecera durante a operação.

* * *

Tânia levou as mãos aos olhos como a afastar uma idéia trágica:

— «Não é necessário dizer a minha dor. Era como se o coração se me tivesse estalado no peito! Não quis ver mais ninguém. Encerrei-me no meu quarto e só à box Ana permiti

(Continua na pág. 30)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA — TEL. P. B. X. — 25844